NATIONALBIBLIOTHEK
IN WIEN
156285-B
NEU-

144. F. 4.

Österreichische Nationalbibliothek
+Z257087106

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

ENLEVOS.

Digitized by Google

Digitized by Google

ENLEVOS

POR

FRANKLIN AMERICO DE MENEZES DORIA

ESTUDANTE DO QUINTO ANNO

DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE.

PERNAMBUCO
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua do Collegio n. 18.
1859.

156285-B

Digitized by Google

Digitized by Google

A MEU PAE

E

A MINHA MÃE.

Digitized by Google

Digitized by Google

O distincto poeta, que hoje publica os delicados cantos que se vão ler sob o nome de Eulevos, teve a generosa idea de offerecer o seu producto inteiro á Associação Typographica Pernambucana.

Não pertence á modesta Associação Typographica de Pernambuco dizer aqui o que sentiu ao ler os Eulevos do Sr. Franklin Doria, quando o manuscripto lhe foi apresentado, para se dar á estampa; nem por outra parte, por mais independente que fosse o juizo da Associação sobre estes hymnos, em um documento que tem por objecto mostrar a gratidão dos Artistas Typographos ao Sr. Doria, deixaria de ser tachado como uma lisonja obrigada, ao nobre acto que elle acaba de praticar.

Digitized by Google

Deixando, portanto, este dever a juizes competentes, que não faltarão em todo o Imperio, a Associação Typographica Pernambucana se limita a registrar aqui o seu reconhecimento ao illustre poeta, cujas harmonias tão conhecidas e tão festejadas são já em todo o Brazil, e a quem a Associação pede licença para inscrever o nome de Franklin Doria na lista dos seus Socios Honorarios, como um acto de perfeita justiça.

Julho de 1859.

Digitized by Google

PROLOGO.

Consta o presente livro de uma collecção de cantos, cujas datas abrangem o periodo d'estes ultimos cinco annos.

Recordar o logar e a occasião em que foram escriptos, é de alguma sorte facilitar ao leitor o indispensavel commentario, porque melhor interpréte e entenda estas paginas singelas da minha juventude.

Quanto ao logar, folgo de declarar, que meus versos quasi todos vieram á luz bem longe do tumultuar dos homens, no seio perfumado das solidões campestres. Foi em uma ilha pittoresca e a mais bonita de um gruposinho, derramado, com a inimitavel symetria com que são dispostas as coisas da natureza, pelas aguas aniladas da vasta bahia de Todos-os-Sanctos.

Esta ilha, em cujo interior se condensam formosas florestas e se alargam floridos valles ; cujas costas são povoadas por centenares de casinhas de pescadores ; an-

Digitized by Google

tiga propriedade de meus antepassados, na maior parte de seu territorio, coube por successão, conforme a caduca lei dos morgados, a meu Pae, e é a sua residencia, ha bom par de annos. Ahi foi onde nasci : e praza a Deus, que quando bater a hora extrema de minha peregrinação de dores, a sepultura eu a encontre ahi tambem, sôbre o oiteiro imminente ao mar, á sombra da edosa capellinha, e ao pé do curto jazigo de minha irman! É a minha « ilha encantada » ; porém sem outras feiticeiras mais, do que as morenas camponezas, ingenuas e joviaes ; e sem mais outras delicias, que não sejam os aromas das moitas circumvisinhas, a sombra e o fresco das mangueiras, os sonoros cochichos das palmas do coqueiro, o azul transparente de um ceu desannuviado, a misturar-se imperceptivelmente com o verde das sumidades dos montes longinquos, e a espelhar-se na superficie de um estreito canal.

Com que impaciencia eu volvia ás praias da ilha, depois de concluir os meus trabalhos escolasticos do anno lectivo, na Faculdade de Direito d'esta cidade! Era, observadas as devidas proporções, a scena viva da passagem, do poeta florentino, da região sombria do purgatorio para o recinto luminoso e bemaventurado do paraiso. A meus olhos se patenteava um pequeno mundo, que eu achava sempre bello, sempre novo, embora o conhecesse desde pequenino, e, longe d'elle, em uma quasi solidão de exilio, o trouxesse todo estampado na mente com lagrymas de saudade. N'esses sitios, de mim tão queridos, operava-se em minha natureza physica e moral uma profunda modificação, uma especie de resurreição dupla, produzida pelos ares sadios do campo e pela presença dos entes que me são mais caros.

A frequencia das leituras scientificas, em que eu en-

Digitized by Google

tendia durante o anno, antes obrigado pela necessidade de uma occupação qualquer, do que pelo amor ao estudo, tornava-me sêcco e taciturno. O *Corpus Juris* e as Ordenações do Reino concentravam-me o espirito nos textos latinos e portuguezes a ponto, que fóra d'isto quasi que mais nada me attraia a attenção. Meu pensamento arrastava-se desfallecido e moribundo, como que preso por ligas de ferro. Quando alguma vez um esfôrço de consciencia vinha arrancar-me d'este pesadello juridico, confesso que me tinha horror a mim mesmo, e como o poeta ao Corydon, lastimava minha demencia. A ilha era o abrigo providencial que me preparava o destino, para restaurar-me as fôrças gastas do corpo, e renovar-me as de espirito, que vergava ao pêso da tristeza e do tedio.

Dir-se-hia que, depois de tantas fadigas, o ceu querendo recompensar-me, se interessava directamente pela minha ventura.

Por uma coincidencia deliciosa acontecia, que desapressado da tarefa de meu exame, que caía para os fins de novembro, eu chegava á ilha nos lindos dias de verão. — A perspectiva dos campos era risonha e fresca. A estação das graças e das flores derramava sôbre ella as tintas fortes e deslumbrantes de sua palheta mimosa. O sol, roçando com os raios vivamente luminosos as campinas, os riachos, as vargens, os bosques, as praias, as ondas, convertia tudo em oiro puro, como o rei Midas da fabula. A sicopira, uma das arvores symbolicas dos nossos matos, enfeitava-se de floresinhas roixas, como de um veu de viuvez: cadauma das outras arvores parecia um vasto e harmonico ramalhete, que impregnava a atmosphera de exquisitos perfumes. De momento a momento ouviam-se gorgeios, trinados á porfia por

Digitized by Google

bandos de passaros de differentes familias ; o borborinho das vagas do canal ; um som mysterioso que partia da espessura ; um como soluçar de saudade, que trazia de longe a viração que refrescava. Era a musica da solidão.

Ora, em uma linda manhan, eu subia pelos oiteiros, e d'ahi esperava pelo raiar do sol, para fitá-lo na intensidade de seu brilho. O raiar do sol é a scena mais animada e alegre, que ainda contemplei, fóra das cidades ; é, portanto, a que mais me tem impressionado. Prefiro-a á do occaso, que é de uma tristeza monotona, que opprime e abafa o espirito. Ora, eu ia ao povoado dos pescadores, rendeiros de meu Pae, escutar-lhes a narração de sua vida do mar, cercada de trabalhos, tempestades e perigos ; entreter-me com a confidencia dos episodios romanescos de seus amores e de suas superstições. Gastava horas inteiras d'este modo, sentado á popa de uma canoa encalhada na areia, ou reclinado sôbre palhas macias, debaixo de uma arvore copada, que elles costumam plantar em frente das pobres habitações, para abrigá-los com a doce sombra, quando levam em terra a concertar seus apparelhos de pescaria, ou a fabricar novos. Outras tardes eu as preenchia com passeios caprichosos pelo centro inculto da ilha, onde vagava á tôa, puerilmente preoccupado do quanto ia vendo e ouvindo. Muitas, emfim, eram destinadas para ligeiras viagens por mar, que eu fazia só, ou em companhia de minha familia, a algum ponto da ilha, ou ás ilhas da visinhança. Boa parte da noite deslisava-se-me em conversações íntimas e faceis, em algum outro entretenimento. Depois, recolhia-me ao quarto, para ler, escrever, scismar.

A ilha era o cofre das minhas mais risonhas reminis-

Digitized by Google

cencias de creança : guardava em si vestigios expressivos de meus tempos passados. Lá estava, perto do tecto paterno, a egrejinha em ruinas, onde a religião, que sanctificára o amor de meus Paes unindo seus dois corações pelo laço indissoluvel das nupcias, purificára a mim e a minha irman da nodoa do peccado do primeiro homem. Era ahi que minha Mãe me conduzia, em pequeno, pela mão, para eu repetir solemnemente em face do altar as breves orações que me havia ensinado. É impossivel que a Virgem do Loreto, milagrosa padroeira da ermida, não acceitasse de bom grado aquelle tributo religioso, exigido á innocencia pela solicitude maternal.

Tudo ao redor de mim fallava-me de meus amores de menino ; se é que tal nome quadra com a inclinação quasi instinctiva de duas almas tenras, incapazes, por consequencia, de se abandonarem aos delirios de um affecto violento e forte, e de supportarem os abalos de uma paixão, qual o amor. A fibra de meu coração que tinha de electrisar este sentimento, ainda estava adormecida. O que houve então foi apenas a convivencia sympathica e folgasona de dois seres angelicos, que não tinham penetrado ainda nos gelos da vida, e que conservavam intacta sôbre suas frontes a aureola de pureza com que saíram do berço.

A imagem ideal do ente sôbre que recaíra meu culto infantil, surgia-me de todas as partes e me acompanhava, como uma sombra dos poemas de Ossian. Eu entrevia, não a mulher pudibunda e reservada, mas a menina de outrora, leviana e feiticeira, a doudejar pela campina, como a borboleta ao meio-dia ; a pular aqui ; a correr alli ; a cair acolá, de caso pensado ; a conversar commigo agradaveis frivolidades ; a beijar-me com ternura ; a fundir sua alma na minha.

Digitized by Google

Várias outras recordações da puericia acudiam-me á memoria, em seguida: quaes eram recebidas com suspiros intimos, quaes com lagrymas, que eu não me atrevia a enxugar. Mas nem lagrymas, nem suspiros tiveram o poder de aniquilá-las, de desbotá-las sequer. O que se gozou, o que se soffreu, o que se sentiu na infancia, fica fechado dentro d'alma perpetuamente, em um logar á parte. Não se mistura com as ideas e sensações posteriores do homem; não se corrompe, não se evapora jamais.

Nunca passei tempos tão agradaveis como esses bons tempos de ferias, esses interregnos do estudante, abundantes de ocio e tranquillidade. Facil adivinhará o leitor quão forte devia de ser a influencia que sôbre mim exerciam. O panorama da natureza e o esplendor da estação arrebatava-me os sentidos : parecia haver entre mim e os seres do universo uma alliança directa e intelligente. O trato com meu Pae e minha Mãe enchia-me de ineffaveis commoções, e servia-me de calmante a certas dores que me devoravam secretamente. A lembrança de minha infancia embalava-me em uma scisma suave. Aquelle communicar com os rudes, mas honrados pescadores, que me tinham visto nascer, que amavam-me devéras, que abençoavam minha existencia, que rogavam a Deus pela minha sorte, era para mim um passatempo dos melhores. Eu sentia uma como fascinação prestigiosa de envolta com tudo isto. As ideas brotavam-me revestidas de um aspecto gracioso admiravel. Minha intelligencia, por uma disposição singular, pendia para o maravilhoso, e d'elle se embriagava. Todos os objectos se me figuravam mergulhados em uma atmosphera de encantos.

Foi n'essas circumstancias, com poucas excepções, que compuz os meus versos, aos quaes me apraz agora

Digitized by Google

dar o titulo geral de —ENLEVOS.— Não sei de outro nome que mais fielmente caracterise o estado de minh'alma, quando os concebeu.

Com relação á natureza de minhas producções, notarei, e o leitor paciente depois o averiguará,— que respiram os mais sagrados sentimentos, como a religião, a liberdade e o amor. Taes foram sempre os mananciaes da poesia. Só quando se exhaurirem, o que é impossivel, é que lhe devem talhar o sudario.

A religião é o echo mavioso do ceu, que pela bocca de minha Mãe repercutiu-me no coração, dês que elle principiou a palpitar. A palavra evangelica, repetida por seus labios, ferindo-me os ouvidos pueris, penetrava lá dentro vibrante e persuasiva. D'esta sorte, ella fornecia-me ao espirito o pão de cada dia, e o fortificava para as luctas futuras. Não sei como agradecer-lhe o terme ensinado cuidosa a levantar as mãos supplices para a Virgem Sancta, que me levava a adorar na capellinha arruinada.

Em um seculo, em que se glorificam os vicios mais hediondos, e se negam cynicamente verdades immutaveis e eternas ; em um seculo, em que se confundem direitos irrefragaveis com abominaveis crimes ; em um seculo, em que se proclama que a vida é a transição natural do scepticismo para o suicidio ; em um seculo, finalmente, em que se livela o Espirito da luz com o anjo das trevas, eu tenho o piedoso orgulho de confessar-me adorador de Deus, isto é, de reconhecer-me homem. Apostolos da incredulidade e da corrupção ! eu não commungo em vossos monstruosos paradoxos. Os capitulos eloquentes de vossos romances, as estrophes esmaltadas de vossos languidos poemas, em resumo, as paginas de todos os vossos livros, que sob uma apparencia

Digitized by Google

seductora escondem abysmos de perdição, não me desvairaram, não me perderam a mim. A lição antecipada de minha Mãe valeu mais que tudo isso. Ella foi previdente em ter-me feito crer, antes que viesseis tentar-me com o veneno corrosivo de vossos sophismas. Sabios ! a palavra rustica de uma mulher timida e fraca pôde mais do que vós, do que vossa penna, do que vossos raciocinios, do que vossa eloquencia. É que ella era o oraculo sincero da verdade, e vós astutamente apregoaes a mentira.

Prezo tanto o ser livre, quanto o ser religioso ; porque a liberdade, como a religião, é um revérbero da omnipotencia divina ; porque tambem é uma verdade triumphante da Redempção. Este verbo das nações bemfadadas, cedo acostumei-me a comprehendê-lo e a ouvi-lo proferir em uma occasião digna de ser mencionada.

O dia 2 de julho de 1823, depois do 7 de setembro de 1821, passa pela data mais bella e memoravel da nossa independencia politica. Recorda a consummação gloriosa da guerra, em que, unisona com o grande commettimento nacional, se empenhára a provincia da Bahia, a patria de Paraguassu e Moema, por fazer germinar em seu solo a semente da liberdade, que hoje infelizmente ainda precisa ser molhada com sangue e muito sangue, ou então não vinga. Cada anno, pela volta d'aquelle dia, na capital da provincia e nas cidades e nas villas e no mais obscuro logarejo, são festas públicas e particulares, ardentes de exaltação e de jubilo. O rico e o pobre, o grande e o pequeno confundem-se, egualam-se, tocados pela vara magica do enthusiasmo. N'essa quadra assignalada, em que escalda todas as frontes a embriaguez do patriotismo, as telas sumptuosas, — é quasi incrivel ! — roçam sem constrangimen-

Digitized by Google

to, e antes com satisfação, os esfarrapados andrajos. Ora, quando entendi-me, foi diante d'essa scena tocante e magestosa. Com a minha curiosidade de creança eu interrogava a meu Pae sôbre o motivo de tantos transportes e contentamentos ; e a proposito ia d'elle aprendendo os promenores de uma das partes mais honrosas de nossa historia. Da mesma sorte, que minha Mãe, iniciando-me nas crenças sagradas, fez de mim o homem religioso ; meu Pae, instruindo-me nos modernos acontecimentos nacionaes, fomentou-me os brios de cidadão, preparou em mim o homem público.

Como o sol illumina, e ao mesmo tempo revive o universo, o amor esclarece as trevas de meus dias, e os reanima com seu calor. Dizem que o passado é um tumulo : será. Mas ao pé do tumulo viceja tambem a rosa branca do finado. O amor é a rosa branca dos meus tempos esvaecidos. No presente é o meu favo de doçuras. O que será no futuro, não sei ; mas penso que sem o amor o futuro não póde ser bello.

Longe, bem longe de mim o considerar este affecto sublime com a lasciva brutalidade da éra actual. É pena que muitos dos melhores poetas e escriptores coevos tenham olhado o amor só pelo lado terreno e torpe ; que tenham pintado a mulher apenas como uma divindade material, com o sêllo da sensualidade por toda ella, pallida das insomnias do vicio, sustentando na mão a taça dos deleites, que se esgota com a saciedade do appetite carnal. Qual, pois, a superioridade moral d'essa nova escola litteraria sôbre as lettras antigas, se ainda o lyrismo de seus pensamentos trescala aos beijos da luxuria, e consagra a apotheose vergonhosa da devassidão e da concupiscencia ? Onde a castidade de suas concepções apaixonadas, se não

Digitized by Google

tem feito mais, do que substituir ao nome da Venus pagan um nome do calendario?

Eu, por mim, descubro nos attractivos da mulher o que quer que é de sobrenatural e celeste. Ella é o anjo visivel, que sempre me apparece, para fazer-me acreditar, bem que por momentos, na felicidade da terra. E, por isso, sei despojar o amor d'esse involucro asqueroso com que o tem vestido o mundo trivial, o mundo grosseiro, o mundo pervertido, para admirá-lo em sua nudez, com sua physionomia natural. Já vejo rir-se de mim os epicuristas da epoca; mas elles, por mais que façam, não alcançarão despersuadir-me de que o amor, em vez de ser um philtro de volupia, é a flor immaculada que se respira nos desertos da vida, a braza que purifica os labios do poeta.

Amor, liberdade, religião, as tres paixões grandes e heroicas da humanidade, são tambem, repito a idea, sem a mais leve pretenção, as que, como centelhas escapadas de algum foco celeste, me animaram, ao confiar ao papel estes meus cantos de adolescente.

Pobres cantos! Eu os confio humildemente á guarda e protecção d'essa minima fracção da sociedade, á quem ainda sobra tempo para ler versos. Póde bem acontecer, que elles sejam-lhe totalmente indifferentes; que não interessem; que não commovam; que não façam scismar um minuto sôbre as expansões de um joven coração, para o qual o soffrimento já não é um mysterio. Graças á lei das compensações, espero que não deixarão nunca de ser intelligiveis para mim; cheios de uma significação e de uma importancia intrinsecas.

Ha em Roma um mundo petrificado de monumentos, que resume eloquentemente em si paginas grandiosas da antiguidade. O curioso viajante pára dian-

Digitized by Google

te d'elle, e fica absorto em profunda meditação. Quando o abandona, tem vivído, n'um momento, muitos annos no passado. Meus cantos são para minh'alma os obscuros monumentos de minha primeira mocidade, cada qual com a sua data, com a sua historia. Atravez d'elles diviso ainda os reflexos das minhas auroras extinctas, e respiro os virgens perfumes de meus sonhos formosos. Tambem á sua vista vivo largos dias, no espaço de tempo bastante para chorar uma lagryma.

Recife, março de 1859.

FRANKLIN DORIA.

Digitized by Google

Digitized by Google

LIVRO PRIMEIRO.

Digitized by Google

Digitized by Google

A ILHA.

É linda ; mais linda, mais bella e galante,
A terra, tão vasta, não teve, não tem :
É linda, se erguendo risonha e brilhante
De um leito de espumas da côr da cecem.

É linda, deitada n'um berço de areia,
Cravado de conchas de roseo matiz ;
Talvez embalada por meiga sereia,
Que surge das ondas, e os cantos'lhe diz.

Digitized by Google

É linda, encostada nas fraldas do monte,
Que assoma empinado nos plainos de além,
Com verdes pennachos em volta da fronte,
Co'o sol a doira-los com raios a cem.

É linda, dormida n'um valle de flores,
Banhada dos prantos, que a noite lhe dá ;
Sonhando tranquilla singelos amores,
Aos quebros sonoros de seu sabiá.

É linda, espertando vaidosa e faceira,
Aos frios bafejos das brisas do ceu,
Á sombra oscillante de annosa aroeira,
Que os cachos purpureos no chão desprendeu.

É linda, trajando seu manto de relva,
Que alastra de perlas o alegre verão :
É linda calada no centro da selva,
Bem como um segredo no meu coração.

É linda, esquecida de prantos e maguas,
Bem como uma estátua n'um vasto jardim,
Seu seio abrazado molhando nas aguas
De fonte, que corre por prado sem fim.

Digitized by Google

É linda, das chuvas ao rigido açoite,
Ao sôpro gelado do rabido sul :
É linda, encuberta nas sombras da noite,
Que ri-se p'ra ella da abobeda azul.

É linda, se acaso no peito insinua,
Deserta, a deshoras, anhelos de amor,
E pallida e triste conversa co'a lua
N'um hymno soturno, n'um vago rumor.

É linda, que eu juro ! na sua lindeza
Respira innocencias, doçuras a mil :
Sem fausto, sem pompa, de Deus a grandeza
Desenha nos montes, nas vagas de anil.

É linda, tão linda ! semelha a esperança,
Que tenho em minh'alma, que espraia-se ahi.
Em suas devezas cantei bem creança,
Creança, seus lyrios nas vargens colhi.

E eu, que tão longe chorava saudoso,
E eu, cujo rosto de dor desmaiou,
Voltando a seu seio, n'um dia formoso,
Sorriso bem d'alma nos labios lhe dou.

Digitized by Google

Digitized by Google

O SOL NASCENTE.

O halito de Deus o sol accende.
E o sol o manto de oiro presto estende
Sobre o ether azul e a terra e o mar :
Tudo luz, tudo brilha, tudo encanta,
Se espriguiça, se agita, se alevanta,
Ao seu ardente e penetrante olhar.

Digitized by Google

As nuvens são corseis, que dispararam
Da arena afogueada que formaram
As faixas do horisonte em combustão :
Freios partidos, pelo ar galopam ;
Sangue vivo escumando, ora se topam,
Ora em procura do infinito vão.

A branca estrella que o crepusc'lo adorna,
E torrentes de amor languida entorna,
Nos trasflores celestes se sumiu :
Longa saia de malha coruscante
Do mar, que chora e ri no mesmo instante,
As entranhas geladas constringiu.

O orvalho transparente o chão prateia :
Aqui sobre uma flor trémulo ondeia,
Sobre outra n'uma lagryma se esvae ;
Aqui parece pedra preciosa,
Alli, bem como chuva luminosa,
Lento e suave do arvoredo cae.

Ave enorme, do chão voa a neblina !
Froixo clarão de lampada illumina
Do valle o solitario penetral,
— Pagina em flores que a sorrir se deixam,
E sobre a qual dois altos cêrros fecham
Parenthesis de pedra colossal.

Digitized by Google

Alli o monte de coroa erguida,
Que ao ceu implora co'uma voz sumida,
Ao menos, uma gotta de liquor
Para a ferida, que lhe o raio abríra,
— Gladio que a nuvem da bainha tira
No campo da procella, todo horror.

Mattas, que enche, á sonoite, a phantasia
De abusões, de gemidos de agonia,
De pallidos lemúres infernaes,
Do sol nascente aos raios purpurinos,
Entre a harmonia de singelos hymnos,
Como tão magestosas acordaes !

Vós sois um mundo nebuloso e vasto,
Em que apenas se imprime o leve rasto
Da avesinha, da fera, ou do reptil :
Em logar de palacio altivo e nobre,
Que o oiro e a lama ao mesmo tempo cobre,
Simples ninho abrigaes, rude covil.

Oh ! eu irei um dia, eu o primeiro,
Vagueiar, namorado e aventureiro,
Por vossos labyrinthos de cipó ;
Ver a azul borboleta que esvoaça,
A suçurana que raivada passa,
E a cobra de coral rojar no pó !

Digitized by Google

E voltarei co'a mente incendiada !
E sentirei a vida mais ousada,
Mais rubro o ceu das minhas illusões !
Colombo, cheio de riqueza immensa ;
Homem, cheio de esp'ranças e de crença ;
Poeta, cheio de mil inspirações !

É toda um paraiso agora a terra.
Abraçam-se collina, oiteiro e serra,
Com a sua coroa cada qual :
Aquella tem pennacho de esmeralda,
Esta de malmequer áurea grinalda,
O oiteiro a choça, que atalaia o val.

Tudo agora começa seu caminho :
O verme sae do pó, a ave do ninho,
Da casinha de palha o pescador ;
A abelha infatigavel da colmeia,
Da luz o brilho, da palavra a ideia,
O perfume do calice da flor.

Que orchestra sobe ao ceu ! O mar vozeia,
Murmura a fonte, o passaro gorgeia,
E a brisa da manhan voa a gemer ;
Canta á viola a joven camponeza,
O desditoso chora, o crente resa...
D'est'arte faz a dor echo ao prazer !

Digitized by Google

Quão bello é o sol nascente ! Olhos abertos,
Penetra os polos de crystal cobertos,
Devassa nunca vistos areiaes ;
Pharol do tempo, leão de aureas crinas,
Diz, topando nos craneos das ruinas :
— Aqui foram imperios colossaes ! —

Pendula que se agita no infinito,
Que ouve talvez da eternidade o grito,
Atalaia de todas as acções,
Anhelado, redoira na memoria
Éra feliz, que eternisou a gloria,
Sempre amada dos grandes corações.

Quão bello é o sol nascente ! Elle afugenta
Do ar a cerração grossa e cinzenta,
D'alma a tristeza e os pensamentos vis :
Aos homens todos ao lavor convida ;
E dá fôrça, e vigor, e alento, e vida
Ao que é desgraçado, ao que é feliz.

Ao mendigo, que fina-se, consola
Com a promessa de abundante esmola,
Ou de algum protector bom, liberal ;
Ao pobre manda um raio de ventura ;
Ao orphão, desvalida creatura,
Faz sonhar doce afago maternal.

Digitized by Google

Elle diz ao que é forte : — Hoje clemencia !
Ao fraco : — Mais um dia paciencia !
Áquelle que lamenta-se : — Esperae !
Aos tristes elle diz : — Sêde contentes !
Ao meu influxo borbulhae, sementes !
Preciosas ideas, borbulhae !

Elle diz ao poeta : — Alevantae-vos !
Dos grandes pensamentos inspirae-vos !
Ide, correi, correi ás multidões !
A fé levae-lhes no queimar dos hymnos,
Como outrora os Apostolos divinos
Levaram graça e luz a mil nações.

Aos labios todos elle diz : — Sorri-vos !
Á toda flor e coração : — Abri-vos !
Lançae perfumes, transbordae de amor ! —
Para tudo o que nasce e vive e sente
É bello, sempre bello o sol nascente,
Reverberando aos pés do Creador !

Digitized by Google

PEDRO I.

Honra a ti, que es dos reis maravilha,
Que entre os homens sublime campeias !
Missão alta te coube em partilha,
Gloria a ti, ó meu Rei varonil !
Minha patria, tão bella, era escrava,
Minha patria, tão bella, gemia ;
Tu vieste, — bemdito esse dia ! —
Libertaste meu caro Brazil.

Digitized by Google

Lá da Europa esses povos avaros
Contendiam por tê-lo por prêa ;
Deu-lhe o ceu predicados tão raros !
Cabedaes de milhares além :
Basta vê-lo, saudades apaga ;
Basta vê-lo, desejos accende ;
Queres ir, porém elle te prende ;
Tem um quê... outra terra o não tem.

Grande Pedro, como o outro famoso,
Que fadario cumpriste na terra !
Seres anjo de Deus piedoso,
Redemptor de tão vasto paiz !
Sim, tão vasto. O Senhor sapiente
Lhe attendendo ás infindas grandezas,
Por tira-lo das barbaras prêzas,
Um tão grande Monarcha lhe quiz.

O Senhor esperou que nascesses,
E porfim te clamou dentro d'alma :
— Em nobreza e coragem tu cresces,
Eu farei com que valhas por mil.
Vae ! transpõe os espaços dos mares ;
N'outro clima, lá n'outro hemispherio,
Povo bravo perdeu seu imperio,
Salva o povo, liberta o Brazil ! —

Digitized by Google

Tu vieste, meu Rei. Fero e bruto,
Ha tres sec'los doía-lhe o jugo :
O indigena olhava p'ra o fructo
Todo seu, era crime o colhêr :
O mandão lhe gritava : — Trabalha !
Dura lei lhe dizia : — Obedece !
Lhe dizia o destino : — Padece,
Té que possas pugnar e vencer !

Triste o povo ás vontades malinas
Se dobrava, de raiva corando ;
Revolvia os cascalhos das minas,
Derrubava, a chorar, matagaes :
O estranho em regalos e ocio,
Pela fronte o suor lhe escorria,
Para dar-lhe gentil pedraria,
Ricos lenhos, prezados metaes.

Para elle, p'ra o povo os revezes,
A pobreza, a nudez mais a fome ;
Para elle do calis as fezes,
O supplicio, o desprêzo, o baldão.
Respirando teus ares saudaveis,
Pobre povo ! pisando teu solo,
Te apertavam os ferros o collo,
Do proscripto era tua feição.

Digitized by Google

Tu vieste. E os animos froixos
Estremecem, despertam, se exaltam ;
Molles pulsos, dos ferros já roixos,
Cobram fôrça e rijesa e vigor :
De teu peito as beneficas vozes
Desvanecem fatal somnolencia ;
Em furor se converte a paciencia,
Em esp'ranças converte-se a dor.

Tu vieste. E a fé brota viva,
Como a lympha, que os soes estancaram,
No inverno abundante deriva
Ao de cima de crespo alcantil.
Meus irmãos nas fileiras se aprumam :
Rufa a caixa : a peleja se trava :
Dos ferrenhos canhões voa a lava :
É liberto meu caro Brazil !

É liberto, não soffre mais damnos,
Co'as suberbas nações se emparelha ;
Como outrora os primeiros Romanos,
Teus soldados colheram tropheus :
Não usados á guerra, bisonhos,
Tua sombra gigantea os rodeia ;
Mote altivo seus brios ateia,
Os seus passos dirige-lh'os Deus.

Digitized by Google

Duas c'roas por tuas houveste,
Em dois mundos bateste co'o sceptro !
Generoso as coroas cedeste,
A teus Filhos, ó Principe, as dás.
Despojado das regias insignias,
Quem de rei denegara-te o fôro ?
Inda es rei, não co'as c'roas de ouro,
Sim com outra mais bella e vivaz.

Essa c'roa é a gloria que a molda ;
O denodo é mister p'ra alcançá-la ;
Das batalhas co'o sangue se solda ;
Seu lettreiro é : — Tributo ao valor. —
Não a embaçam maleficos sopros,
Nem do tempo damninho as cruezas :
Ha de eterna entre as nossas grandezas
Tua c'roa fulgir, Vencedor !

Honra a ti, que soubeste fazer-te
D'esta terra delicias e mimo ;
E que á gente, que torna-se inerte,
Com teu braço insinuas temor.
Hoje e sempre honra a ti, que te inundam
Sanctas bençãos e magicos brilhos !
Qual desvela-se um pae por seus filhos,
Tal por nós te empenhaste, Senhor !

Digitized by Google

Digitized by Google

O TRONCO DA MANGUEIRA.

Quanto amei-te, mangueira ! Bella imagem
Foste dos sonhos meus :
Tu me ouviste ensaiar de mãe o nome,
Sancto nome de Deus.

Ao depois me acolheste o ai primeiro,
Que do peito soltei,
Quando as rosas da infancia, desgraçado !
Pelas do amor troquei.

Digitized by Google

Amiga sempre, me abrigaste em noites
De pallido luar,
Quando eu vinha, mimoso da fortuna,
Comtigo meditar.

Muitas vezes, chorando uma saudade,
Do caro lar fugi ;
E em tua sombra procurando allivios,
Gostoso adormeci.

Quanto amei-te, mangueira ! Fui um louco
Pelos encantos teus ;
Chamei-te minha irman, e ousei dizer-te
Todos segredos meus.

Tuas flores de estio sacudias
No peito ao trovador ;
Tu eras rica de doirados fructos,
E eu rico de amor.

Hoje tuas bellezas se enterraram,
Sumiram-se no pó ;
De minhas phantasias de mancebo
Nem me resta uma só !

Digitized by Google

Somos eguaes na terra ! Desnudou-te
Iroso furacão ;
O sôpro da desdita austero e rijo
Crestou-me o coração.

Um renôvo sequer no sècco tronco
Não, não te ha de medrar ;
Assim, dentro em meu peito uma esperança
Não pode borbulhar.

Tu vás pendida para o chão do valle,
E cairás porfim ;
Eu, desamado, curvo-me gemendo,
Ninguem se doe de mim !

Que saudade me inspira teu aspecto
De negra viuvez !
Es a propria tristeza, entre os perfumes
De mystica mudez.

Dorme, tronco, ludibrio das borrascas,
Teu lethargo febril ;
Guarda comtigo os lyrios do passado,
Meu sorrir infantil.

Digitized by Google

Hoje te amo inda mais. Adeus, é tarde,
Tronco sombrio, adeus !
Em longes terras vou morrer de amores,
Carpir os dias meus.

Digitized by Google

CANÇÃO.

A lua cheia lá no ceu desmaia ;
Luz suavissima a campina afaga ;
Treme o arvoredo ; no areial da praia
Cicia a vaga.

Donzella, é tempo ! Da florída margem
Fujamos prestes na veloz canoa.
Melhor que o vento, que embalsama a vargem,
Brisa da noite sobre os mares voa.

Digitized by Google

Minha canoa no canal deslisa
Leve qual folha, que á flor d'agua desce,
Ou como infante que na relva pisa,
Quando espairece.

Bem como o berço que a mãe terna embala,
Quando espertando-se estremece o filho,
Minha canoa, que a refega abala,
Te ha de levar pelo doirado trilho.

Amei-te, ó virgem, na floresta inculta,
Á meiga sombra da choupana linda ;
Eras creança, como eu ; adulta,
Eu te amo ainda !

Te amo na terra, a discorrer ligeira
Por entre os troncos dos gentis palmares ;
Te amo no valle, a descantar fagueira,
Te amo no seio dos tranquillos mares.

Sei que es formosa ; pois por isso te amo,
Por isso vivo e morrerei por ti :
O mais ditoso dos mortaes me chamo
Aqui, alli !

Digitized by Google

Tu es o esmalte dos vergeis risonhos ;
A par de ti qual é a flor que brilha ?
Tu es o anjo de celestes sonhos,
Tu es o encanto da saudosa ilha.

Vamos, sonhemos sobre as ondas, bella !
Doce volupia teu olhar agita.
Ao longe inveja veladora estrella
A nossa dita !

Digitized by Google

Digitized by Google

O PYRILAMPO.

Estrella e pyrilampo
São astros todos dous :
A um Deus poz no campo,
Ao outro no ceu poz.

Qual tudo que se entende,
Que a mesma sina tem,
Que o mesmo fim pretende,
Que a mesma alma contém,

Digitized by Google

Alegre a estrella chama
Ao pyrilampo e attrae ;
E elle, bocca em chamma,
Levar-lhe um beijo vae.

Parece uma centelha,
Seguindo seu caminho ;
Ou antes assemelha
Volante pharolzinho.

Como fugaz esp'rança
Reluz no coração,
Tal elle se abalança,
No veu da escuridão.

Da noite peregrino,
Romeiro lá do ceu,
Echoa o ethereo hymno
Pelo caminho seu. —

Creança ! flor nascente,
Fechada p'ra o porvir,
O pyrilampo ardente
Não deves perseguir.

Digitized by Google

Se tu inquieto prézas
Correr, sorrir, brincar,
Tambem, azas accesas,
Do chão praz-lhe voar.

É triste o captiveiro !
Nascemos como irmãos.
O insecto feiticeiro
Libertem tuas mãos.

Oh solta-o ! Pressuroso
Ás nuvens elle irá,
E o beijo affectuoso
Talvez esquecerá,

P'ra ao astro de innocencia,
Que meigo lhe sorri,
Contar grato a clemencia,
Que achou, creança, em ti.

Estrella e pyrilampo
São astros todos dous :
A um Deus poz no campo,
Ao outro no ceu poz.

Digitized by Google

Digitized by Google

A ILHOA.

Que cabellos tão lustrosos !
Que tornozelos mimosos !
Que negligencia de andar !
Que singelinha ! que ilhoa !
Como ella passeia á toa
Pelas areias do mar !

Digitized by Google

Pelas areias de prata,
Que seu vestido arrebata,
Ao sôpro da viração ;
Pelas areias tão finas,
Que conchinhas purpurinas
Esmaltam como um festão.

Diante da sombra sua
A onda, que vem, recua,
Mais carregada de anil ;
E ella, de agradecida,
Da flor no campo colhida
Lhe esfolha pet'las a mil.

O sol da tarde fagueiro
Doira-lhe o rosto trigueiro,
Que nunca o pranto offendeu :
Agora vae apressada ;
Ai d'ella ! caíu, coitada !
Mirando as nuvens no ceu.

E se alevanta corando,
E volve o semblante, olhando
Vergonhosa em tôrno a si :
Ninguem lhe a quéda notára ;
Apenas de uma taquara
Grita ao longe o bem-te-vi.

Digitized by Google

Segue, ilhoa, teu caminho,
Folga e brinca, meu anjinho,
Das praias pela extensão,
Com teus perfumes de infancia,
Com tua doce ignorancia,
Co'a paz de teu coração.

Que fronte ! que fronte bella !
Como lhe assenta a capella
Da flor do maracujá !
Que seio nu ! oh que seio !
Nem o mais leve receio
De que alguem beijá-lo vá !

A onda agora se empola,
Se abate, se desenrola,
Irá molhá-la talvez !
Ella o vestido arregaça,
E despeitosa lá passa
Sobre a pontinha dos pés.

A tarde afinal desmaia :
Parte-se a ilhoa da praia,
Surge aqui, some-se além :
Chegou de sapé á choça ;
A tenra voz já lhe adoça
Um canto, que de cór tem.

Digitized by Google

Canta dos paes a amizade,
Canta a sua liberdade
E o poder de Jehovah ;
Canta saudosas lembranças
E todas as esperanças,
Que a sua Sancta lhe dá.

Canta a abrir perto á cabana
A florzinha de coirana,
Que cheira como o jasmim ;
Canta seus brandos perfumes,
E a chusma de vagalumes,
Que faiscam no capim.

Canta os murmurios da moita,
E a giboya, que pernoita
Nas tranças do cipoal ;
Na cova escondida a paca,
E a mosqueada jararaca,
Que tem veneno mortal.

Canta a canoa ligeira,
Que se embala aventureira
Entre a espuma a branquejar ;
Canta emfim a sua ilha,
Que á luz das estrellas brilha
Com seu verde kanitar.

Digitized by Google

E o pescador, que escutou-a,
Pela mãe-d'agua tomou-a,
Tomou-a, que bem a ouviu :
A cantiga vae morrendo,
E ella vae adormecendo...
Sobre a viola dormiu.

Oh quem, quem podesse agora
Ver a ilhoa encantadora
Em seu formoso dormir !
Talvez baixinho cantando
A sonhar, ou suspirando
Talvez languida a sorrir.

Amanhan, muito cedinho,
Aos chilros do passarinho,
Ha de serena acordar :
E de novo irá a ilhoa
Correr, passeiar á toa
Pelas areias do mar.

Digitized by Google

Digitized by Google

O DOIS DE JULHO.

ANNIVERSARIO DA INDEPENDENCIA DA BAHIA.

(1823.)

Oh ! eu quero cantar a liberdade
Da grande terra que me viu nascer !
Cantá-la-hei na flor da mocidade,
Hei de sempre cantá-la, até morrer.

Se ha um momento, em que o poeta crê-se
Mais do que homem, fraco ser, mortal ;
Se ha um momento, em que febril esquece
Que tanto como o pobre verme val ;

Digitized by Google

Se ha um momento, em que não sente dores,
Dores, seu negro costumado pão ;
E se deixa cegar nos resplendores
De alguma formosissima visão ;

Se ha um momento, em que o poeta voa
Além da terra, de mil soes além,
E sem veu julga ver o que abençoa
Só a virtude, a innocencia, o bem ;

É quando a fronte lhe requeima e afaga
Da liberdade a sempiterna luz ;
E esta idea mimosa que o embriaga
Em seu canto phrenetico traduz.

É que então do ceu mesmo vem directa,
Como um raio de vida, a inspiração ;
É que então o Senhor faz o poeta,
Lhe tocando de perto o coração.

Assim, cantava o patriarcha augusto,
Livre o povo do austero pharaó,
E a prophetisa de ánimo robusto,
No triumpho dos filhos de Jacob.

Digitized by Google

Oh ! eu quero cantar a liberdade
Da grande terra que me viu nascer !
Cantá-la-hei na flor da mocidade,
Hei de sempre cantá-la, até morrer.

Hei de, longe dos meus bem como agora,
Amargosas saudades a curtir ;
Hei de, onde quer que d'este dia a aurora
Dos trasflores celestes me sorrir.

Minha terra era perla feiticeira,
Que á cubiça escondia antigo veu :
Veiu rasgá-lo mão aventureira ;
Quebrou-lhe o encanto o avido europeu.

Elle era hospede, — usurpou direitos ;
Elle era amigo, — se tornou traidor ;
Elle era naufrago, — exigiu mil preitos ;
Elle era estranho, — se chamou senhor.

E Deus viu tudo lá do excelso throno,
Viu do throno o indigena a chorar,
E ao lado d'elle, convertido em dono,
O ingrato estrangeiro campeiar.

Digitized by Google

Era audaz o indigena ; á palmeira
Porque o arco de guerra pendurou ?
Do tacape o que fez ? Porque á estrangeira
Planta, sem resistencia, se acurvou ?

Porque a verdade, que tardia brilha,
Não tinha ainda penetrado lá ;
E o credulo indigena assimilha
O vulto do homem ao do seu Tupá.

Oh ! eu quero cantar a liberdade
Da grande terra que me viu nascer !
Cantá-la-hei na flor da mocidade,
Hei de sempre cantá-la, até morrer.

Lingua de fogo, que voraz se ateia,
E fazem-na de prompto suffocar ;
Assim, rebenta no Brazil a ideia
De liberdade. Mandam-na matar.

Matar ideas taes ! Tirem primeiro
A alma ao homem ; cumprirão seu fim ;
Tirem o ceu ao candido luzeiro,
Tirem á flor o natural jardim.

Digitized by Google

É o filho de um Rei, da mesma raça
Do estranho que a perola empolgou,
Que do estranho afinal planta a desgraça,
Co'heroica phrase que ao Brazil soltou.

Esta phrase, — felizes quantos deram
Por ella o sangue ! — reboando vae :
Os incolas oppressos a veneram ;
Ella anima, consola, inflamma, attrae.

Então obrou façanhas o Bahiano,
Corajoso e ardido e varonil.
Ei-lo, batalha sem pharol, nem plano,
Em pró da vasta causa do Brazil.

E recobra-se a perla. O estranho clama,
Chora como o indigena chorou ;
Vê, debellado, escurecer-se a fama
De que por largos seculos gozou.

Não foi em vão que olhou a Providencia
Para o indio algemado em seu torrão :
Restituiu-lhe a doce independencia,
Vingou-lhe os brios e o ergueu do chão.

Digitized by Google

Oh ! eu tenho cantado a liberdade
Da grande terra que me viu nascer !
Cantá-la-hei na flor da mocidade,
Hei de sempre cantá-la, até morrer.

Digitized by Google

A MISSA DO GALLO.

Que o somno e nem a priguiça
Zombem do zêlo e da fé :
Cantando o gallo, é a missa ;
Pescadores, sempre a pé !

Colhei as crivadas redes,
Curvos anzoes pendurae :
Vós, pobres, amaes e credes ;
Pescadores, descançae.

Digitized by Google

N'esta noite, que nos cega
De seus astros co'o clarão,
Ninguem dorme, só se emprega
Em folgar o bom christão.

N'esta noite é tudo festa
Sobre o globo terreal :
Dizeis, responde a floresta :
— Hoje é noite do Natal.

É noite que mais agrada,
Que um dia de oiro e de anil,
Que a mais purpurea alvorada
Raiando em ceu do Brazil.

Como unidos companheiros,
Pescadores, vós velaes ;
E ao rufar dos pandeiros
Aqui, alli foliaes.

A viola choramiga ;
As palmas certas estalam :
Entoam doce cantiga
Todos quantos se regalam.

Digitized by Google

Lavra o jubilo fagueiro
Por toda a povoação :
Do tujupar lá do oiteiro
Até saiu o ancião.

Pára ao pé da sicopira,
E bebe aromas no ar ;
A mocidade respira,
Segue sem titubear.

Co'as folhas da pitangueira
O presepe se arqueiou ;
E a tabaroa faceira
De flores, fructas o ornou :

Flores, fructas apanhadas
Por essas varzeas sem fim,
Que seriam cubiçadas
No mais gabado festim.

Sobejam as louçainhas
No berço do Redemptor,
Ante o qual vão creancinhas
Cantar loas de primor.

Digitized by Google

Abicam leves canoas
A praia branca e massiça,
Em que pojam as pessoas
De perto, que vem p'ra a missa.

E a lua sobreprateia
O alvoroçado casal.
Emfim o gallo vozeia
Em jaqueira colossal.

Pescadores, é a hora !
O sino apressado tine.
Cadaqual que o Christo adora
Ao filho a adorá-lo ensine.

E a capellinha assentada,
Como celeste padrão,
Do oiteiro na cumiada,
De gente entupiu-se então.

Que espectaculo tão bello !
Que silencio ! que fervor !
Quem sempre podesse vê-lo
Em todo o seu esplendor !

Digitized by Google

Nos campos ha mais piedade,
Mais sincera devoção,
Mais amor á liberdade,
Mais fé, mais religião.

Aqui a nodoa do vicio
Raro a innocencia pollue ;
Evita-se o precipicio,
A vida quieta se frue.

A verdade não se esquece,
Não se zomba do infeliz ;
Do velho não se escarnece,
Se attende ao que o padre diz.

Acaba a missa do gallo ;
Afuma o incenso o ambiente :
Ao Messias vae beijá-lo
A pobre e ditosa gente.

Digitized by Google

Digitized by Google

VULTO.

Puro, limpo e risonho o firmamento ;
O oceano coalhado, somnolento ;
Silencioso o valle ; calmo o vento ;
E em tudo como esmalte este luar !
Não cança a vista de mirar tal scena :
A alma estremece n'esta hora amena,
E arde sequiosa por gozar.

Digitized by Google

O que mais a embelleza n'este instante ?
Na sombra a resvalar molle, alvejante,
Entre aromas, vestido roçagante,
Preso a um corpo franzino de mulher :
Quem podéra segui-la de mansinho,
Ser-lhe guia cuidoso em seu caminho,
Fosse embora bem longe fenecer !

Digitized by Google

SITIO BELLO.

Eis um sitio, que inspira saudade,
E absorto quem olha-o detem :
Sete leguas além a cidade,
Ilhas verdes, agrestes áquem.

Nas coroas de baixos oiteiros
Brancas casas sentadas estão ;
Aprumados, erguidos coqueiros
Velam sempre a campestre mansão.

Digitized by Google

Pouco e pouco em crepusculo posta,
A cidade se apaga co'o sol ;
Brilha um facho na beira da costa,
E distante se accende o pharol.

De manhan a cidade apparece,
Porém morta, sombria, incolor ;
Com seus vultos giganteos lá cresce,
Se do dia se aviva o 'splendor.

Eis um sitio, que ostenta os primores
Da divina, real creação !
Que desperta sublimes amores,
Aviventa a mais curta illusão :

Que de ideas sombrias, funestas,
A alma afflicta, maguada distrae ;
Ao que é triste apparelha mil festas,
Ao que chora com risos attrae.

Vós, que tendes no campo admirado
A belleza dos grandes paineis ;
Vós, que o preço de um tronco lascado,
De um reflexo fugaz conheceis :

Digitized by Google

Vós, que a vida sentis mais ardente
Pela chan sem destino a vagar ;
E que ides com a fronte pendente,
Os concertos da veiga escutar :

Escutar-lhe essa orchestra infinita,
Que entre effluvios suaves se esvae,
Em que a um tempo soluça-se, e grita,
E se chora, e prolonga-se um ai :

Vós, que o grão que no sulco germina
Com olhar curioso miraes ;
Pois mais sombra ha de ter a campina,
Pois o pobre um abrigo de mais :

Vós, constantes, fieis zeladores
Dos thesoiros e bens naturaes ;
Vós, que alegres colheis ricas flores,
Vós, que as flores já murchas guardaes :

Vós, bemditos das turbas insanas,
Vós, ó vates de nobre perfil,
Vós, cantores de ideas sob'ranas,
Vós, poetas de engenho subtil,

Digitized by Google

Vinde ver este sitio formoso
N'este dia de anil e de luz !
Vinde ver este povo ditoso,
Que alegria perenne conduz !

Digitized by Google

RUINAS.

Eu amo esta egrejinha arruinada,
Outrora de meu Deus rica morada,
Hoje vasia e só :
Respiram sanctidade estes destroços ;
Respeito desafiam estes ossos
Salpicados de pó.

Digitized by Google

O tempo, que tudo damna,
Porventura piedoso,
A capella vagaroso
Destruindo aos poucos vae ;
Co'abalo timido e leve
Desprega a trave segura,
Cuidadoso a dependura,
Afinal a trave cae.

Assim, o algoz co'a victima,
Cuja innocencia e belleza
Repellem toda a fereza,
Usa de assaz compaixão ;
Segura-a com doce mimo ;
Constrangido o ferro pega ;
Quando o golpe descarrega,
Foge o braço, treme a mão.

Sobre a fachada singela,
Orgulho de humilde obreiro,
Mal se divisa o lettreiro
Que a data indica famosa,
Em quê a devota gente
A capella fabricára
Sobre a pedra, onde assomára
A imagem milagrosa.

Digitized by Google

Range a porta, escancarada
Aos duros tufões do vento,
Que coa como um lamento
Das ruinas ao travez ;
Não é mais triste o pranteio
Juncto a um cadaver querido,
Nem o primeiro gemido
Da tenra esposa em viuvez.

Que é do arco magestoso,
Que a douradura enfeitava,
E d'onde se pendurava
Lampada esguia de cobre ?
Que é das columnas roliças ?
Que é dos degraus de tijolo ?
Tudo, tudo sobre o solo,
Em pedaços, se descobre.

O altar, que fôra erguido
Para o incenso, para as flores,
Dos cirios p'ra os resplendores,
P'ra os resplendores da cruz,
Como o logar mais sagrado,
Tecto de folhas abriga,
Onde se aninha ave amiga,
Que puros hymnos traduz.

Digitized by Google

As grossas, largas paredes,
Desde a base até o cimo,
Fórra o esverdeado limo,
Qual mortalha natural :
Como pinha de lagartos
Erguidos inteiriçados,
Os vigamentos lascados
Cobre espinhoso cardal.

As funereas sepulturas
Alastram o pavimento,
Estreito, breve, poento,
Uma aqui, a outra após :
Mais de uma geração guardam ;
Guardam nos lobregos bojos
Os cariados despojos
De meus modestos avós.

Uma, ai ! uma, que alli vejo,
Pequenina, que parece
Incrivel que contivesse
Qualquer corpinho em seu vão,
Recebeu, n'hora funesta,
Cavada por mãos morosas,
Co'alguns punhados de rosas,
Os restos de meu irmão.

Digitized by Google

Foi aqui que outrora veiu
Minha Mãe, moça e viçosa,
Com suas vestes de esposa,
De esposa o sim proferir :
Ninguem então se lembrára,
Que a egrejinha concorrida
Ficaria carcomida,
Que havia em breve cair.

Foi aqui que eu pequenino,
Por minha irman conduzido,
Como um par que fôra unido,
Unido por sancta lei,
Com ella, que me afagava
Angelica, encantadora,
N'agua purificadora
A nua fronte banhei.

Oh que de festas formosas
N'outras éras celebradas
Sob as risonhas arcadas
Da capella do Senhor !
Garrida acudia a ellas
A ilhoa dos arredores,
E a chusma de pescadores,
Todos paz, todos amor.

Digitized by Google

Se um d'elles hoje aqui passa,
Detem-se no umbral da porta ;
A capellinha o transporta
Mesmo assim... quasi a cair :
Diante d'esta reliquia
Chora talvez de saudade,
A recordar essa edade,
Que não torna mais a vir.

Eu amo a erma capella,
Sobre as aguas debruçada,
Co'a sua cruz mutilada,
Longe do humano tropel :
Eu amo o côro sem orgão,
Sem sinos o campanario,
O tecto sem lampadario,
A nave sem um fiel.

Digitized by Google

ARDENTIA.

Foi-se o sol, morreu o dia ;
Começa a noite a cair :
Como fascina a ardentia,
No mar accesa a luzir !

Do remo, que o seio fende
Da onda que adormeceu,
Suave e doce ella pende
Qual aurea chuva do ceu.

Digitized by Google

A onda é qual cilio ardente,
Que inundam prantos de amor ;
Lampada triste, dormente,
Que entorna brando fulgor.

É como ave que adeja,
Cantando um canto de dó,
E das azas espaneja
De oiro finissimo pó.

A onda á outra onda corre,
A viração a conduz ;
E cadaqual depois morre,
Dando-se beijos de luz.

E os astros no ether scismam,
Olhando, olhando p'ra o mar :
No mar os astros se abysmam,
Quando cançam de brilhar ?

Ou, acaso, enamorados
Da ardentia, elles virão
Tarde tremulos, calados,
Ver se astros tambem serão

Digitized by Google

Essas faiscas perdidas
Talvez de um magico lar,
Essas perlas embutidas
No diadema do mar ?

Digitized by Google

Digitized by Google

LABATUT.

Ei-lo, o soldado, o colossal guerreiro,
Que teve a liberdade por luzeiro,
E da gloria vingára o amplo estadio !
Mytho humanado, vae por entre as gentes :
Fez nos dois mundos recuar valentes,
Fez nos dois mundos respeitar seu gladio.

Digitized by Google

Sim, nunca batalhou, que não vencesse ;
Sim, nunca batalhou, que não colhesse
Louros por galardão !
Soube, mancebo, fomentar o pasmo.
Mereceu um olhar de enthusiasmo
Do heroe Napoleão.

Sob a bandeira tricolor, ovante,
Lhe realçava o senhoril semblante,
O labio lhe esflorava almo sorrir.
Tinha na fronte o ardimento escripto :
De palmas enramado, deixa o Egypto ;
Volta ao Egypto, e triumpha em Aboukir.

É bello e grande o sol em fogo immerso ;
Mas, para ser o sol rei do universo,
Das estrellas carece :
O soberano que a conquista emprende
De seus estrenuos capitães depende ;
Cadaqual o engrandece.

Elle foi um dos que com tino e arte
Tornaram rei o consul Bonaparte,
Sua cadeira throno imperial ;
Um dos que o fizeram sobrehumano,
Maior, maior talvez que Carlos Magno,
De Alexandre, e de Cesar o rival.

Digitized by Google

Irmão de Ulysses o cantára Homero ;
Egual a Eneas, poderoso e fero,
O cysne Mantuano :
Dera-lhe a Grecia sonhadora um templo ;
Emtanto, do valor foi só o exemplo,
Foi um simples humano !

Ha de sempre adejar, meiga e serena,
Sua sombra de heroe em Carthagena,
Cujas cadeias adelgaça e quebra.
O povo como um filho piedoso
O seu nome proclama respeitoso,
E seus favores co'effusão celebra.

Bem como dois leões, que a brenha assustam,
Pela sanha e poder, nobres se ajustam,
Labatut, Bolivar :
O mesmo philtro os afervora ardente ;
O mesmo sonho lhes captiva a mente :
O Peru libertar.

E o Peru foi liberto, após a lide !
O par famoso, após de Deus, decide
De seu destino tenebroso e feio.
O lustre da ovação, altos louvores,
Rumor de fama, triumphaes clamores,
Entre o par se repartem, meio a meio. —

Digitized by Google

Berço de Moema, deleitosa terra !
Tu soluçavas entre os trons da guerra,
Timida e consternada :
Assim, no meio dos sertões a rôla,
N'um raminho entanguida, afflicta róla,
Se ronca a trovoada.

E a teus soluços Labatut acode.
O velho Cabo valoroso pode
Tirar-te ás garras do boçal verdugo ;
Elle, que as pyramides saudára,
Elle, que tantas vezes triumphára,
Triumpha ainda, te espatifa o jugo.

Labatut ! Labatut ! co'a tua espada
Tu consagras a idea abençoada
Do nosso Pedro grande :
O grito do Ypiranga, o ingente grito,
Por tua bocca, General invicto,
Electrico se expande.

Ei-lo, o soldado, o colossal guerreiro,
Que teve a liberdade por luzeiro,
E da gloria vingára o amplo estadio !
Mytho humanado, vae por entre as gentes :
Fez nos dois mundos recuar valentes,
Fez nos dois mundos respeitar seu gladio !

Digitized by Google

SOU O MESMO.

Sou o mesmo, que era d'antes,
N'aquella folgada edade,
Quando minh'alma te dei.
Não, não tenho outras amantes ;
Eu te amo na mocidade,
Como na infancia te amei.

Digitized by Google

Mudou meu gesto, é sombrio ;
Mudou meu olhar, é frio ;
Lisa a fronte se enrugou ;
Mas que tem ? foi o destino :
No interior sou menino ;
O coração não mudou.

Assim, á arvore a tormenta
Aggrede, abala, golpeia,
Despe-lhe o floreo matiz ;
Mas dentro a seiva fermenta ;
E ella no solo se alteia,
Firme no solo a raiz.

Olha : ainda agora te vejo
Pequenina, e falladeira
A me chamares amor ;
E o beijo, o primeiro beijo,
Que me déste feiticeira,
Esse... guardei-lhe o sabor.

Á fé, que bem como outrora,
Tudo que é teu me enamora,
Por tudo teu me apaixono :
Se chegas, todo estremeço ;
Se foges, ai ! desfalleço,
De mim deixo de ser dono.

Digitized by Google

Tenho de cór os retiros,
Que em calma seguridade
Descuidosos perlustrámos :
Aqui fallei-te em suspiros ;
Alli chorei de saudade ;
Acolá nos abraçámos.

Sou o mesmo. Cruas lidas
Não mudaram-me : duvídas ?
Exp'rimenta-me, e verás :
Vem a mim sem repugnancia ;
Dá-me um dos beijos da infancia,
E emfim me acreditarás.

O estio revive o prado,
Revive a brisa o oceano,
Um raio de sol a flor ;
O peito que é regelado,
Á custa do desengano,
Revive um beijo de amor.

Despe esse inutil recato,
Essas graves esquivanças ;
Esquece-te que es mulher :
N'este remanso tão grato
De novo amemos ; creanças
Tornemos de novo a ser.

Digitized by Google

Digitized by Google

VEM !

À sombra da larangeira,
Aos venturosos fagueira,
Veloz voei.
A lembrança da promessa
P'ra diante me arremessa ;
Nunca parei.

Digitized by Google

Nunca parei ! no envoltorio
Da noite negro, illusorio,
Eu me sumi :
Galguei asperos rochedos ;
Não soube o que foram medos...
Pensava em ti.

As ondas encapelladas
Vi muitas vezes quebradas
Contra meus pés :
Não vacillei, fui avante !
Do bravo soldado o amante
Tem a ardidez.

Das praias a ventania
A meus ouvidos trazia
Rude fragor :
Não atroa mais violento
No dormido acampamento
Marcio tambor.

Era tudo solitario :
E nem um só lampadario
Na escuridão !
Foi-me bussola encantada
Na temeraria jornada
O coração.

Digitized by Google

Vinguei a c'roa do monte :
Ainda me alaga a fronte
Frio suor ;
Ainda o peito me anceia,
E o sangue gyra na veia
Com mais ardor.

Eis-me aqui, minha princeza !
Quero o premio com largueza
Do quanto fiz,
Do quanto fiz para ver-te,
Para juncto de mim ter-te,
P'ra ser feliz.

Apraz o throno ao monarcha,
Ao sabio o livro, agil barca
Ao pescador ;
O brinco ao faceiro infante,
Galas á dama ; ao amante
Só praz amor.

Amor de um alto quilate,
Amor, que longe arrebate,
Nunca vulgar ;
Amor, que obrigue ao martyrio,
Que queime mais, do que um cirio
Sempre a queimar.

Digitized by Google

Eis-me aqui, vista embebida
Na perfumada avenida
Por que virás,
Estremecendo incendido
Ao mais ligeiro ruido,
Que o vento faz.

Não tardes, ó predilecta !
Tu sabes quanto inquieta
Este luctar
Do desejo co'a esperança :
Sofrego aquelle, esta mansa
Quiz Deus formar.

Que sombra n'este recinto !
Aqui não sei o que sinto
De ideal...
Este silencio, este orvalho,
Que lambe ruidoso o galho
Do laranjal...

Não tardes ; não se demora
Jamais a mão salvadora
Que espalha o bem :
Mostra que excede a firmeza
Á tua rara belleza ;
Não tardes, vem !

Digitized by Google

A ILHA MYSTERIOSA.

É um mysterio infernal,
Que reina n'aquella ilha ;
Quem é, quem é que o esmerilha,
Se teme o genio do mal ?
Uma ilha abandonada...
De verduras esmaltada,
De flores embalsamada...
É um mysterio infernal.

Digitized by Google

Ninguem sabe, ninguem diz
Quaes são os seus habitantes,
Se enfeitiçados amantes,
Se bruxas cheias de ardis :
Terá palacios latentes,
Entupidos d'esses entes,
Que assombram simples viventes ?
Ninguem sabe, ninguem diz.

Leva a ilha só, bem só,
Quer de manhan mui cedinho,
Quando chilra o passarinho
Sobre o direito timbó :
Quer a tarde lamba o prado,
Quer no ether ambreado
Se tenha a noite espalhado,
Leva a ilha só, bem só.

Foge d'ella o pescador
Por certo presentimento,
Que lhe entrou no pensamento,
E que lhe imprime pavor.
Se em cerração a canoa
Encalha n'uma coroa,
E a ilha está pela proa,
Foge d'ella o pescador.

Digitized by Google

Nem uma choupana tem.
Certo dia, um destemido
No tope de oiteiro erguido
Fez uma casinha. Bem.
Uma hora durou no combro ;
O tufão metteu-lhe o hombro ;
E a ilha, que causa assombro,
Nem uma choupana tem.

Contam assim, assim é :
Para não passar por tonto,
Eu acceito qualquer conto,
A qualquer conto dou fé :
Mas o melhor, — vejam isto ;
Só artes do anti-christo ! —
Some-se a ilha a olho visto :
Contam assim, assim é.

Some-se a ilha no mar,
Bem como em tanque limoso,
Batido por vento iroso,
O boiante nenuphar :
Lugubre fogo a incendeia ;
Fogo o matto, fogo a areia,
Fogo a onda, que vozeia,
Some-se a ilha no mar.

Digitized by Google

Ao depois, torna a surdir,
Quando alguem menos espera ;
E a verdura recupera,
Recupera seu florir :
Então incute mais medos ;
Faz afeiar os enredos...
Só por malignos segredos,
Ao depois, torna a surdir.

É um mysterio infernal,
Que reina n'aquella ilha ;
Quem é, quem é que o esmerilha,
Se teme o genio do mal ?
Uma ilha abandonada...
De verduras esmaltada,
De flores embalsamada...
É um mysterio infernal.

Digitized by Google

A HEROINA.

Vêde-a, tão joven, coração virgineo,
O amor da patria vehemente o alaga :
Ella agora só cuida no exterminio
Dos que tomaram-lhe a risonha plaga.

Deixa de parte fascinantes galas ;
Os doces seios lhe comprime a farda :
E perfilada ante as imigas alas,
Não sabe trepidar, não se acobarda.

Digitized by Google

Nasceu, criou-se no sertão adusto,
A duros transes, a brincar, se affez ,
Callejou no lavor braço robusto ;
Ao sol expoz-se, que tisnou-lhe a tez.

Um dia soube de infernaes cabalas ;
Guerra ! exclamaram ; a partir não tarda :
E perfilada ante as imigas alas,
Não sabe trepidar, não se acobarda.

Ás intemperies abandona a roça,
Onde verdeja o arrosal formoso :
A porta fecha da rasteira choça,
E diz adeus ao sabiá queixoso.

Longe inda escuta-lhe as saudosas fallas ;
Mas segue, sobre o hombro uma espingarda :
E perfilada ante as imigas alas,
Não sabe trepidar, não se acobarda.

Tem no semblante varonil reflexo ;
Tem nos seus olhos faiscar de fera ;
Sancto respeito lhe grangeia o sexo,
Sua bravura mil espantos gera.

Digitized by Google

Suas proezas não sei eu contá-las,
Por mais que o labio por contá-las arda !
E perfilada ante as imigas alas,
Não sabe trepidar, não se acobarda.

Não era mais a tabaroa amavel,
Cheia de graças, cheia de ademães ;
Era a amazona, a executar notavel
As — vozes — dos valentes capitães.

Por sobre os hombros lhe zuniam balas,
Que vomitava a colossal bombarba :
E perfilada ante as imigas alas,
Não sabe trepidar, não se acobarda.

Firme no posto, viu pender ferido
Mais de um valente, que animava a gloria.
Emfim, o estranho foi por nós vencido,
E ella partilha da immortal victoria.

Roça e cabana, vae de novo amá-las,
Mas nunca despe a agaloada farda :
E já desfeitas as imigas alas,
Não sabe trepidar, não se acobarda.

Digitized by Google

Digitized by Google

TARDES DE OCIO.

No atrio da capella,
Esplendidas ruinas,
Á sombra, que descia
Das tepidas collinas,
Eu ia me assentar :
Um livro nos joelhos,
Languidamente lido,
A espaços : distraído,
No prado olhava a tarde,
Olhava o sol no mar.

Digitized by Google

Perto do caes, minado
Por ondas invasoras,
Movia-se a canoa
Co'as azas voadoras,
As vélas de alvo brim :
Maneira se adernava,
Ao sôpro passageiro ;
Co'o pescador trigueiro,
Na concava enseada,
Sumia-se, porfim.

Defronte a scintillarem
As humidas areias,
Ao pé das ondas verdes ;
E pareciam cheias
De pedraria, assaz ;
Um nupcial vestido
Entre brandões fumantes,
Os astros fascinantes,
Que a via-lactea enfeitam,
Talvez não brilham mais.

Pertinho, irrequieto,
Como que acceso em sanha,
O mar, onde surdia
Ephemera montanha,
Diaphano escarceu :

Digitized by Google

Qual vello desfiado,
E raro, e brando, e leve,
Perdida esvoejava
A nuvem côr de neve
N'um angulo do ceu.

Alli as capoeiras,
Cheirosas como o seio
De lepida donzella,
Que em louco devaneio
Penetra n'um festim :
Além os pardos montes
Bordando as chans amenas,
Coalhadas de açucenas,
Bravias, mas mimosas,
E moitas de alecrim.

Vinha o crepusc'lo, vinha
Colher-me de sorpresa
N'aquella scisma leve,
De virginal pureza,
N'aquelle ler á toa ;
Então do encantamento
Como que eu despertava ;
E a meu casal voltava,
Co'a ave, que em vindo a noite,
Do ninho ao fundo voa.

Digitized by Google

Digitized by Google

JORGE D'ALBUQUERQUE.

A O. DA GAMA LOBO.

Olinda ! emquanto esquecida,
Abandonada e tão só,
D'aquelle que te visita
Attraes olhares de dó,
Embora, em tua pobreza,
Mostres gestos de princeza ;

Digitized by Google

Emquanto mão diligente
Não cuida em te remoçar,
E as ruinas que te afeiam
Em palacios transformar ;
E tornar-te a magestade,
Ó decaída cidade !

Emquanto deixam sem magua,
E sequer veneração
A teu passado de glorias,
— Que já não lembra á nação, —
Que te aniquiles sem fructo,
Como um cadaver corrupto ;

Das cinzas da tua historia
Eu ouso um nome invocar ;
Um nome, que se acabares,
Ha de invejado durar ;
E de teus restos no charco
Jazerá, qual aureo marco.

Quero, quero repeti-lo
Em meu cantar juvenil !
Folgarás de me escutá-lo,
E porventura o Brazil.
Do canto no murmurinho
Pago um tributo mesquinho.

Digitized by Google

Eram dez annos corridos,
Corridos a guerreiar ;
E nos oiteiros de Olinda
Se vê alfim tremolar,
De um bom soldado pela arte,
O portuguez estandarte.

Fôra em Malacca soldado,
Como um bravo se bateu ;
Seus tropheus, elle os contava
Por f'ridas que recebeu :
O quanto fez ninguem pensa ;
Não se paga, nem compensa.

Tinha acordado esta terra
Á voz do grande Cabral ;
Um thesoiro precioso
Se entre-abríra a Portugal :
O valoroso soldado
Foi de Olinda aquinhoado.

Foi elle quem poz-lhe o nome
Formoso, que nos seduz,
Quem guerreiou por dez annos,
Por plantar a Sancta Cruz
Entre essa tribu insoffrida,
Por Cahetés conhecida.

Digitized by Google

E vencêra : nunca menos
Esperára Portugal ;
Que bem sabia que espada
Era a do seu General ;
D'essas da témpera antiga,
Que não se amolgam na briga.

E os Cahetés quão saudosos
Diriam a Olinda adeus !
Seus avós ahi nasceram,
Essa terra era a dos seus ;
E ahi ficava seu rio
Com tão doce murmurio !

E ficavam-lhes os plainos,
Que outrora a taba alegrou,
As florestas verdejantes,
Onde a janubia soou,
E as bojudas palmeiras,
Suas gentis companheiras.

Mas de Malacca o soldado
É agora a descançar :
Affeito ao zunir das balas,
Costuma na paz folgar :
E folga ; nasceu-lhe um filho,
Do porvir o cega o brilho.

Digitized by Google

Ouvi-me attentos a historia
Do filho do General ;
Era uma alma de guerreiro,
Fogosa, franca, leal :
Do pae herdára as façanhas,
E fê-las tantas, tamanhas !

Tamanhas ! presagiavam
Bellos fados ao Brazil :
Seu peito honrado e brioso
Repellia o que era vil.
D'essa perola de Olinda
A gloria nunca mais finda.

Tinha nobreza no sangue,
Nobreza no coração ;
O esplendor da sciencia
Lhe esmaltou a educação ;
Banhou-se, na flor da edade,
No Jordão da liberdade.

Portugal mediu-lhe os passos,
E creu do joven no ardor ;
Era de molde p'ra erguer-se
Como um audaz lidador.
Era uma aguia, que empennava,
E o vôo p'ra os ceus formava.

Digitized by Google

Ei-lo, provando seu braço
Na lucta co'os Cahetés ;
Que seu pae era já morto,
Legando-lhe a impavidez :
A tribu, que vive ainda,
Reclama as terras de Olinda.

Mas a tribu esmorecêra
Ante o ousado capitão ;
Seus tacapes se romperam
Entre as garras do leão.
E o Brazil vê no soldado
Do pae o fiel traslado.

E o joven confia a sorte
Á furia dos vendavaes ;
A nau, que o leva orgulhosa,
Dá nos baixos de Cascaes :
Na voragem da tormenta
A mão de Deus o sustenta.

A sua fama anda presa
A seu nome sem labeu,
Seu nome, que luz na terra,
Como a estrellinha no ceu.
A historia doira esse nome,
Que o tempo jamais consome.

Digitized by Google

Eu fico louco de orgulho,
Embora o condemne a lei,
Se fallo do amor que tinha
O bom soldado a seu rei :
É um facto mui subido,
Não deve morrer no olvido.

Foi nas planices de Alcacer,
— Onde o portuguez pendão
Inopinado caíra,
Não sei porque maldição, —
Que Albuquerque distinguiu-se...
Guerreiro assim raro viu-se.

Era um raio ! Seus soldados
Gigantes á sua voz ;
Nunca de medo enfiaram
Ante a moirama feroz :
Cada vez que elle avançava,
Cem cabeças decepava.

E que de garbo que tinha
Seu ginete a cavalgar !
Era um ginete formoso,
Côr das espumas do mar,
Mesmo feito p'ra a peleja...
De ha muito que o rei o inveja.

Digitized by Google

Mas nunca o dono o cedêra ;
— Presentimento, talvez, —
Aguardava de offertá-lo
A mais opportuna vez.
É já o tempo chegado ;
Vejam que faz o soldado.

Chovem balas, como as folhas
Que o vento arremessa ao chão ;
A morte desfalca as filas,
Ai de dom Sebastião !
Tão moço, tão destemido,
O seu cavallo é ferido.

Desaba o cavallo exangue...
Quem ha de o rei soccorrer ?
Um só braço, o d'Albuquerque,
Que alli já vem a correr :
— « Eis o ginete, que é vosso,
A pé batalhar bem posso. » —

Singular fidelidade !
Inaudita intrepidez !
Por sustentar se esforçára
O diadema portuguez :
Sacrificou sua vida,
E viu-a quasi perdida.

Digitized by Google

Mas debalde : negro horoscopo
Ao rei mancebo luziu :
No esfuzilar da batalha
No ginete se sumiu.
Todos sabem esta historia,
De tão sombria memoria.

Vem a aurora, e sobre o campo
Despede mortiça luz :
O campo é lago de sangue,
Que varias dores traduz.
Entre os cadav'res, que o pejam,
Corpos mal vivos arquejam.

E aquelles que espoliavam
Vivos e mortos, sem fé,
Reconhecem Albuquerque,
Que geme, que entre elles é.
O General não morrêra,
De dor empallidecêra.

E foi captivo, coitado !
Foi vendido, por seu mal ;
Mas uma tão grande affronta
Não supporta Portugal.
Esse genio dos combates
Merecia mil resgates.

Digitized by Google

Resgataram-no. Bemdita
A mão de seu bemfeitor ;
Bemdito quem quer que sabe
Remunerar o valor.
Foi uma acção grandiosa !
Foi uma acção generosa !

Destino ! Onde teve o berço
Não tem tumulo o heroe :
Morreu saudoso, é verdade,
Mas o soldado que foi ;
Se é que morre um valente,
Que aos inimigos fez frente.

Ó povo ! rende teu culto
Ao Brazileiro exemplar,
Tu, que espontaneo ajoelhas
Ante esse esplendido altar,
Onde, após da Divindade,
Se venera a heroicidade.

Digitized by Google

Á SOMBRA DA FLORESTA.

Sólta as negras madeixas corredias,
Afroixa a veste, que teu seio estreita :
Livre respira ; não te cérca a turba,
Nem importuna perspicaz te espreita.

O sol abraza, vae dobrando a calma ;
Languor celeste de teus olhos pende ;
Rubor purpureo te avermelha as faces ;
Repoisa, ó virgem, que te a calma offende.

Digitized by Google

Na curva rede, de nevadas franjas,
Em somnolencia quedarás tranquilla :
Eu de joelhos velarei teu somno,
Emquanto a rede priguiçosa oscilla.

Emquanto oscilla, na attractiva sombra,
Placidamente soltarei meu canto :
Á espessura ensinarei teu nome,
Sublimes dotes, virginal encanto.

A sombra encerra borborinhos meigos,
Que mais parecem um fallar celeste ;
A sombra acoita as amorosas frontes,
Bem como abriga o malmequer agreste.

Quero que sonhes um sonhar de amores,
Quero que sonhes um sonhar de infante :
No gesto o riso, que annuncia o gôsto,
D'alma no seio imaginar brilhante.

Sonho de virgem é doirado calis,
Em que ella sorve inebriantes tragos ;
A innocencia remontando aos anjos,
Por ir cegar-se em seus reflexos magos.

Digitized by Google

Quando acordares, na attractiva sombra
Placidamente soltarei meu canto :
Á espessura ensinarei teu nome,
Sublimes dotes, virginal encanto.

Ah ! que o desejo de deixar a sombra,
Que te protege do ardor da calma,
Jamais se aninhe no teu peito tenro,
Jamais perturbe-te o socêgo d'alma.

Não queiras, não, as celestinas vagas
Transpor medrosa no batel voante,
Perder de vista os arqueados montes,
Por onde corres, desde que es infante.

Longe não vás, onde a gentil cidade
Entre vapores ostentosa ondula :
Lá remoinho, que produz vertigens,
Halito impuro, que a abrazar, macúla.

Commigo fica. Na attractiva sombra
Placidamente soltarei meu canto :
Á espessura ensinarei teu nome,
Sublimes dotes, virginal encanto.

Digitized by Google

Digitized by Google

AO BRIGADEIRO J. LEITE PACHECO.

Longe teu nome tem levado a fama.
Sei que em teu peito nutres essa flamma
De inextinguivel, rubido clarão ;
Essa flamma, que diz-se liberdade,
Que cega, que fascina a mocidade,
E dá vigor ao trémulo ancião.

Digitized by Google

Sei, sim : para pensá-lo, tão somente
Me bastava saber que eras valente,
Que te coube uma c'roa de café :
É mister para entrar uma estacada,
Sem deshonrar o gume de uma espada,
Na liberdade ter segura fé.

E quem amá-la mais, do que o soldado ?
Qual é sua missão, qual é seu fado,
Senão a patria defender audaz ?
Quando um govêrno desfreiado a esmaga,
O povo a idea salvadora afaga ;
É o soldado o que os grilhões desfaz.

Soldado ! o povo te olha agradecido :
Bem d'elle ! que não 'stá inda esquecido
De teus feitos obrados com valor.
Se as turbas tu saudas em caminho,
De prazer e transporte um murmurinho
Diz assim : — « Alli vae um lidador !

Alli vae um d'aquelles que venceram ;
Alli vae um d'aquelles que nos deram
Um nome, a vida, a independencia, a luz.
Quem pode lhe negar alta homenagem ?
Quem pode ? Elle é um typo de coragem,
Uma das glorias do paiz da Cruz.

Digitized by Google

Nossas bençãos de amor e de respeito
Sobre esse General, sobre esse peito,
Que adornam merecidas distincções ;
Esse peito, que as balas repellia,
E que amparou na última agonia
As frontes de cem bravos campeões ! » —

Tens, portanto, Senhor, um bom thesoiro,
O qual te guarda o povo, cofre de oiro,
Que a verdade somente pode abrir :
A bem da patria aventuraste a vida ;
Ganhaste para ti palma florída,
Para ella ganhaste aureo porvir.

Segue o caminho teu, como has seguido ;
Redemptor, não te esqueças do remido,
Acaricia o povo que te quer :
Acode, General, ao seu aceno !
Seja, seja com elle bem pequeno
Quem grande nos combates mostrou ser.

Pára diante d'esses baços rostos,
Que o tempo e, muito mais, frios desgostos
Tem marcado com lobrego signal :
Quem a vaidade repelliu abraça ;
Se acaso geme, seu soffrer devassa ;
Se acaso chora, lhe mitiga o mal.

Digitized by Google

Todos esses intrepidos guerreiros,
Em frente dos canhões teus companheiros,
Tambem o sejam na folgada paz.
Mal por nós ! um perece abandonado,
Outro co'a sua cicatriz, curvado
Passa na sombra, na miseria jaz.

Consola-os ! tu, que os viste adolescentes,
Em seu empenho sancto permanentes,
Novos Davids, gigantes derrubar :
Pelas suas façanhas e proezas,
E pela gloria, que altanado prézas,
Consola-os, torna doce o seu penar.

Sê popular, Soldado ! e sê-lo estima :
Quem desce até o povo se sublima.
Do affecto os cultos o desdem destroe.
Deixa que boccas, que de fel trasbordam,
Teu pedestal inabalavel mordam ;
Um mundo inteiro te appellida heroe.

Digitized by Google

A MANGUEIRA.

Mangueira ! te formou a natureza
Para abrigo da joven camponeza,
Ameno e encantador !
É teu berço macio um chão de relva ;
Teu mundo além as arvores da selva,
E a lua teu amor.

Digitized by Google

Puras flores no seio te arrebentam ;
E as noites de verão as aviventam
Com lagrymas de mel ;
E ao contacto das brisas buliçosas,
Vão caindo quaes perolas mimosas
De teu verde docel.

Sósinha vives em feliz destêrro ;
A estrella da manhan de sobre o cêrro
Primeiro te mirou :
Pende-te a fronte cheia de esperanças,
E no tronco adormeces co'as lembranças
De um sec'lo que passou.

Outro sec'lo virá para affrontar-te,
E tu como robusto baluarte
Has de ficar em pé !
Atalaia que espreita o ceu vermelho ;
E da tarde ao cair, magico espelho,
Em que o sol se revê.

Oh descobre-me agora os teus arcanos !
Tua historia me conta de cem annos,
Patriarcha do val :
Quanta vez campeiaste no combate
Da tempestade infrene, ao duro embate
Do rijo vendaval ?

Digitized by Google

Quanta vez o relampago, que assoma,
Tisnou-te os fructos, accendeu-te a coma,
Ao rapido clarão ?
Quanta vez escutaste o echo triste
Do tombar do rochedo ? quanta ouviste
O stertor do trovão ?

Debaixo de tua c'roa verdejante
Saudoso deixa, ó sombra de gigante,
Reclinar-se o pygmeu ;
Deixa que elle contemple em sua scisma,
Como atravez de crystallino prisma,
As estrellas no ceu :

E a lua, que seu curso triste acaba,
O castello de nuvens, que desaba
Em pedaços no ar,
E os longes de anil do firmamento,
Vasta arcada de um templo, cujo assento
São montanhas e mar.

Aqui a aragem tepida suspira
Em tuas ramas, como n'uma lyra,
E brandos sons extrae ;
E os gorgeios das aves lá do brejo,
Como o canto de um dia de festejo,
Vem dizer-te : — Acordae !

Digitized by Google

Acordae ! diz-te a voz do mar fremente,
Como a cratera de um volcão fervente
Que em fogo transbordou ;
E a cantiga do lesto marinheiro,
A manobrar o barco aventureiro,
Que á costa bordejou.

Acordae ! diz-te o orvalho que te molha,
E á escama reluzente cada folha,
Que te adorna, reduz :
Acordae ! vem dizer-te os pyrilampos,
Que se alaram da sombra d'estes campos,
Como globos de luz.

Que viver ! Longe o mundo presumido,
Que se morde, lacera, faz ruido,
E louco se destroe ;
Briareu, que cadeias mil arrasta,
E cujo peito o scepticismo gasta,
E odio eterno roe.

Aqui sempre anilado o firmamento !
Aqui sempre esmaltado o pensamento
De formoso matiz !
Aqui, estas campinas perlustrando,
Colhendo flores, ou então cantando,
Sempre o homem feliz !

Digitized by Google

Aqui a alma se engolpha na esperança ;
A singeleza firma a confiança
No Eterno Redemptor :
A oração que elle ouviu tem mais doçura,
E contempla-se a cruz da sepultura
Sem panico terror.

Aqui não ha rojar de escravo em terra,
Nem ossadas, que esmaga o pé da guerra,
Nem orphãos a chorar :
Aqui ergueu seu throno a liberdade,
E somente de Deus a magestade
Vi-lo-ha derribar.

Mangueira ! sê tambem o meu abrigo.
Toda a noite virei sonhar comtigo,
Pedir-te uma illusão.
Quando a vida sumir-se-me entre dores,
Meu cadaver sombreia, e manda flores
Ao frio coração.

Digitized by Google

Digitized by Google

UM CONTO, AO LUAR.

— « Vê lá, meu anjinho, como foi a historia ;
Fique bem gravada na infantil memoria. » —

Assim, n'uma noite de luar fagueiro,
Sertanejo edoso, sobre chão terreiro,
O cachimbo longo, que na bocca aperta,
A fumar gostoso, falla ao filho alerta.

Digitized by Google

— « Eu estava lá, — com orgulho o conto, —
No Cabrito estava, firme no meu *ponto*.
Oh que acção renhida ! balas sobre balas :
Pontaria ! fogo ! nem mais outras fallas.
A abrazada bocca, que o pão não mastiga,
Cartuxames morde, por nutrir a briga.
Das imigas tropas se adivinha o rumo ;
Todo o campo toldam novellões de fumo :
Assim, quando chega a hora matutina,
Enche os largos valles a subtil neblina.
Eu estava lá, como um bom soldado,
A bandeira em frente, o capitão ao lado.
Via a morte prestes, — com prazer o via ;
Morrer pela patria tem assaz valia.
Pois não era raio, pois não era peste ;
Se desaba aquelle, tomba logo este.

Vê lá, meu anjinho, como foi a historia ;
Fique bem gravada na infantil memoria.

Trom..trom..trom..trom..trom.. a crescer o fogo !
Um canhão reboa, falla o outro logo.
Eram os contrarios em maior enxame,
E, depois, affeitos ao voraz certame.
Mas a liberdade nos dobrava o ánimo ;
Quem protege o anjo nunca tem desánimo ;
Porque a liberdade é de Deus a imagem ;
Deus é d'onde emana a marcial coragem.

Digitized by Google

Ora bem, meu filho, quem vencer devia ?
Quem a liberdade, com razão, queria.

Vê lá, meu anjinho, como foi a historia ;
Fique bem gravada na infantil memoria.

Minha velha farda, que ha roído a traça,
Minha espingarda, que a ferruge'embaça,
Eu t'as deixarei como só herança ;
Não t'as dou agora, que inda es mui creança.
Pelejei com ellas, no arriscado posto,
Sem gelar de susto, sem torcer o rosto.

Vê lá, meu anjinho, como foi a historia ;
Fique bem gravada na infantil memoria.

Por um es não es, — inda agora tremo ! —
Cede ao inimigo a victoria o demo.
Mó de Lusitanos sobre nós remette :
— Tudo está perdido, — cadaqual reflecte.
— Retirar depressa ! retirar ! retira ! —
Diz o commandante ; se o corneta o ouvíra !...
Liberdade, o anjo, não no quiz por certo ;
Soa a voz contrária : que feliz acêrto !
Ouve-se o clarim, o som agudo róla ;
Toca o bom corneta : — Avançar ! degolla !

Digitized by Google

Avançar ! degolla ! degollar ! avança ! —
E o bom corneta em seu clarim não cança.
Ora, o inimigo, que o clarim escuta,
O furor acalma, cobra medo á lucta :
Alto som que voa diz que estamos fortes ;
Ei-lo, que já foge, por fugir ás mortes.
D'este modo, filho, foi a acção completa ;
Deu-nos o triumpho o immortal corneta.

Ouve : a mãe-da-lua solitaria arpeja
No canavial, que acolá palleja.
Tarde é, meu filho ; te recolhe á choça ;
Fico eu cá scismando, que o scismar remoça.

Vê lá, meu anjinho, como foi a historia ;
Fique bem gravada na infantil memoria. » —

Digitized by Google

O AMOR PERPÉTUO.

Tempo houve em que nós descuidosos,
Attraídos por fôrça invisivel,
No retiro ridente, aprazivel,
Só em casos cuidámos de amor :
Mas então nós jurar não sabiamos,
Nem guardar precioso segredo ;
Era tudo innocencia e folguedo,
Era tudo franqueza e candor.

Digitized by Google

Nossos labios unidos, seus halitos
Cadaqual brandamente inspirava ;
Em teus olhos meu rosto eu mirava,
Na pupilla dos meus tu a olhares :
Novo e tenro 'hi boiava teu gesto,
Cuja graça á minh'alma descia,
Como desce o reflexo do dia
Ás entranhas dormentes dos mares.

O senil pescador nos topando
Mergulhados em alta verdura,
Sob a tolda da vasta espessura,
Murmurava a sorrir : — São irmãos !
— São dois anjos, mais este dizia,
— Feitos um para o outro dois entes ;
Hoje longe do trato das gentes,
Amanhan entre os homens, bem vãos. —

Como a lua que as trevas espanca,
E tropeça no ceu solitaria,
Vae co'a flamma suave e precaria
Augmentando em tamanho e fulgor,
Com assombro de quantos te q'riam
Tu crescias na agreste deveza
Nos contornos de rara belleza,
E dos dotes moraes no 'splendor.

Digitized by Google

E crescias co'a benção paterna,
Com seus mimos, com suas caricias :
Eras nata das minhas delicias,
De meus gozos tu eras a flor.
O destino ajunctou-nos no berço ;
No crepusc'lo de nossa existencia,
E á sombra ideal da innocencia
Se plantou nosso germen de amor.

Á noitinha se abriam teus labios,
Como se abre a bonina rosada,
Cujo calis entope a orvalhada
Que gottejam as fontes do ceu,
P'ra exhalar seu aroma infantino
Em um beijo opulento de seve,
Em um canto facillimo e breve,
Em um hymno dos coros de Deus.

Quanta vez a canoa maneira,
Empenada ás lufadas do vento,
Nos levava em fugaz movimento
Ás paragens do curto canal !
Era bello, visinho á coroa,
Na saphyra do mar embutida,
Onde a garça se assenta garrida,
Contemplar o ensombrado casal :

Digitized by Google

Ver a ilha selvatica, inculta,
Ostentando seu viço tamanho ;
Semeiado na relva o rebanho,
Como flocos de alvura sem par ;
Ver os mangues, de nuas raizes,
Marchetados de buzios marinhos,
Enfeitados de flores e ninhos,
Molles ramas na vaga ensopar.

A ventura, que então preparavamos
Co'esse amor mavioso e celeste,
— Que o disfarce não tinha por veste,
Nem jamais precisou confissão, —
Hoje a gózo, sim, gózo-a completa ;
Mas, consocio de um mundo maligno,
Eu occulto o amor de menino,
Prendo a chamma no meu coração.

Nem podéra bani-lo, sacrilego :
Elle foi o meu dote de infancia ;
Sei zelá-lo com toda a constancia,
Sei guardar o presente do ceu :
Se o perdesse, temêra meu anjo,
Por vingar-se da minha impiedade,
Me vedasse qualquer f'licidade....
Não, não perco meu rico tropheu.

Digitized by Google

Resguardado qual sancta reliquia,
Meu amor infantil, solitario,
Eu perfumo co'o puro incensario,
Que se accende nos lumes da fé.
Quero-o assim : redivivo nos prantos,
Não sabido das turbas loquazes,
Não soado em estridulas phrases,
Que não dizem amor o que é.

Quero-o assim : a brotar, cada noite,
Em meus sonhos o sonho primeiro ;
Nas vigilias meu doce luzeiro,
Meu mais casto e febril phrenesim.
Entre nós este amor se deslise,
Não qual sombra, mas viva lembrança ;
Seja amor de mysterio e esperança,
Seja amor, que jamais tenha fim.

Digitized by Google

Digitized by Google

O RAIO.

E o Deus da tempestade empunha o raio,
E rapido o sopesa, e brande, e larga.
Indomavel, pujante, impetuoso,
Nenhum tropêço sua marcha embarga.

Rei da procella, tenebrosa nuvem
É-lhe carcer sombrio e excelso paço :
Se a ira do Senhor o desalgema,
No mais longe da terra ei-lo n'um passo.

Digitized by Google

Sua descida logo após pregoa
Estridulo trovão, que além ribomba :
Por onde quer que voa espalha sustos,
Semeia damnos onde quer que tomba.

Forjado no alto ceu, ama as alturas ;
Investe ás sumidades e as arraza :
Ignivomo serpeia ; e quanto alcança
Cresta, queima, incendeia, inflamma, abraza.

Nada lhe é mysterioso e occulto ;
Em tudo elle penetra soberano :
Revolve os antros concavos da terra,
Sonda as profundidades do oceano.

O abysmo é seu tumulo. Terrivel,
Entre os rugidos da infernal borrasca,
Retalha, açoita os ares, — caracola ;
Vivo se afunda, em violenta vasca.

As arvores cyclopleas da floresta
Co'as finas garras abalou, destronca :
Só com roçá-los, lança ao chão colossos,
E parte ao meio a penedia bronca.

Digitized by Google

O rei dos astros sua luz cubiça ;
A aguia lhe inveja seu voar extenso ;
O timido mortal pasma, ao fitá-lo,
E se prosterna a seu poder immenso.

O turbilhão vertiginoso e leve,
Do rio que transborda a correnteza,
O tempo, que por tudo deixa pégadas,
Não egualam á sua ligeireza.

Gladio luzente, que o Senhor maneja,
Raio ! longe teus golpes descarrega.
Basta que mostres, fulgurante facho,
O caminho da morte á gente cega.

Digitized by Google

Digitized by Google

CANTO PATRIOTICO.

AOS VALOROSOS PERNAMBUCANOS

EM RECONHECIMENTO DOS FEITOS D'ARMAS DOS QUE, NA BAHIA, GUERREIARAM PELA CAUSA DA INDEPENDENCIA.

Co'os nobres filhos do torrão do Norte
Unam-se os filhos do torrão do Sul,
Quaes se embaralham dois giganteos rios
Do mar no seio azul.

No festim fraternal paire a lembrança
Que nos aviva tão solemne dia !
A perla de Nassau preze, qual propria,
A gloria da Bahia.

Digitized by Google

O — Dois de Julho — que na patria historia
Marca uma data luminosa, eterna,
Tambem é obra sua, que lhe abona
Nomeada sempiterna.

De seus soldados aguerridos, bravos,
Brilhou em Pirajá o gladio acceso :
O inimigo gemeu, irado e trémulo,
De seus golpes ao pêso.

Entre os primeiros na estacada entravam,
Como que a um velho pelejar affeitos.
Ao remoinho das voantes balas
Expunham, calmos, os ferrenhos peitos.

A cicatriz, o magestoso sêllo
Que do valente divinisa os traços,
Nobres ostentam no afan da guerra,
Suberbos nos fracassos.

Tambem a palma da gentil victoria
Na fronte d'elles sobresae, viceja ;
Grandes no ocio de uma paz honrosa,
Maiores na peleja !

Digitized by Google

Meus amigos, irmãos do mesmo solo,
Folgae, portanto, no festim ardente ;
Esta esplendida turba que o adorna
O prazer que sentis, de certo, sente.

Da liberdade os legatarios somos,
Somos a prole de immortaes guerreiros.
Do — Dois de Julho — a todos nós fascinam
Os reflexos fagueiros.

Co'os nobres filhos do torrão do Norte
Unam-se os filhos do torrão do Sul,
Quaes se embaralham dois giganteos rios
De mar sereno no regaço azul.

Digitized by Google

Digitized by Google

OS MARTYRES DA LIBERDADE.

AOS VETERANOS DA INDEPENDENCIA,
MEUS COMPROVINCIANOS.

EM PENHOR DE SUBIDO APREÇO A SEU PATRIOTISMO,
E DE ADMIRAÇÃO PELAS SUAS PROEZAS.

Os soldados da patria alli se ergueram,
Bem como os escarceus em tempestade :
Por ti, ó liberdade, combateram,
Expiraram por ti, ó liberdade !

O Deus dos prelios, que transforma tudo,
Fez-lhes de bronze os incansaveis braços :
O valor lhes serviu como de escudo ;
O sol da guerra illuminou-lh'os passos.

Digitized by Google

Eram seus gladios como accesos lumes,
Suspensos entre as nevoas do combate :
Mais de uma vez tingiram-se seus gumes
No sangue dos imigos escarlate.

Cadaqual remetteu sobre o inimigo ;
Ou deu-lhe a morte, ou lhe causou desmaio,
Bem como na charneca, ao desabrigo,
Tomba sobre o coqueiro o fulvo raio.

Não choremos, irmãos, as suas sortes ;
Graças a elles, não sois vós escravos !
Pelejaram sem pausa, como fortes,
Caíram pelejando, como bravos.

Qual chuva salutar, que a terra inunda,
Ajuda a rebentar tenue semente ;
A flor da liberdade se fecunda
Orvalhada do sangue do valente.

O sangue do valente é o sêllo augusto,
Que em sua espada, que vergou, se imprime ;
Salpica de altivez todo o seu busto ;
É da gloria o matiz o mais sublime.

Digitized by Google

Bençãos eternas, perennaes louvores
Aos martyres da patria. São heroes.
Cercam seus nomes vivos resplendores,
Como discos de luz a novos soes.

Não choremos, irmãos, as suas sortes ,
Graças a elles, não sois vós escravos !
Pelejaram sem pausa, como fortes,
Caíram pelejando, como bravos.

Digitized by Google

Digitized by Google

LIVRO SEGUNDO.

Digitized by Google

Digitized by Google

HOJE.

— 12 DE JULHO. —

A MEU PAE.

E hoje eu alcanço mais outra balisa
Na senda da vida, que é vossa tambem ;
Mais uma alvorada meu ceu purpurisa,
E mais uma data meu livro contém.

Meu livro que, graças á vossa constancia,
Seu certo começo por vós foi traçado ;
Que traz um poema, isto é, minha infancia ;
Que traz um romance, isto é, meu passado.

Digitized by Google

Meu livro, que resa de findos prazeres,
Que animam centelhas de varia paixão ;
Meu livro, que encerra doridos dizeres,
Que leio co'os prantos de meu coração.

Em meio dos nomes que o livro enriquecem,
Meu Pae, vosso nome sereno reluz,
Bem como a açucena nos chãos que verdecem,
Bem como a toalha nas travas da cruz.

Vós já me pintastes com viva pintura
A hora solémne do dia que é meu ;
O quanto dissestes minh'alma figura ;
Se o vistes, eu vejo por limpido veu.

Ai hoje faz annos, — que tempo diverso ! —
Que vós me apoiastes nos braços avaros ;
E, ledo fitando meu pendulo berço,
A Deus me rogastes destinos preclaros.

Depois me mostrastes de esp'ranças tomado
Aos olhos modestos do bom pescador,
Que vinha de proximo ao lar agitado
Trazer-vos prolfaças e muito louvor.

Digitized by Google

Enchia de cantos festivos a veiga
A lepida ilhoa, que a ver-me correu,
A ilhoa, que sabe ser pura e ser meiga,
Nascida entre flores, fadada do ceu.

Na praia nevada da ilha graciosa
A onda sem echo franzia-se molle,
Bem como franjada cortina mimosa
De um leito de noiva, que o zephyro bole.

O sol recemnado, cegando de lumes,
Co'a luz parecia saudar o casal :
Oh ! tudo era vida, clarões e perfumes,
Felizes agoiros p'ra um dia natal.

Nem sempre as promessas dos faustos agoiros
Nem sempre as confirma depois o destino :
Agora não gózo celestes thesoiros,
Só tive thesoiros quando era menino.

Agora na fronte se vinca uma ruga,
Agora nos olhos fallece o fulgor,
E o verme do tedio faminto me suga
Da flor dos prazeres escasso dulçor.

Digitized by Google

Embora ! é minh'alma mais rija e mais forte.
A lucta acrysola. Que importa que eu gema ?
Impavido acceito cruezas da sorte ;
Triumpho risonho da gente blasphema.

E hoje eu quizera, na ilha de amores,
A benção benigna de vós receber ;
Dizer aos edosos e bons pescadores :
— Aqui vosso amigo, que vistes nascer !

Se eu fôra, debaixo das altas mangueiras,
Das flores pendentes beber a fragrancia !
Se eu fôra, enlevado nas sombras trigueiras,
Cantar o poema da trefega infancia !

Mas hoje saudades, que geram tristezas,
Anhelos baldados, inerte scismar.
Mais uma balisa nas curvas devezas
Alcanço : estremeço : prosigo a marchar !

Digitized by Google

A MINHA MÃE.

A cada instante em sua imagem penso !
Juncto a seu seio, sou prazeres todo,
Distante d'ella meu viver praguejo.
Minha Mãe é o passado que me encanta ;
Minha Mãe é o presente que me anima ;
Minha Mãe é o futuro que me acena.

Digitized by Google

Dizem : — O mundo enfastia,
É triste seu panorama,
Não arde indelevel chamma,
Não brilha perpétuo dia
Dentro dos terminos seus :
Suas c'roas desflorecem,
Suas glorias se esvaecem,
Suas victorias se esquecem,
Destroem-se seus tropheus.

E o que se me dá, que seja o mundo
Sombrio ergastulo, ou deserto horrivel ?
Pobre, sou rico ; minimo, sou grande,
A par de minha Mãe. — Chorasse eu sangue,
De famelicas dores consumido,
Meigo e calmo sorríra, a contemplá-la.

Chamasse-me alguem maldicto,
Ingrato alguem me chamasse,
Ou pelas praças voasse,
Entre festas, este grito
Perseguidor : Es um reu !
Baldões e grito esquecêra,
Como frivola chymera,
Se minha Mãe me dissera
Este nome : — Filho meu.

Digitized by Google

Mais do que outro qualquer praz este nome :
Não no outorga a sciencia com seus foros,
A gloria não no dá com seus prestigios.
Deus cercou-o de toda a magestade :
Perto da cruz, o articulou a Virgem :
Elle é o verbo de um amor sem termo.

Minha Mãe ! Eu, peregrino,
Me instrue qual a recta senda ;
Eu, poeta, me encommenda,
Que não alteie meu hymno
A trôco de premios vis :
Tem sêde o grande de cantos,
Como o pequeno de prantos,
Como a beldade de encantos ;
Sê precavido ! me diz.

E onde ha clarão, estrepito de festa,
Deslumbrar de ouropeis, raro modúlo :
Desafogado, nas campinas canto,
Ou sob a sombra de enflorados bosques :
A natureza sempre verde e inculta
Me afervora, me influe e me extasia. —

Digitized by Google

Se orna o filho qualidade,
Que elogios lhe conquiste,
Se n'elle paixão existe
Que encanta a sociedade,
Que a tudo sabe o valor ;
Se o engrandece virtude
Singular na juventude,
E rara na senectude,
Cabe á mãe todo o louvor.

Como o esculptor do toro do madeiro,
Habil, crêa uma estátua portentosa ;
Assim, com paciencia e com desvelo,
Sabios conselhos, perennaes exemplos,
Do filho tenro faz a mãe um homem,
Do homem um heroe, do heroe um sancto.

Um olhar seu nos refreia
Nos maus impetos da ira ;
Se ella trémula suspira,
Quando nosso peito anceia,
A magua se desvanece :
Todo o poder lhe pertence :
Co'nm sorriso ella nos vence ;
Com um aceno convence ;
Co'uma lagryma enternece.

Digitized by Google

Fóra as gottas de leite assucaradas,
Com que a fome nos mata e estanca a sêde,
Quando somos improvidos e tenros,
Co'o leite das ideas nos sacia,
Quando de oitiva modulámos phrases,
Timidas nuncias da razão que acorda.

. . . . . .

Ella nos abre serena
Do primeiro livro a folha,
E esperançosa nos molha
Na tinta a flexivel penna,
Com que escrevemos primeiro :
Inspira-nos, na innocencia,
O gôsto pela sciencia,
E nos mostra a Providencia
Como seu claro luzeiro.

Primeiro, a terra é da mulher o reino :
Do homem a aproxima a formosura,
Aproxima-a do ceu sua pureza ;
Mas só por meio da maternidade
Ella pôde ter Deus dentro em seu seio,
Meia humana ficar, meia divina.

Digitized by Google

Murcha, pallida, enganada,
O peccado feio, immundo,
Atira a mulher no mundo,
E defende-lhe a entrada
No Eden, onde nasceu.
Deslisa o tempo suave:
Murmura-lhe um anjo: Ave!
Nasce o Christo, e dá-lhe a chave,
Com que abre as portas do ceu.

Ser amante a mulher, é ser princeza;
Ser esposa, inda mais, é ser um id'lo;
Ser filha, mais ainda, é ser um anjo;
Ser mãe, é merecer tocando o termo,
A c'roa, o preito, o culto derradeiros;
Ser mãe é, sim, é ser mulher completa.

Digitized by Google

A COROA DO POETA.

A' MEMORIA DE JUNQUEIRA-FREIRE.

Qual branco cysne, ao desbotar do dia,
Vae o poeta modulando amores ;
Ergue-se ao ceu nas azas da harmonia,
E desce á terra, vem colher-lhe flores.

Folga em delirio, se n'um ceu de prata
A madrugada desenhou mil cores :
Do dia a nuncia, que a sorrir desata,
Doira-lhe a fronte co'as ethereas flores.

Digitized by Google

Sob a palmeira, que na chan se alteia,
Dorme, cantando, aos estivaes ardores :
D'essa grinalda, que lhe a coma arreia,
Dá-lhe a palmeira mal-abertas flores.

Corre co'a lua no azulado espaço,
Preso por fio pallido de dores ;
Serena e doce, n'um estreito abraço,
No seio a lua lhe derrama flores.

Horas sem conta lhe acalenta a esp'rança,
Tempo sem prazo palpitou de amores ;
E a virgem casta, que adorou creança,
N'um olhar meigo lhe dardeja flores.

Chora co'a patria, se humilhada geme
Aos pés de ignobeis, de crueis senhores :
E no altar da liberdade estreme
Abre-lhe a patria immarcessiveis flores.

O peito frio de pungentes maguas
Da cruz descerra aos perennaes fulgores :
Pharol brilhante do soffrer nas fraguas,
A cruz seu peito perfumou de flores.

Digitized by Google

Mas chega um dia. Na celeste altura
Goza o poeta os eternaes favores :
Entre seu berço e sua sepultura
Ei-las, avultam as diversas flores.

Então um anjo para ellas voa,
Anjo da gloria, cheio de esplendores ;
E reunindo-as em gentil coroa,
Lhes diz : — Bemditas vicejae, ó flores !

E cae a noite, se alevanta o dia,
E sempre a c'roa a desprender olores :
Do vate o nome, que minh'alma enchia,
Repetem todos, a beijar-lhe as flores.

Digitized by Google

Digitized by Google

A FELICIDADE.

Ser feliz não é ocioso
Passar dias festivaes,
Nem ter cofre precioso
Pejado de cabedaes :
Não, isto não é ventura ;
Ao mesmo Creso tortura
A agonia do soffrer ;
Vive o rico na opulencia,
Mas desgostoso a existencia
Não cessa de maldizer.

Digitized by Google

Não é feliz o que é grande,
O que é valído dos reis,
Haja servos a quem mande,
Luxo, pompas, ouropeis :
Seu coração, anhelante
De poder, um só instante
Não palpita regular ;
Bem de perto o cérca a intriga,
E não falta quem o siga,
Para ciladas lhe armar.

Não é feliz o monarcha,
Id'lo do povo e senhor,
Que co'o sceptro em punho abarca
Estados de alto valor :
Sobrem-lhe embora regalos,
Aos centos conte vassallos,
Que aos centos preitos lhe dém ;
Bebe calado a cicuta ;
O monarcha se reputa
Mais infeliz que ninguem.

Disfarçados traiçoeiros
O fazem alvo de ardis ;
Desbotam-lhe os embusteiros
Da san verdade o matiz :
O que tresjura se accende

Digitized by Google

Por elle em amor se vende
Mais facilmente, infiel :
Dos cortezãos no enxame
Ha sempre mais de um infame,
Ha mais de um Achitopel.

O monarcha as noites gasta
Quasi todas a velar ;
A sua missão é vasta,
Dá-lhe muito em que pensar.
Inteiros, compridos dias,
Das alheias agonias
Elle tem de ouvir a voz ;
De si proprio ha de esquecer-se,
Porque não venha a perder-se,
Apontado como algoz.

Ser feliz não é pujante,
Conquistar cem regiões ;
Mostrar-se um vulto que espante
Pelo brilho das acções ;
Accender em cada passo,
Seguro, de gloria um traço
Indelevel, immortal ;
E porfim, co'a fronte erguida,
Tranquillo perder a vida,
Tendo ganho um pedestal.

Digitized by Google

Não é, não. Da gloria a estrada
De espinhos coberta jaz ;
É ardua, longa a jornada,
Que por seu trilho se faz.
A fama nos colhe o fructo ;
O egoismo corrupto
Faminto, impudente o roe :
O homem deificado
Foi antes martyrisado,
Chame-se genio ou heroe.

Ser feliz, é n'esta vida
Ter um seio a estremecer,
Onde a alma beba insoffrida
O phrenesi do prazer ;
Onde a fronte macilenta
Sinta o calor, que aviventa
Com suave languidez ;
Onde perfumes aereos
Embalsamem os mysterios
Da amorosa embriaguez.

Ser feliz é, deslembrado
Dos mundanos vaivens,
Juncto do ente adorado
Gozar innumeros bens ;
Levar tempo indefinido

Digitized by Google

Em seus olhos embebido,
Como quem attento lê ;
Co'o peito que forte pulsa,
A mais pequena repulsa,
Dizer-lhe terno : Porque ?

Ser feliz é no retiro
Ter companheira fiel,
Que pague longo suspiro
Co'um beijo, que sabe a mel ;
Com ella amar os luares,
As aragens salutares,
A sombra que envolve a chan,
As flores da sicopira,
E o hymno de cada lyra,
Que soa pela manhan.

Ser feliz é, n'essas horas
De tedio e vaga afflicção,
De lembranças oppressoras,
De oppressora inquietação,
Co'aquella que nos entrega,
Ebria de amor, de amor cega,
O fio dos dias seus,
Procurar o sanctuario,
E bem ao pé do Calvario,
Orando, fallar a Deus.

Digitized by Google

Não ! tudo não é vaidade :
Não ! tudo não é soffrer :
Existe a felicidade,
Logo que existe a mulher.
Amae-a, amae-a devéras ;
O amor é das chymeras,
Se elle é chymera, a melhor :
Nutri um amor profundo,
Que ha de encantar-vos o mundo.
A f'licidade é o amor !

Digitized by Google

O GENIO.

Ninguem lhe poz nas mãos velhos traslados,
Pelos quaes regulasse o pensamento :
Ninguem lhe disse : — Por aqui caminha ,
Esta derrota segue !

Qual novo homem, que o Senhor formasse
Fazendo-o confidente de verdades
Maravilhosas, por ninguem previstas,
Sobre a terra apparece.

Digitized by Google

Pensa e obra por si. Não, não lhe abala,
Que seus inventos arrojados firam
Altos systemas, que prégaram sabios
Por seculos e seculos.

Porventura, no berço o quanto sabe
Algum anjo de Deus lh'o revelára :
Os segredos do ceu, na mente impressos,
Seguro os communica.

Seguro ! embora o antagonista iroso
Ao longe grite-lhe : Utopista ousado !
Depois virá a experiencia calma
Firmar o seu triumpho.

Nescios d'elle escarneçam : invejosos,
Que não podem entrar no sanctuario,
Onde seu estro illuminado gyra,
Guerreiem-no covardes.

Que sentença de morte irrevogavel,
Que encostando-se á lei profere a raiva, —
De seus arroubos o sorprenda em meio,
Ao martyrio o convide.

Digitized by Google

Do vulgo o escarneo não rebaixa o genio :
Mesquinha guerra não lhe tolhe os vôos :
A aureola de martyr, elle a préza ;
O martyrio é divino !

Qual a vaga nocturna, tal seu estro :
Quanto mais agitado, mais scintilla
Lumes diamantinos, que embellezam :
Se o suffocam, se exalta !

É seu triste apanagio o soffrimento.
O soffrimento o abala, mas não prostra,
Bem como o terremoto á bella estátua,
Firme em massiça base.

Mandatario de Deus entre os humanos,
Eu só invejo teu poder e glorias !
Só tu es rei : quem desthronar-te pode ?
Quem usurpar-te a c'roa !

O genio é o redemptor predestinado
Do captiveiro vil do entendimento.
Mandatario de Deus entre os humanos,
A ti, a ti me curvo !

Digitized by Google

Digitized by Google

AMOR E SAUDADE.

Hontem foi. Tu me surgiste
Entre as rosas do festim:
Porque é que fiquei mais triste,
Quando olhavas para mim?
Porque o peito me arquejava,
Eu sentia que te amava.

Digitized by Google

Eu sentia que te amava ;
A commoção era forte ;
Entre mim, eu perguntava :
Isto é vida, ou antes morte ?
Vida, só se foi de uma hora ;
Estou a morrer-me agora !

Estou a morrer-me agora,
A pouco e pouco, deidade :
Co'o amor, que me devora,
Já se mistura a saudade.
Se eu pensasse n'estas lidas !...
Vão ser duas as feridas.

Vão ser duas as feridas,
E cadaqual mais pungente :
O pranto das despedidas,
A minh'alma já presente.
Amar, para ter saudade !
Antes não amar, beldade !

Antes não amar, beldade !
Antes eu nunca te víra !
Pois tu vás, sem piedade,
E minha alma é quem suspira.
Rosa, lembra-te de mim,
Pelas rosas do festim !

Digitized by Google

A CEGA.

Como atravessa viandante ousado,
Noite cerrada, a escuridão medonha
De matta extensa, á luz inaccessivel ;
A espaços temeroso dá de frente
Co'um tronco sêcco, uma arvore possante,
Vulto phantastico ; e examina, e apalpa ;
E a todo o instante nos ouvidos sente
Um som, um echo, um murmurio estranho,

Digitized by Google

Um arpejo silvestre ; e pára, escuta :
Assim tu passas pelo mundo, ó virgem !
De olhos forrados pelo denso manto
De cegueira cruel ; sempre hesitando
A cada passo teu ; e de sorpresa,
Estremecendo a cada voz, que expira
Longe ou perto de ti, aspera ou doce.

Eis-te em face dos homens, sem ao menos
Conheceres quem es, quem sejam elles !
Confusa escutas coração alheio
Juncto ao teu palpitar, e o não entendes !
Como se abre ou se fecha não atinas
Essa urna sagrada, sempre cheia
De mil recordações e mil saudades.
Mal sabes do poder que tem o pranto,
Do soffrimento o filho primogenito ;
Mal sabes do valor que tem o riso,
Reflexo do prazer ; que tem o beijo,
O afago o mais férvido ; e o suspiro,
Das notas todas a mais terna e facil.

Quasi não tens acção. Oh ! não te é dado
Seguir esse veloz redomoinho,
Que aqui penetra magestosas salas,
E tripudia ao resonar da festa ;
Que alli ajoelhado rende um culto,
Grave homenagem acolá consagra ;

Digitized by Google

Que após chymeras insoffrido voa ;
Que pergunta, pesquiza, questiona,
Abençoa ou maldiz, e nunca pára.

Amas, ó virgem ? comprehendes, filha,
Dos carinhos paternos todo o preço ?
Se as sôltas tranças tua mãe te aliza,
E chorando te achega ao quente seio,
Tu desejas servi-la de joelhos,
Qual se serve uma sancta ? Se diriges
Ao Creador uma oração de esp'rança,
Se apodera de ti extase longo,
Como se n'alma o estivesses vendo ?
Amas, ó virgem ? O amor somente
Do coração precisa ? Teus affectos
Tém tanto fogo, como tém os nossos ?

Escura como a nuvem da tormenta,
Como a raiz do abysmo, é tua vista.
O sol do meio-dia em vão pretende,
A requeimar-te as setinadas faces,
Mostrar-te sua magestade, — es cega !
O precípite raio serpejante,
Prumo abrazado que as entranhas sonda
Do oceano e da terra, em vão te clama :
— Das alturas desci, fitae-me ! — es cega !
Por fóra tudo luz e claridade,
Dentro de ti só trevas ; — porque es cega !

Digitized by Google

Cega, desde o momento em que o semblante,
Aos primeiros vagidos, quiz mirar-te
Tua mãe desditosa ; cega, cega,
Té que Deus lá no ceu te aclare a vista.

E tu nem desanimas, nem desmaias,
Embora as portas todas d'este mundo
Contra ti se fechassem ! Descuidosa,
Não te afflige a incerteza do futuro,
Nem se aferra o phantasma do passado
Á borda do teu leito, quando dormes,
Sombrias scenas a pintar-te em sonhos.
Sorriso frio, mas tranquillo, habita
Sempre em teus labios. Que de vez, alegre,
Levado além do pasmo, te hei ouvido,
Á toada d'essa harpa que te entende,
— Ave perdida em cerração perpétua, —
Cantar de oitiva a popular modinha !

Bem como se lamenta a sina infausta
Do que, longe dos seus, em clima estranho,
Vae desterrado fenecendo aos poucos,
Ao pêso dos grilhões e da saudade ;
Bem como se condoe do padecente,
Que morte pública, infamante, morre ;
Bem como se deplora o fim de tudo
Que é martyr, ou que é victima sem culpa,
Assim eu te lastimo, ó pobre cega !

Digitized by Google

Que eu não possa arrancar o veu compacto,
Collado ás tuas humidas pupillas !
Que as torrentes de luz, que a terra alagam,
A virtude sobeja não possuam
P'ra de teus olhos derreter a nevoa !

Digitized by Google

Digitized by Google

ECHO SYMPATHICO.

No fogo celeste, que as almas apura,
Gentil creatura, scismando me inflammo.
Porque é que suspiro? — porque é que deliro?
Eu te amo! eu te amo! eu te amo!

Que inquieta saudade, se acaso te deixo!
Porém não me queixo, saudoso te chamo;
E ao meu chamamento — responde-me o vento:
Eu te amo! eu te amo! eu te amo!

Digitized by Google

Eu sei o teu nome, dormido, acordado ;
Soletro-o cravado do ceu no recamo :
E os astros que brilham — nas lyras dedilham :
Eu te amo ! eu te amo ! eu te amo !

Respiro teus labios em fina redoma,
Que exhala o aroma das flores de um ramo :
Remedam-me as flores — que entendem de amores :
Eu te amo ! eu te amo ! eu te amo !

É a phrase suprema, de vívido encanto !
Se fallo, se canto, na voz a derramo :
Pois ouve-a, donzella,— que eu digo-te :— Es bella !
Eu te amo ! eu te amo ! eu te amo !

Digitized by Google

INCERTEZA.

Oh ! me aclara este mysterio,
Desfaz-lhe a sombria côr :
Serás tu meu anjo aereo,
O anjo do meu amor ?

Serás tu quem me acalenta
Em meu penoso dormir ?
E risonho representa
O meu escuro porvir ?

Digitized by Google

Serás tu, que inda me accendes
O facho da inspiração ?
E que me escutas e entendes
O bater do coração ?

Serás tu, que sôes n'um beijo
Os meus sonhos rematar ?
Essa imagem que entrevejo,
Mesmo fóra do sonhar ?

Serás tu a flor de encantos,
Que, voz intima me diz,
Ainda a trôco de prantos
Se colho, serei feliz ?

E ella me olhou ternamente ;
Não ha dúvida, me ouviu !
Outra vez : mas de repente
Entre a turba se sumiu.

E sempre o fundo mysterio,
E sempre a sombria côr !
Onde, onde o anjo aereo,
O anjo do meu amor ?

Digitized by Google

SÓ !

Só ! quando o coração, que a flux trasborda
Desejos que devoram, que consomem,
Arde pela mulher, pela ventura :
Só ! como aquelle que, alta noite, acorda,
Não gelido cadaver, porém homem,
Sobre a gleba de funda sepultura.

Digitized by Google

Só! quando a febre a mente me illumina,
E faz-me devassar coisas celestes,
Que, em mal, eu sei não acharei na terra:
Só! bem como o mendigo que se fina,
Bem como a rôla em espinhaes agrestes,
Bem como o estranho que perdido erra!

O que farei de mim? Só, o que valho?
O que prezo, o que estimo, o que aprecio?
Aonde, aonde encontrarei meu par?
Que senda seguirei, que doce atalho,
Por descobrir o delicado fio,
Que a alguem me possa estreitamente atar?

Só! quando a sêde de milhões de gozos
Cava-me n'alma um amplo sorvedoiro,
Ferve-me o sangue, escalda-me os sentidos:
Nem sequer simulacros enganosos!
Nem sequer um ephemero thesoiro!
Nem lumes, nem revérberos mentidos!

Só! sem ter um olhar que o meu traduza,
Que dentro d'alma vá topar-me em cheio,
Banhá-la de efficazes resplendores!
Só! sem ter branca mão, que me conduza;
Sem um palpite, que me abale o seio,
Sem paixão, sem delirios, sem amores!

Digitized by Google

Deserto ! Como foi ? em que momento
Consenti, concordei que me partissem
O que aos meus me prendia brando nó ?
Ai ! se agora soubessem-me o tormento,
Se agora n'este enlouquecer me vissem,
Jamais teriam me deixado só !

Digitized by Google

Digitized by Google

RECORDAÇÃO.

Ai! que de vida me sobrava outr'ora,
Quando, diante dos paineis ruraes,
Á sombra do arvoredo protectora,
Eu revia-me em bellos ideaes!

Como do tronco, que a seccar morria,
Pullulam vigorosos rebentões,
De minh'alma brotavam, cada dia,
Novas esp'ranças, novas illusões.

Digitized by Google

Era um gozar sem pausa, longo, ardente,
Sem amarga e maldita interrupção ;
Era um gozar, que allucinava a mente,
E que enchia e fartava o coração.

Emfim, cheguei a me esquecer do mundo,
Que aquelle que soffreu olha co'horror ;
Tomado sempre de extase profundo,
Tinha alcançado adormecer a dor.

Tenho saudades das festivas scenas,
Que vi de perto desdobrar-se ahi ;
E das mimosas aldeians morenas,
Com quem nos prados, a folgar, sorri.

Ellas agora, ao humido relento,
Porventura repetem as canções,
Que elevavam-me aos ceus o pensamento,
E geravam-me doces convulsões.

Talvez, emquanto sobre as praias róla
A onda leve que repelle o mar,
Suspiram sobre as cordas da viola
Entre aromas de flor, entre o luar.

Digitized by Google

Talvez que a um seio maviosa desça
A lagryma da virgem, que scismou ;
E um corpo de mulher todo estremeça,
A uma idea, que o sangue lhe agitou.

E eu medito na infantil beldade,
Embriago-me ainda em seu olhar !
Do destino sujeito-me á vontade,
Que me quiz de seus braços arrancar.

Digitized by Google

Digitized by Google

ESPERANÇA MORTA.

Hontem a lua, creança !
O bafejar da bonança ;
Balbuciei-te uma esp'rança,
Eu comtigo, e mais ninguem :
Que solidão, e que enleio !
Nos olhos chamma e receio ;
E um paraiso em teu seio
Dizendo á esperança : vem !

Digitized by Google

Ella foi ; que tem que fosse ?
— Uma esperança é tão doce ! —
Ficaste d'ella de posse,
Com tua esp'rança fiquei :
Era esperança e era lava,
Adormecia e queimava ;
Zelei-a, sempre a zelava ;
E tu á que dei-te ? Eu sei ?

Sei que é noite minha aurora,
Só isto sei ; pois agora
Outra esp'rança te afervora,
E tuas scismas attrae.
A sêde de amor insana
Fez-te má e deshumana ;
Ai ! tua alma, já profana,
Disse á minha esp'rança : Vae !

E ella veiu, coitada,
Veiu, volton desprezada ;
Tristezinha, envergonhada,
No meu peito se escondeu :
Lembra-me bem que doía !
Abraçou-a a poesia ;
Deu-lhe um beijo de agonia,
E a esp'rança, n'um ai ! morreu.

Digitized by Google

Com prantos amortalhei-a ;
No silencio sepultei-a,
Ao negrejar de uma ideia,
Que no fundo o inferno tem. —
Hoje a saudade, creança !
O recordar da bonança !
Só a cinza da esperança !
E eu sósinho, e mais ninguem !

Digitized by Google

Digitized by Google

EMUDEÇA A LYRA!

Tomei hontem a lyra. Era creança,
Vivia de illusão;
Não precisava tanto da esperança,
Como preciso então.

Era a lyra das broncas penedias,
Lavadas pelo mar,
Das tardes de oiro, dos risonhos dias,
Das noites de luar.

Digitized by Google

Casava seus accentos co'a linguagem
Da fonte, que tem voz,
Co'as notas fugitivas, já da aragem,
Já das arvores sós.

Alimentava-a da subtil fragrancia,
Que ambreava o vergel;
Ás vezes co'essas lagrymas de infancia,
Claras, cheias de mel.

Foi hontem que a afinei. Prazer sobejo
Dizia-me: — « Sorri!
Sacia o teu mais frivolo desejo
Em longo phrenesi!

O mundo, rodeado de chymeras,
Não é uma prisão:
A felicidade, que febril veneras,
É mais que uma visão. » —

E ouvia o seu dizer: na festa ardente
Doudejava novel;
N'alma me entravam, leviano e crente,
As paixões em tropel.

Digitized by Google

Depois, adormecia de cansaço
Ou meiga embriaguez :
Não me rompêra o minimo embaraço
Meus sonhos uma vez.

Que sonhos ! claro espelho deleitavel
Dos rostos que fitei ;
Das scenas que com extase ineffavel
De dia contemplei.

Era a vida mais bella no passado,
Fascinante a luzir.
Talvez que nunca mais me seja dado
D'esses sonhos dormir !

Foi hontem que afinei a lyra pura,
Sócia do meu prazer :
Fi-la amar, como eu, a formosura
No rosto da mulher.

A mulher, esse typo sem segundo,
Que o Creador moldou ;
A centelha do ceu, que neste mundo
Mais incendio ateiou !

Digitized by Google

Como eu a via então! farto thesoiro
De tudo que ha melhor;
Á borda de medonho sorvedoiro
Um braço salvador!

Vou fugindo ao mundano torvelinho,
Que endeosa a paixão.
Como a ave açodada busca o ninho,
Eu busco a solidão.

O canto da ventura semi-morto
Commigo relerei:
Nas cinzas da lembrança almo confôrto
Talvez encontrarei.

Emudeça-me a lyra entristecida
Sob pesado veu.
Não descanta na boda concorrida
Aquelle que soffreu.

Emudeça sem flor e sem enfeite,
Sem gala festival;
Muda mesmo, será o meu deleite,
Pobre, o meu cabedal.

Digitized by Google

OS APOSTOLOS.

Elles foram: condemnam-se á fome,
Á penuria, e do tempo ao rigor:
Tém do Christo nos labios o nome;
Ao mundano poder, que os consome,
Contrapoem o poder do Senhor.

Digitized by Google

Onde vão? O que valem tão pobres?
O que avultam no meio dos reis?
Assaz valem, avultam quaes robres:
Ao sopé dos palacios dos nobres
A cruz firmam, decretam as leis.

Mansas leis, que o Deus vivo insinua,
Leis de amor, de celeste sancção;
Lei da terra não ha que as destrua;
Lei da terra é tão barbara e crua,
Norma pallida e sem perfeição!

Onde vão? Aos desertos ardentes,
Onde as feras raivadas se encaram;
Onde se ouvem rugidos frementes,
Onde nunca pullulam sementes,
Onde os soes duros raios disparam.

Onde vão? Aos escuros algares,
Aos cabeços pontudos dos montes;
Vão á sombra dos longes palmares,
Muito além das balisas dos mares,
Muito além dos azues horizontes.

Onde vão? Ao rebelde gentio,
Intractavel, suberbo, pugil;
Onde gela o incómmodo frio,
Onde a calma suffoca no estio,
Onde a peste se espalha subtil.

Digitized by Google

O que lhes importa a guerra
Que os homens e os elementos
Lhes movem duros, cruentos,
Em suas divagações ?
Que lhes importam procellas
Sobre a terra, sobre as aguas?
E que as mais lindas estrellas
Lhes toldem negros bulções ?

Com a geral ignorancia
Forceja a verdade, lucta ;
Aquella vacilla e nuta,
E cae vencida afinal :
Já o Verbo se propaga
De bocca em bocca fecundo ;
É como rolante vaga
Tangida do temporal.

Elles foram. Cumpriram zelosos
Os deveres de sua missão :
Eram fracos, Deus fê-los forçosos ;
Eram timidos, fê-los briosos,
Infundiu-lhes celeste condão.

Digitized by Google

Digitized by Google

A PEDRO DE CALASANS.

Eu quero amigos por não ser sósinho,
Por ter nas trevas um clarão de luz.
É mister Cyreneus para o caminho,
Que o hombro é fragil, e é pesada a cruz.

Eu quero amigos, porque quero a vida ;
É a vida sem elles negro abysmo.
Tenho horror a essa gente, que o egoismo
Sujeita á sua lei, no inferno urdida.

Digitized by Google

O egoista o que é? homem bastardo,
Alheio ás commoções da caridade;
Que toma sobre si todo o seu fardo,
E condemna-se á inutil soledade.

O id'lo de si mesmo; ente de gêlo,
Que por ninguem se empenha, nem se esforça;
Que não conhece da união a fôrça,
E não suspeita da amizade o bello.

Uma donzella virtuosa e casta,
Cujos olhares na minh'alma ferem,
A meus ternos anhelos não me basta;
Eu quero amigos, que em minh'alma imperem!

Eu quero amigos, — ambição altiva! —
De bem creança possui-los quiz:
Co'os meus amigos quanto sou feliz!
Sancta amizade meu prazer motiva!

O que é um amigo? ente dilecto,
Que se apossa de nosso coração,
Irmão pelo pensar e pelo affecto,
E pelo sentimento nosso irmão.

Digitized by Google

Como o satellite acompanha, certo,
O astro, que o attrae no immenso espaço,
O amigo ao amigo ajuncta um laço
Mysterioso, com suave apêrto.

Suas vontades n'uma só se fundem,
Bem como no crysol varios metaes:
Seus gostos e desejos se confundem;
Por toda a parte di-los-heis eguaes.

Assim ao pé da gameleira edosa
O dendezeiro rebentou da terra;
Ao grosso tronco se conchega e aferra
Da arvore possante e magestosa.

Enredam-se as raizes, e se enredam,
Cruzam-se as ramas languido pendidas;
As arvores as folhas emmaranham;
Parecem uma só, d'est'arte unidas.

Amigo! vem no peito inocular-me
O puro fogo, qu'em tuas veias gyra!
Poeta! lança mão de tua lyra,
Vem cantar juncto a mim, por deleitar-me!

Digitized by Google

De doçuras tua alma é rica fonte,
O murmurio da fonte a poesia.
Emquanto eu vejo a noite no horizonte,
Descortinas ahi risonho dia.

Canta, poeta, a patria e a liberdade,
— A nau grandiosa e o vigoroso leme ; —
Emquanto sem amor minh'alma geme,
Canta o amor, o manná da mocidade.

E não te esqueças do fiel amigo,
Que ingenuo affecto consagrou a ti ;
Canta-o, quando dormir no seu jazigo ;
A Jonathas leal cantou David.

Digitized by Google

UM MOMENTO.

Um momento é o raio que passa,
E devassa
Quanto a vista não pode abarcar:
É o iris, esse arco symbolico,
Melancolico,
Entre as brumas do hynverno a brilhar.

Digitized by Google

Um momento é a bala que zune,
E desune
Os soldados nas filas em pé:
É pendida a bandeira, já rôta,
A derrota;
De outra banda a victoria e a fé.

Um momento é o vortice espesso
O cabeço
De bojuda montanha a galgar:
A voragem que a bocca escancára,
E, avara,
Nave engole, perdida no mar.

Um momento é a aguia que voa
E abalroa
Co'os encontros das azas os Andes:
É o povo, que acceso se entona,
E desthrona
Com seus rigidos pulsos os grandes.

Um momento é um ai de improviso,
Um sorriso
Rematando uma lagryma bella:
A esperança de um sonho do dia,
Prophecia,
Que invejaveis mysterios revela.

Digitized by Google

Um momento é a raiva que inflamma,
E que trama
A vingança que atiça o furor :
Um momento é o amor que nos toca,
E suffoca
As torturas de um sec'lo de dor.

Um momento é o berço que ondeia,
Como a teia
Que tocára malefica mão :
Um momento o mortal tresvario,
E vasio
Triste leito, já cheio um caixão.

Qual de um charco pestifero, immundo,
Lá no fundo,
Dorme gotta de puro liquor ;
Qual no favo que a abelha fabríca
Preso fica
Louro mel, de ineffavel sabor ;

Tal da vida no gyro violento,
Um momento
Nossa dita resume e prazer :
Todo o tempo de mais só escoria ;
Negra historia,
Em que lê-se : penar e soffrer !

Digitized by Google

Digitized by Google

O PERDÃO DO CHRISTO.

Era chegada a occasião suprema ;
A hora extrema retumbou porfim ;
Morre nos labios a oração e a queixa ;
E o Christo deixa o assustador jardim.

O discip'lo venal e renegado
Lhe imprime ousado o ósculo traidor :
E o Cordeiro de Deus, só, indefeso,
Arrastam preso, como um malfeitor.

Digitized by Google

O outro discipulo o negou sem tento,
E o juramento, já previsto, fez ;
Toma-lhe o corpo convulsivo abalo,
Que ao longe o gallo canta vezes tres.

Ao que de Herodes escapou da sanha
Perversa manha lembra-se perder ;
Contra o Justo o hypocrita conspira,
E a inveja, a ira, o mais brutal poder !

D'ha muito tempo lhe dispoem a quéda ;
Porém lhes veda da consciencia a voz
Exercer contra o homem innocente,
Barbaramente, uma vingança atroz.

É elle ! o Christo, o que sofreia a guerra,
E calmo á terra annunciou só paz ;
É elle ! o Verbo, o que ás nações infaustas,
Frias, exhaustas, a verdade traz.

É o sabio, é o grande, o poderoso,
Que generoso repartiu mercês ;
É o amigo dilecto do menino ;
É o divino e angelical Moysés.

Digitized by Google

É do tolhido o prompto movimento,
Do fraco — alento, a luz do que não vê.
Co'o leve aceno as campas escancára,
E o que expirára estremeceu de pé!

É elle! o que apregoam prophecias;
É o Messias, é o Rei dos reis.
Veiu apurar as gerações corruptas,
Banir as luctas, completar as leis.

É elle! o que abre o cofre da esperança,
E préga a alliança de fieis irmãos:
Por isso daes-lhe do martyrio as dores,
Loucos doutores, frouxos anciãos!

O mesmo povo que a Jesus seguia,
Ai! se transvia, á seducção cedeu;
Esquece a sombra, que prestou-lhe abrigo,
Pede o castigo do inculpado reu.

Triste a sorte do povo! — catavento,
Que o pensamento do poder conduz.
O forte ao fraco sem pudor illude,
E da virtude lhe annuvia a luz.

Digitized by Google

De que modo pagaes as acções boas !
A quem coroas vos cumpria dar,
Thronos excelsos, vassallage', imperios,
Sob improperios vós fazeis vergar !

Feito é. Já os ingratos
A vangloriar-se estão ;
Já não lhes lembram mais tratos
Na crua perseguição.
Após ultrages sem conta,
Após a angustia e a affronta,
E o ferrete de impostor,
Sem crime haver, nem offensa,
Lavraram dura sentença
Contra o grande Redemptor !

Em vão luctou por salvá-lo
O bom, mas tibio juiz ;
Quiz a turba condemná-lo,
Foi feito o que a turba quiz.
Era a escolha bem patente :
Ou o reu, ou o innocente ?
Ou Barrabbás, ou Jesus ?
Não tem olhos a maldade :
Um cobrou a liberdade,
O outro marchou p'ra a cruz.

Digitized by Google

A cruz, seu leito de morte!
A cruz, seu throno de rei!
E em descomposto transporte
Sorria a maldicta grei:
Sorria! lá do Calvario,
Sangue coalhado o sudario,
A frente ao Christo pendeu:
Emquanto folga a Judeia,
De pezar a terra anceia,
O sol se apaga no ceu.

Que delirio! que loucura!
Escribas e Phariseus!
Vós autores da tortura,
E martyr o vosso Deus!
Vós, a infame, a ignobil raça,
Vós a geração devassa,
Vós, trevas e lodaçal!
Elle o placido Cordeiro,
Elle, dos homens primeiro,
Elle, o candido phanal!

Vossos infrenes desejos
Saciados não julgaes!
Inda pungentes motejos
Sobre o humilhado lançaes!
O escarneo é vossa victoria;

Digitized by Google

A mentira vossa gloria ;
E quaes são vossos tropheus ?
Não, vós não colhestes loiros !
Não, só ganhastes desdoiros,
Negros, perpetuos labeus !

E porque essas zombarias
Em que a descrença transluz ?
Sois surdos ás prophecias,
Cegos diante de Jesus !
Esperae. Ouvio-o attentos
Nos derradeiros momentos,
Quando ha mais dor e mais fé ;
Ouvi-o, sim, moribundo ;
E depois dizei ao mundo
Que elle o Messias não é.

— « Para o discip'lo infiel, descrido,
Para a sua traição,
Para o beijo comprado, o amor mentido,
Pae celeste, o perdão.
Seja elle, Senhor, a recompensa
Do meu longo soffrer ;
Sem que me perdoasseis essa offensa,
Não podéra morrer.

Digitized by Google

Para as algemas que tive sobre os pulsos,
Para a injusta prisão,
Para os algozes, de rancor convulsos,
O perdão... o perdão.
Perdoae, ó meu Deus, aos que elevaram
Contra mim suas mãos,
E aos juizes crueis, que me julgaram
Com testemunhos vãos.
E ao que vestiu-me a tunica purpurea,
Por mesquinha irrisão,
Aos qu'açoitaram-me com estranha furia,
Outra vez, o perdão.
Aos que me abriram f'ridas incuraveis,
Meu Pae, não condemneis ;
Aos que crucificaram-me, execraveis,
Oh poupem vossas leis !
Espanta que pagassem-me tão duros,
Com tanta ingratidão ;
Porém eu vim remi-los. Aos impuros
Não negueis o perdão.
Elles não conheceram-me, coitados !
O vicio, espesso veu,
Os olhos lhes vendou esgazeados
Para vós e o ceu. »

Digitized by Google

Grande, qual sua divindade,
Grande, qual sua afflicção,
Foi para tanta maldade
De Jesus Christo o perdão :
Perdão ! fim do Testamento,
O sêllo do mandamento :
— Amae-vos com todo o ardor ! —
Deus perdoou na agonia ;
O perdão, — elle o sabia, —
É o requinte do amor.

Perdão ! o doce pedido
Da oração que elle ensinou ;
O mote sempre querido
Por aquelle que peccou ;
Primeiro anhelo do crente,
Que a vida robusta sente,
Ou que a sente se esvair ;
Perdão ! celeste esperança,
O astro que mais luz lança
Pelas trevas do porvir.

Oh ! bemdito o que perdoa,
Quando offendido se vê !
O perdão é a coroa
Mais bella que adorna a fé.
Quem não perdoa não gosta,

Digitized by Google

Co'a taça da vida posta
Aos labios, todo o seu mel.
O perdão, depois do pranto,
É o que ha de mais puro e sancto,
A vingança é toda fel!

O perdão é a bonança,
Que n'alma tranquilla vae;
É tempestade a vingança,
Que a precipicios attrae.
Quando na agreste deveza,
Ao leão roubam a prêza,
Vinga-se logo o leão;
Mas pode o homem domar-se,
Pode deixar de vingar-se;
Seu valor é o perdão.

Não é o sceptro e o throno,
Que o rei invejavel faz,
Nem o ser de imperios dono,
Nem obrar o que lhe apraz:
O que o rei tem de brilhante,
O que o eleva a cada instante,
O que tem de seductor,
O que tem de mais sublime,
É poder salvar o crime,
É ser do perdão senhor.

Digitized by Google

Perdoemos. Longe a guerra
Das paixões, a mais atroz ;
O que é irmão sobre a terra
Não se converta em algoz.
Seja sempre immaculada
Esta longa, aspera estrada,
D'onde alamo-nos p'ra os ceus.
Tenhámos em mira isto :
O perdão — é Jesus Christo,
A vingança — os Phariseus.

Digitized by Google

FADARIO.

O poeta, primeiro, preludia
Sons fugitivos de um viver sem dor:
Colhe sonhos gentis na phantasia;
É o doce cantor.

Ama o ceu, e o mar, e a natureza,
Essa eterna epopeia do Senhor;
Ama, sem escolher, qualquer belleza;
É o doce cantor.

Digitized by Google

Ao depois, o poeta se desprende
Do formoso jardim, no qual viveu :
Sua alma agora vivo lume accende ;
É o cantor do ceu.

Para o amor da mulher achou estreita
A terra, em que innocente adormeceu ;
Para mundos ethereos se endireita ;
É o cantor do ceu.

Voltou depressa, que encontrou espinhos,
Julgando achar esplendidos tropheus :
Sentou-se sôbre o marco dos caminhos ;
É o cantor de Deus.

E, solitario, co' olhar afflicto
Fitado lá na abobada dos ceus ;
E nas faces o pranto do proscripto...
É o cantor de Deus.

Digitized by Google

DONA SANCHA.

A PROPOSITO DE UMA VELHA CANÇÃO BRAZILEIRA.

Oh que horrenda catadura
A d'esta longa figura
De inaudita pallidez !
Oh que górgona maldita !
Pobre d'aquelle em que fita
Seus olhos só uma vez !

Dona Sancha, eu te esconjuro
Em nome da eterna luz :
Quizera cegar, — te juro, —
Por não ver-te. Cruz ! cruz ! cruz !

Digitized by Google

Dona Sancha, que caveira!
Se arvora em namoradeira,
Donaires p'ra todos tem:
Toda tresanda a tabaco;
Os dentes, feitos em caco,
Mal na bocca se sustém.

Dona Sancha, eu te esconjuro
Em nome da eterna luz:
Quizera cegar, — te juro, —
Por não ver-te. Cruz! cruz! cruz!

Padece coisas horriveis,
Padecimentos incriveis,
Que se não devem dizer:
Se não fôra conhecida,
Houvera lucta renhida
Por declará-la mulher.

Dona Sancha, eu te esconjuro
Em nome da eterna luz;
Quizera cegar, — te juro, —
Por não ver-te. Cruz! cruz! cruz!

Digitized by Google

Contam fôra amortalhada,
E que, depois de enterrada,
Lampeira resuscitou ;
Diz mais o conto discreto,
Que dona Sancha esqueleto
D'então para cá ficou.

Dona Sancha, eu te esconjuro
Em nome da eterna luz :
Quizera cegar, — te juro, —
Por não ver-te. Cruz ! cruz ! cruz !

— « Olhae bem : tenho dinheiro,
Sou viuva de um banqueiro
De avultados cabedaes.
Recebei-me em casamento ;
Sereis feliz n'um momento...
E ainda me esconjuraes ? » —

Não, anjo, não te esconjuro,
Já que me mostras a luz :
Não quero cegar, — te juro. —
Mas por detraz : cruz ! cruz ! cruz !

Digitized by Google

Digitized by Google

O MORIBUNDO.

Silencio ! Alli se estorce o moribundo,
Vae soar sua hora derradeira :
É um homem, que diz adeus ao mundo,
Um athleta, que estaca na carreira.

O folego da vida enfraquecido
Dos aridos polmões brota rouquenho :
Um gemido suffoca outro gemido ;
Se esboça a morte no mirrado senho.

Digitized by Google

Ora se afrouxa seu olhar estranho,
Ora electrisa-o passageira lava ;
E o moribundo, no doer tamanho,
Nos circumstantes ancioso o crava.

A medicina, microscopio baço
Das máculas que o corpo contaminam ;
Fada vangloriosa, cujo paço
Tenues clarões escassos illuminam,

Cabisbaixa emudece, e cruza os braços
Ao pé do leito do infeliz enfermo ;
E de seu gesto nos mudados traços
Da viagem sem volta lê o termo.

Em vão por differi-lo ella se eleva,
Cercada de mysterios e magia ;
Em vão : vae tacteando escura treva,
Á claridade do mais bello dia !

O que é a sciencia? uma enfiada
De erros velhos, e novas conjecturas ;
A dúvida com mascara dourada,
A incerteza com ricas vestiduras.

Digitized by Google

Saber, é idear systema novo,
Que confunda e assombre a humanidade ;
Ir pouco além d'onde penetra o povo ;
Saber, é possuir meia verdade.

O padre, cujo escudo é a paciencia,
Da fé celestial vivo incensario,
Que o espirito veste de innocencia,
Bem como os membros de feral sudario,

Toma nos braços o enfermo exhausto,
O fortifica co'os dictames seus ;
E á victima adoça o holocausto ;
E a seus ouvidos lhe murmura : Deus !

Sublime nome, que suscita o pasmo,
E que faz esquecer outro qualquer !
Nome tremendo no mortal espasmo,
Nome suave á hora do nascer !

— Deus ! — a custo gagueja o padecente ;
— Deus ! — replica o ministro do Senhor.
No labio a phrase saboreia o crente ;
Boia a phrase no labio sem rumor.

Digitized by Google

Como um hymno monotono saindo
Estrangulado de milhar de boccas,
O ferrenho stertor bulha, rugindo,
Do moribundo nas entranhas occas.

De golpe se ergue, como se o impellisse
Possante mola no seu corpo occulta :
A bocca meio-aberta, como ri-se ;
Parece a morte desafia e insulta !

É para a vida o esfôrço derradeiro,
É para a terra a última tendencia.
E a fronte lhe descae no travesseiro,
Em presaga, lethargica dormencia.

O seu semblante, de feições funereas,
Frio desmaia, se contrae convulso :
O sangue coalha nas vitaes arterias :
Os membros quedam, e se embota o pulso.

Por suas faces lividas, ossudas,
Duas lagrymas descem parallelas ;
Compridas, cheias, transparentes, mudas,
Bem como a via-lactea, puras, bellas.

Digitized by Google

Tropheu de vida sobre um corpo morto,
Cadauma por si o que annuncia ?
São de dor ou prazer ? pena ou confôrto ?
Simples tributo, ou negra prophecia ?

O tepido cadaver, resupino,
Hirto e desfigurado alli repoisa :
Ora a grossa mortalha ; e logo o sino,
O saímento, o cemiterio, e a loisa.

Desgrenhada, a viuva se pranteia,
Mira e abraça irrequieta o esposo :
O orphãosinho, que ao redor passeia,
Só porque vê chorar, fica choroso.

Eis a scena sabida e receiada,
De todas a mais breve e a mais medonha :
A alma a preside, trémula e calada,
E por mais que a contemple, crê que sonha.

Passamento cruel ! fecho da lida,
Dos accidentes, e humanos casos,
Es duro — como toda a despedida !
Es triste — como todos os occasos !

Digitized by Google

Digitized by Google

CANTO DO CORAÇÃO.

Tu bafejaste a esperança
No peito do scismador :
Falta a luz, vi o reflexo ;
Sinto o aroma, falta a flor.

Uma esperança é uma aurora ;
O dia, por isso, aguardo :
Uma esperança é um sonho ;
Oh ! acorda, acorda o bardo !

Digitized by Google

Es virgem ; tens a innocencia
Por c'roa da virgindade :
Es joven ; mas de que presta
Sem amor a mocidade ?

Resplender é a lei dos astros ;
A lei das plantas viçar ;
A lei das aves o vôo,
A lei dos homens amar.

Os anjos tambem amaram
As mulheres, n'outra éra,
Quando só havia risos,
Só havia primavera.

Foram-se os anjos ; deixaram
Á mulher seu resplendor ;
A mulher tornou-se anjo,
Na belleza... e no amor.

Ama ! os dias serão bellos :
Ama ! as noites serão calmas.
O sol é o rei dos orbes,
O amor é o sol das almas.

Digitized by Google

Em meu triste pensamento
Teu olhar se inoculou,
Como um raio matutino
Que fundo valle aclarou.

Inda sinto seu feitiço,
Muito mais que seu ardor.
A nuvem gera os orvalhos,
O olhar gera o amor.

Meu Deus, que subtil prestigio
Ao olhar da virgem tu déste!
Pela carne — ella é da terra,
Pelo olhar — ella é celeste.

Porque me olhaste, formosa,
Sem pena de minha vida?
Pois has de negar-me o balsamo,
Tu, que me abriste a ferida?

Tu es a minha rainha,
A belleza é diadema.
Cada suspiro que arrancas
É o canto de um poema.

Digitized by Google

Não posso mais exprimir-te
Quanto por ti soffro e sinto :
Qual a phrase dolorida
Nas pet'las do hyacintho,

Tenho gravado no peito
Teu nome, meu predilecto !
Ri-te agora, se quizeres,
Do meu volcanico affecto.

Ri-te, e volta ao lar sonhado,
Contando mais um vassallo ;
Quando se ama, o desprêzo
É forçoso supportá-lo.

Mas desprezares-me ! e como ?
Minh'alma geme e delira.
Homem, — rege meu destino !
Poeta, — rege-me a lyra !

A mulher, que ama o poeta,
Peito em braza, a mente illusa,
Por um lado — é a sua deusa,
Por outro — é a sua musa.

Digitized by Google

A NAMORADEIRA.

Qual a mais de uma abelha galante
Abre o calis sem mácula a flor,
Eu palpito por mais de um amante,
Sei zelar muito mais de um amor.

Onde estou tenho logo um cortejo
De mancebos galhardos, gentis ;
Faço a todos arder no desejo
De um olhar, que paixão sempre diz.

Digitized by Google

Um olhar... ah — não sabem, coitados,
Que um olhar pode ás vezes mentir ;
Que é preciso, p'ra ter namorados,
De pequena, avezar-se a fingir.

Um olhar é minha arma querida,
Mui novinha a atirá-la aprendi ;
Co' ella mato, com ella dou vida,
Co' ella sempre suberba venci.

Sou nos bailes a lepida garça
Desflorando o setim do salão :
Vejo os jovens seguir-me, — que farça ! —
Sequiosos de minha attenção.

Juramentos, protestos, esp'ranças,
Estudados eu levo p'ra alli :
Vinte walsas e cem contradansas,
N'um minuto, sagaz, prometti.

Minha idea fagueira e rosada,
Baile ardente, tu foste, tu es :
Nós no Eden perdemos a entrada,
Eden franco do baile se fez.

Digitized by Google

Sou nas missas e festas o alvo,
Que concentra o mais rapido olhar :
Ah — por mim se esquecêra o papalvo
Do Senhor, e do padre, e do altar !

Fiz meu throno de minha janella,
Que se eleva bem alta do chão ;
A janella é meu ceu, eu estrella
Para aquelles que vem e que vão.

A janella é o jardim encantado,
Eu a rosa em botão que ahi jaz ;
O suspiro de meu namorado
É a brisa que amores me traz.

O meu tempo prudente aproveito,
Não no gasto em inutil mister ;
Se não toco, nem canto, me enfeito ;
Sem enfeites não brilha a mulher.

Curiosa folheio os romances,
Leio-os todos, do prologo ao fim ;
E decóro os patheticos lances,
Que me servem de estim'los a mim.

Digitized by Google

Tenho gôsto, bofé, predilecto
Pelos versos cantados de amor;
Tróco um beijo por doce soneto;
Sou a musa de muito cantor.

Hoje flores, essencias, e galas,
Espectac'los, concertos, festins,
Galanteios, requebros, e fallas
De ociosos, banaes manequins.

Quando venha a sazão dos conselhos,
— Porque agora os recebo, se os der, —
Enrugada, arrebento os espelhos,
Tomo as contas, beata vou ser.

Digitized by Google

CANÇÕES DO LIBERTINO.

I

AMORES.

Mulheres divinaes, anjos visiveis
Que andaes peregrinando pela terra,
Eu amo em vosso rosto a formosura,
Sem distincção nenhuma, como amo
Um raio d'este sol americano
Sobre o esmalte da folha, — sobre a espuma
Da vaga, — resvalando na planice, —
Ou pendente dos montes. Se sois bellas,
Mulheres divinaes, anjos visiveis,
Tendes meu culto! Quer assim o fado.
Eu não posso isolar dentro em minh'alma
Uma imagem de virgem graciosa,

Digitized by Google

Em quem concentre meu pensar inteiro,
As esperanças todas, todo o affecto.

Se o amor é ceu de encantos,
Como ter só uma estrella ?
Do ceu os astros são tantos !...
Tenhámos mais de uma bella.

E se o amor se assemelha
A um favo de doçura,
Façámos tal qual a abelha,
Que a varias flores procura.

Vejo, sem ser philosopho, que em tudo
É a mudança lei. Caem as folhas
Dos bosques, brotam novas: toma a nuvem
Mil fórmas: muda o vento: a natureza
Se metamorphoseia a cada instante.
Só o amor deve ser invariavel
No tão voluvel coração do homem ?
O que gera o amor ? a formosura;
Extincta a formosura, o amor se extingua.

Ama a virgem seus vestidos,
Emquanto novos, brilhantes;
Velhos, ficam esquecidos,
Já não são o que eram d'antes.

Digitized by Google

A capella a virgem tece,
E a põe na fronte vaidosa ;
Mas se a capella emmurchece,
A desfolha caprichosa.

Como quereis, mulheres, que vos paguem
Tributos amorosos, quando o outomno
Da edade vos desmaia a tez corada,
E murcha-vos a rosa da belleza !
Deus fez a primavera para as flores ;
Deus fez para o amor a mocidade !
Bem como Mahomet, que foi poeta
Verdadeiro, — e propheta mentiroso,
Eu componho p'ra mim um paraiso
De donzellas, eternamente jovens,
Eternamente bellas. Quem me dera
Ter, como Briareu, cento de braços,
P'ra lhes dar cem abraços n'um momento !

As minhas leis amorosas
Resumo n'esta verdade :
Amar as virgens formosas,
E amar com variedade.

Eu amo o rosto crestado
Da arisca e timida ilhoa,
Como o seio jaspeado
Da languida cidadoa.

Digitized by Google

Mulheres divinaes, anjos visiveis,
Entre vós, entre vós doudejar quero,
Sôlto, como a voluvel borboleta,
Esvoejando em dedalo de flores.

Digitized by Google

II

O CHARUTO.

Salve, ó charuto, meu fiel amigo,
E meu inseparavel companheiro!
Tu vales tanto como um doce beijo,
Que se dá por amor, não por dinheiro.

Tu exhalas uns longes de perfume,
Como os seios da minha namorada,
Quando vae para o baile. Ella, por certo,
Não é mais, do que tu, por mim amada.

Digitized by Google

Nas minhas noites de aborrida insomnia
Suavisas-me a scisma dolorosa ;
A ti eu me abandono deleixado,
Como a noiva ao mancebo que a desposa.

Meu pobre livro, sobre a mesa aberto,
Tua fumaça incensa — vaporosa,
E sobre suas paginas fluctua,
Como nuvem do ceu mysteriosa.

Do meio d'ella me parece, ás vezes,
Ver surgir uma esplendida visão,
Que me beija na fronte escandecida,
Onde deixa suspensa uma illusão.

Fóra o velho Raspail *camphorado,*
Que o culto do charuto impio condemna !
Pois eu hei de tirar o meu retrato,
— « N'ũa mão o charuto, e n'outra a penna. »—

Como es doce ao luar, ó meu charuto,
Co'os aromas silvestres confundindo
Teus tepidos aromas ; teus reflexos
Nos desertos caminhos desparzindo !

Digitized by Google

Tu es como um pharol, doirado e calmo,
Que em minhas loucas excursões reflecte:
Brilhas nas trevas, e commigo assistes,
No quintal da visinha, a um *tête-à-tête*.

Prazer do marinheiro sôbre as ondas,
Delicias do soldado, ó bom charuto!
Sem ti, sem vinho puro, e sem amores,
Eu torno-me selvagem, fico bruto.

Salve, ó charuto! meu fiel amigo,
Que me faz companhia e me recreia!
Em paga de teus prestimos, prometto
Metter-te como heroe n'uma epopeia.

Digitized by Google

Digitized by Google

III

O VINHO.

Quero beber! Os campos não vicejam
Sem chuva; sem o orvalho murcha a palma.
É arida minh'alma sem o vinho,
É o vinho o orvalho da minh'alma.

Do polido crystal, que esmalta o iris,
Em doces ondas o prazer transborda;
Quando n'ellas se afoga o labio ardente,
Para um dia de festa o peito acorda.

Digitized by Google

Quero beber ! Os deuses dissolutos
A seu beberricar não punham meta.
Bebendo, cantarei ! O vinho inspira,
É a nova Castalia do poeta.

Horacio, o adulador, embriagou-se
Até a hora da agonia extrema :
Byron, o coixo, a cada bebedeira
Deve um formoso e languido poema.

Uma capella de viçosas — rosas
A minha bella me pendure á fronte ;
Reclinado em seu seio, o copo em punho,
Serei o seu mimosa Anacreonte.

O que é o leite para o tenro infante,
Para o doente o caldo succulento,
É o vinho p'ra mim : dobra-me as fôrças,
Purifica-me o sangue, e dá-me alento.

Amo o *champagne* perfumoso e loiro
Como os cabellos da estrangeira. Quero,
Quero saboreá-lo sem descanço,
Como bebe o febril, em desespêro.

Digitized by Google

Meu rapaz, não dormites: vê meu copo,
Está vasio qual da velha o seio.
Como o calis da flor que o orvalho enche,
O calis do festim deve estar cheio.

Os prazeres se contam pelas gottas
Do vinho que se bebe. Viva o vinho!
É minha medicina e o meu regalo,
Meu celeste manná n'este caminho.

É do velho o verniz da mocidade,
A alma intelligente do que é rude;
A luz do sabio, o oiro do mendigo,
Do Sancto-Padre a mystica virtude.

É o philtro da astuta feiticeira,
O nectar da donzella pudibunda;
O astro dos desertos d'esta vida,
Que aquece o coração e que o fecunda.

E viver é beber! beber sem pausa,
Agora, logo, após, e no porvir;
Quer o sol no zenith nos olhe attento,
Quer entre para o occaso, e vá dormir.

Digitized by Google

Quero beber, e beberei sem pejo,
Qual depois do diluvio o bom Noé.
Meu calis eu comparo ao ubre tenro
Da... Viva o vinho e o calis! — Evohé!

Evohé! Viva Baccho, se inda existe;
Bebo ás vinhas da Terra promettida;
Á adega dos bretões, ao meu charuto,
E á minha namorada delambida.

Bebo... bebo... mas anda-me a cabeça
Á roda, como rapido pião.
Ó rapaz! dize lá á cozinheira
Que mande-me café e mais limão.

Digitized by Google

RECORDAÇÃO DE UM SONHO.

VOZES D'ALMA.

Pois sou tu'alma, quando dormes, velo
Longe de ti ou perto;
Devasso tudo quanto é feio ou bello,
Ou duvidoso ou certo.

Tu dormias, poeta, em abandono,
Sob o alvo lençol;
Deixei-te, como deixa o rei ao throno,
Ao firmamento o sol.

Digitized by Google

Deixei-te sobre as tabuas de teu leito,
Pallido e trasnoitado.
O teu anjo da guarda no teu peito
Orava reclinado.

A lua prateava a atmosphera,
Cheirosa e immaculada
Qual vestido de noiva. A terra era
Em sonhos afogada.

E eu disse a um raio do luar, que ardia
De perfumes em meio:
— Sou do ceu, como tu; sê o meu guia,
Recebe-me em teu seio! —

E o raio do luar logo envolveu-me
Em sua casta luz;
Aos ares scintillantes suspendeu-me,
E longe me conduz.

Poeta, que ventura! N'um momento
Chegámos á mansão,
Onde tens de contino o pensamento,
Sentidos, coração.

Digitized by Google

O raio do luar pairou, de amigo,
Sôbre a estancia singela ;
E, atravez de uma fresta, foi commigo
Poisar ao lado d'*ella*.

Tambem dormia. Que gentil postura !
Que resonar gentil !
Contrastava a cambraia co'a brancura
De seu seio infantil.

O seu seio infantil mal encobria
A tela voluptuosa,
Com que brincava a brisa. Parecia
Sob a neve uma rosa.

E o raio do luar tocou de leve
Esse seio mimoso ;
Mas ella estremeceu, como quem teve
Um espasmo nervoso.

Ah ! se acaso não fôra a eternidade
Minha morada ingente,
Eu ficára no seio da beldade
Morando eternamente !

Digitized by Google

E da minha viagem finda o prazo ;
Saudosa o presenti.
A lua recolhia-se no occaso ;
Eu tornei para ti.

Para ti, que dormias sôbre o leito,
Pallido e trasnoitado,
O teu anjo da guarda no teu peito
Chorava reclinado.

Digitized by Google

CONSORCIO.

Duas nuvens delgadas lá correm
Pelas doces campinas dos ceus:
Eu as vi debruadas de oiro,
Quaes dois ricos, esplendidos veus.

Duas vagas travêssas doudejam
Sôbre o chão celestino do mar;
E conversam baixinho, suspiram,
E lá vão, e lá vão a rolar.

Digitized by Google

Penduradas dos finos supportes,
Duas rosas começam a abrir:
E o sol, despontando, a beijá-las,
E as rosas lá 'stão a sorrir.

Duas perlas de orvalho lá tremem
Sôbre a relva, esse esmalte do chão,
Como seio de virgem que sonha
Lindo sonho de seu coração.

Mas, as nuvens? as nuvens lá param,
Vão unidas caminho do ceu:
E as vagas? as vagas se embebem,
Vae nos mares suberbo escarceu.

Mas, as rosas? a brisa esfolhou-as,
Misturaram-se as pet'las no pó:
E as perlas de orvalho? fundidas,
Resta agora uma lagryma só.

Symbolo do consorcio são as nuvens
Que pelo ceu passeiam,
As rosas, o orvalho matutino,
E as vagas que anceiam.

Digitized by Google

As nuvens magestosas são os sonhos
Em que o amor se embala,
Sonhos, que se evaporam n'um suspiro,
Que o peito ardente exhala.

As rosas são do hymeneu as graças
Co'os espinhos da dor;
O prazer sôbre os gestos venturosos,
E do pranto o amargor.

Que os tufões da desgraça não desunam
As rosas que se enlaçam,
Ou lhes haurindo divinaes essencias,
Desbotá-las não façam.

As vagas são a vida, que se espraia
Dentro em dous corações;
São duas almas segredando amores
Em doces illusões.

O orvalho é o sorriso dos anjinhos
Innocente a brilhar,
Benção de Deus, que o sacrosanto laço
Eterno vem tornar.

Digitized by Google

Digitized by Google

MOCIDADE E FUTURO.

A MEUS COLLEGAS DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE.

Jovens altivos, que a esperança afaga,
Na vossa plaga já podeis viver :
Rompeu-se o jugo, que o Brazil soffrêra,
É grande a éra, que vos viu nascer !

Descança o gladio na bainha esguia ;
Meigo assovia o marcial canhão ;
Rios de sangue não engole a terra ;
Passou da guerra o assolador pegão.

Digitized by Google

Passou a modo de minaz procella :
Risonha estrella que presagios traz !
Hontem a sanha de um combate cego ;
Hoje o socêgo, a segurança, a paz.

O povo gyra, torvelinha o povo
No mundo novo, sem os vis grilhões,
Bem como sôlta a reprimida prêza
Rega a deveza em colossaes cachões.

Seccou-lhe aos olhos o acerbo pranto :
Entôa o canto no commum lavor :
Cordato e alegre comparece á festa ;
Ninguem detesta ; só concebe amor.

Mudou-se a scena ; esvaeceu-se o p'rigo ;
Tornou-se amigo o vexador estranho :
Os Brazileiros co'os possantes lusos,
Ei-los confusos em gentil rebanho.

São todos livres, e, portanto, grandes,
Bem como os Andes, que coroa o ceu :
Por sôbre o quadro da brutal maldade
A divindade fez cair um veu !

Digitized by Google

De que valêra que os nossos,
Tomados de heroicidade,
Ganhassem a liberdade
A trôco de seu lidar,
Se ficassemos sepultos
Nas trevas da ignorancia,
Bem como o povo na infancia,
Rude, selvagem, alvar ?

Eram livres nossos indios,
Livres nos campos surdiam,
Livres nas brenhas dormiam
Como o indomito animal:
Eram livres só do corpo ;
A intelligencia era escrava
Do êrro que a avassallava,
Do êrro, triste phanal.

Não basta ter forte o pulso,
De duros grilhões isento ;
É mister que o pensamento
Tambem não prendam grilhões ;
Ao homem a liberdade
Conquista um canto da terra ;
Co'a sciencia o homem erra
Por celestes regiões.

Digitized by Google

A liberdade e a sciencia
São as irmans do progresso,
Onde quer que tém ingresso
Tudo se eleva e reluz:
Seus reflexos se fecundam
Como os das gemeas estrellas;
São as duas sentinellas
Postadas ao pé da cruz.

A sciencia sobre tudo
Espalha um clarão divino,
Bem como o sol vespertino
Pelas varzeas do sertão:
A liberdade nos cérca,
Qual talisman escondido,
De um poderio subido,
De um ineffavel condão.

Já não carece ir mui longe,
Affrontar co'as tempestades,
Curtir penosas saudades,
Padecer toda a inclemencia,
Para activo e cuidadoso
Colhêr a esplendida palma,
Que viça nos seios d'alma,
Plantada pela sciencia.

Digitized by Google

A teu destino mil bençãos,
Mil bençãos, ó mocidade!
Se deram-te a liberdade
Teus paes, de valor exemplo,
Co'a mão, que apertou a espada,
Co'a mão, que ceifára loiros,
Abriram para os vindoiros
Da sciencia o rico templo.

Sê livre e sábia, mocidade augusta!
A patria illustra com teu nome e fama:
Rende á sciencia o magestoso preito,
No vasto peito a liberdade inflamma.

Não malbarates de teus paes o mimo
Ingente, opimo, que custou ganhar.
No passado elles foram quaes colossos;
Agora, ó moços, vós deveis brilhar.

A senda é limpa de crueis espinhos;
Largos caminhos atapetam flores:
Moços, é dia! Viajar seguro,
Crer no futuro de esmaltadas cores.

Digitized by Google

E crer na gloria, que não longe dista,
Bem como o artista no sublime esbôço.
Perante o mundo senhoris mostrae-vos!
Moços, lembrae-vos, o futuro é vosso!

Digitized by Google

A ESPERANÇA.

— « Jamais te deixarei, alma innocente ;
Sou teu sôpro de vida, tua irman :
Quando disseres : — Tudo, tudo mente !
Direi dentro de ti : — Mas... amanhan ? —

Não me conheces ? Se contricto oras,
Quem as mãos te alevanta para o ceu ?
Quando em silencio no teu leito choras,
Quem teus prantos enxuga ? quem ? sou eu !

Digitized by Google

Eu sou a luz celestial e bella,
Que te abraza de mil inspirações ;
De tua lyra a musica singela
É o echo das minhas vibrações.

Rio sempre comtigo em tua scisma,
E n'um favo de mel converto a dor :
Sou do futuro o cambiante prisma :
Não vês além da f'licidade o alvor ? » —

Digitized by Google

DEPOIS DO BAILE.

Depois do baile, a lembrança,
A sombra de uma creança,
Que lá sem tino segui !
Depois do baile — a saudade,
Um pungir de anxiedade,
Um queimar de phrenesi !

Digitized by Google

O bailè ! fui lá dormente,
Para encarar bem de frente
Com angelicos perfis ;
Para aprender se é verdade
Tudo o que alli a beldade
Sempre sorrindo nos diz.

Para apanhar-lhe uma rosa,
Que dos dedos descuidosa
Ás vezes deixa cair ;
Para, ebria de harmonia,
Bem como o fugir de um dia,
Vê-la na walsa fugir.

Para escutar sobrehumano
Os arpejos do piano,
Que p'ra o ceu direitos vão,
Como o estalar de cem beijos,
Que ao pedir de cem desejos,
Em face virgem se dão.

Para coar os meus prantos
No cadinho dos encantos,
No crysol de uma illusão ;
Para encher d'aquelles lumes,
D'aquelles mornos perfumes,
O vacuo do coração.

Digitized by Google

O coração, essa lyra,
Que a todo o instante suspira
Tangida por mão da dor ;
Essa bussola encantada,
Que nos dirige, voltada
Sempre p'ra o polo de amor.

Fui lá, sim. E o tedio agora
Negro insecto, que devora
Ainda em flor o prazer.
Depois do baile, o delirio,
Doer de estranho martyrio ;
Depois do baile, o soffrer !

Depois do baile, sosinho !
E na mente o murmurinho
Dos tangeres festivaes !
Anhelar que a noite passe.
Que nos ares se adelgace
Veu de trevas sepulchraes.

Depois do baile, a tristeza !
Minha fronte rubra, accesa,
A declinar para o chão,
Como declina uma vela
Sobre o mar que se encapella,
Soprada pelo tufão.

Digitized by Google

Depois do baile, esse enleio
Que deixa moreno seio,
Que a seda mal resguardou ;
Que arqueja e bate sem arte,
E parece que se parte,
Se olhar ousado o tocou :

Esse enleio indefinido,
Que far-me-ha andar perdido
Ao sol, ao vento, ao luar ;
Esse enleio que me mata,
E invencivel me arrebata
A amar... sem dever amar.

Depois do baile, gemidos !
Sons que são, tristes, sentidos,
Bem como a escala da dor !
Depois do vate que ri-se,
O mancebo que maldiz-se,
O sombrio scismador !

Aquella fronte elevada,
Pela belleza moldada
Para uma c'roa suster !
Aquelles olhos, que ferem,
Que dizem tudo o que querem !
Aquelle iman de mulher !

Digitized by Google

D'aquella voz a cadencia,
Que sabe, sem resistencia,
Quem ouve-a persuadir !
Aquelle andar vaporoso,
Ligeiro, bem como um gôzo !
Aquelle saber sorrir !

Depois do baile, a saudade,
Um pungir de anxiedade,
Um queimar de phrenesi !
Depois do baile, a lembrança,
A sombra de uma creança,
Que lá sem tino segui !

Digitized by Google

Digitized by Google

CONTEMPLAÇÃO.

O mundo atacado de innumeros teres,
Que fartam prazeres em gozos febris,
E os nomes dos homens que as festas procuram
Co'um disco molduram de raro matiz.

O mundo das galas, do brilho, do fasto,
Em que breve rasto se imprime da dor,
Em que não se encontra p'ra as crenças cadinho,
P'ra a glória caminho, p'ra o ceu um pendor.

Digitized by Google

Embora reparta de graças enchentes,
E caros presentes, que prodigo faz,
Jamais nos concede favores sobejos,
Os nossos desejos jamais satisfaz.

Nós vemos as luzes que as salas recamam,
Dizemos : — Inflammam, que doce calor ! —
Bebemos ás rosas celestes essencias,
Á musica ardencias, aos olhos amor.

Se esvaem pezares da festa ao contacto :
O estrepito grato de ledas canções,
De passos sonoros, de férvidas dansas
Acorda esperanças, esperta illusões.

A alma se afoga n'aquelle oceano :
E o homem insano se esquece de si !
A última gotta de fel que restava
Absorve uma lava, fugaz phrenesi.

Mas, quando o silencio se segue ao ruído
Do baile applaudido, da lauta funcção ;
Mas, quando pallejam as faces em braza,
E o tedio se casa co'o pêso do affão,

Digitized by Google

Suspira o conviva ; seu peito é vasio !
E trémulo e frio scismou sem querer :
Agora é o pranto que o rosto lhe cresta,
Ha pouco era a festa, gabada a ferver !

O sol que flammeja no ceu que se azula
De graças cumula ceu, terras, e mar :
Aquelle que se ergue do leito quieto
A seu bello aspecto sentiu-se alegrar.

São ricos os campos de grandes imagens,
E fallam linguagens que o mundo não tem :
Em seu sanctuario respira-se a vida,
Estima-se a lida, que sempre entretem.

Dão fructos maduros á mão que semeia ;
Á filha da aldeia dão sombra e frescor ;
Ao vivo menino gentil borboleta ;
A ti, ó poeta, selvatica flor.

Mas, breve sumindo-se, o sol entristece ;
O fructo apodrece, e a arvore cae ;
Ao sôpro do inverno, que tudo destroça,
Qual scisma na choça, qual gelido vae.

Digitized by Google

No seio materno porque mergulhada,
A fronte enrugada ao filho ficou ?
Á mãe abraçando, dos mimos em paga,
Que idea presaga lhe a mente nublou ?

No collo da amante prevem-se delicias,
Se logram primicias de casta affeição ;
Uma hora se passa bem como encantado ;
Porfim o enfado desfaz a ficção.

Ligeiros enlevos de curta existencia !
Secreta tendencia p'ra um mundo melhor
Me avisa que espere paciente no ermo,
Que o ceu é o termo, que a fonte o Senhor.

Digitized by Google

SAUDADES.

Se nunca chorastes, nos trances da vida,
Na hora aprazada de dura partida,
Os paes, os amigos correi a abraçar ;
N'essa hora tão curta, n'essa hora tão triste,
Á dor da saudade quem é que resiste ?
Se nunca chorastes, haveis de chorar.

Digitized by Google

Aqui uma fronte pendida de leve ;
Alli um suspiro, que extingue-se breve,
Um joven semblante, que fica sem côr ;
Aqui uma phrase de esp'rança e consôlo ;
Mais perto essa imagem de candido collo,
Que deu-vos, infante, conchêgo e calor.

Chegae-vos a ella, que quasi desmaia ;
Chegae-vos a ella, rev'rente fitae-a,
Que a benção sagrada lá vae vos lançar :
Acodem-lhe aos olhos as perlas do pranto ;
E vós,—porque o chôro tem força de encanto,—
Se nunca chorastes, haveis de chorar.

O lenho, dispara, nas ondas se banha ;
Vislumbram-se apenas excelsa montanha,
Argenteas areias ; e some-se o sol :
Longinquo vos marca da patria o terreno
O vivo reflexo, benefico, ameno
Da luz cambiante que anima o pharol.

E n'elle, que brilha, qual astro caído,
Vós tendes bem fixo, pregado, embebido,
Por só lenitivo, o languido olhar :
Em breve annuvia-se o astro doirado ;
Então entre os mares e o ceu constellado,
Se nunca chorastes, haveis de chorar.

Digitized by Google

As rodas enormes do lenho possante,
Quaes azas velozes, o levam p'ra avante,
E domam co'o pêso suberbo escarceu :
Fugindo, desfazem-se as nuvens sem conta;
Espertam-se as brisas ; a lua desponta,
E sobre o oceano desdobra seu veu.

Os dias passados, com todas as crises,
Com todas as scenas, e ensejos felizes,
Á mente turbada vos traz o luar :
Que scisma profunda ! que amargo desgôsto !
Debalde, — martyrio ! — quereis ver um rosto...
Se nunca chorastes, haveis de chorar.

No meio de um povo, do vosso diff'rente,
Agora vós ides seguindo a torrente
De fasto e miseria, de andrajo e ouropeis :
São outros os climas, são outros os ares;
Sem graça os sorrisos, sem fogo os olhares ;
Os usos são outros, são outras as leis.

E longe dos vossos, co'o vacuo no peito,
Co'a dor estampada no gesto desfeito,
Vigilias caladas levaes a penar ;
Na sombra da noite que o mundo rodeia
Requinta a saudade ; lá vem uma ideia...
Se nunca chorastes, haveis de chorar.

Digitized by Google

Digitized by Google

LIVRO TERCEIRO.

Digitized by Google

Digitized by Google

O POVO.

O povo é como o oceano
Se erguendo livre do chão,
Magestoso e soberano
Como a cruz da Redempção :
É um gigante esforçado,
A grandes coisas fadado,
Com direito a todo o bem :
É dos seculos o vulto,
Que mais nos merece culto,
Que irá dos sec'los além.

Digitized by Google

Ei-lo, misero, sem tino,
Pelo mundo a se arrastar!
Inda é hoje seu destino
Soffrer, soffrer e chorar.
Ninguem lhe escuta os lamentos,
Nem lhe allivia os tormentos,
Nem o consola sequer:
Envolto em rôta mortalha
Ai do povo que trabalha
Para á fome não morrer!

É sina da mocidade
Do povo á causa adherir,
Ter mui fé na liberdade,
Essa flor que custa a abrir:
É sina! com ella cresce,
Alheia a todo o interesse
Mesquinho, profano, vil;
É sina! co'o peito ardente
Revela tudo o que sente,
Franca, ingenua, sem ardil.

E porque calar meu canto,
Do povo elevado em pró?
Que assumpto haverá mais sancto,
Que o povo saudar no pó?
Porque calar-me? — Sou moço;

Digitized by Google

Electrisa-me o alvoroço
Das ideas juvenis.
É bem patente o que pinto;
Não hão de dizer que minto;
Que altero ao quadro o matiz.

Bemdito aquelle que sabe
Ser p'ra o povo sempre bom,
E embora opprimido acabe,
Não cessa de erguer-lhe um som!
Bemdito seja o poeta
Que sua missão completa
Na lyra o povo a cantar;
Que seus foros defendendo,
Que por elle combatendo,
Não teme a morte affrontar!

O povo é como uma barca,
Que em alto mar se perdeu,
E sem pharol, astro, ou marca,
Lucta co'o vento, o escarceu:
Senhor Deus! olhae p'ra ella,
Não a deixeis, rôta a véla,
Sôbre as rochas se partir;
Acalmae essa tormenta,
Que a consome e desalenta;
Mandae-a salvo surgir!

Digitized by Google

O povo é como um arbusto,
Que tem vergonteas a mil,
Enraizando-se a custo
Sôbre queimado alcantil:
Dá-lhe o sol seus resplendores,
Mas elle inda não tem flores
Com que se possa vestir:
Fazei-lhe engrossar a seve,
E talvez que muito breve
Vós o vejaes a florir.

Vossas feridas, ó povo,
De meus prantos banharei;
Sou vosso filho, reprovo
As injustiças da lei;
Só para vós o desterro,
Pesados grilhões de ferro
Quem a dicta prescreveu:
O que é a lei? — a vontade?
Só no povo é que ha maldade?
É só o povo que é reu?

Não: — só elle soffre a pena,
Porque é pobre, — bem sabeis; —
Porque não pode a gangrena
Esconder sob ouropeis:
Seus filhos são perseguidos,

Digitized by Google

Seus filhos são sempre tidos
Por scelerados, por maus ;
Porque não vivem no fasto ;
Porque não sabem de rasto
Subir marmoreos degraus !

A lei, de fronte severa,
Condemna o povo a morrer ;
A lei, indomita fera,
Quando anjo devêra ser :
E o povo pergunta ao Christo :
— « Meu Deus, vós não vêdes isto
A que extremo nos conduz ?
Vós, o martyr innocente,
Quereréis perpetuamente
O patib'lo ao pé da cruz ! » —

Calae-vos, povo, calae-vos,
Que falle só vossa fé ;
Filho do Christo, lembrae-vos
Que elle do ceu tudo vê :
Sim, vê ! Seu olhar fecundo
A idea que agita o mundo
Afinal sazonará :
Como as columnas pesadas,
Por Samsão desmoronadas,
O patib'lo cairá.

Digitized by Google

Os grandes são instruidos,
O povo, coitado ! não :
Os seus dias mal vivídos
Nunca doira a illustração.
Elles dizem : — « Sêde cego,
P'ra que tenhámos socêgo,
E o que somos não vejaes :
A sciencia é como o raio,
Que brilha e causa desmaio...
Sêde como vossos paes ! » —

Perguntae ao rei ditoso
Quem no cérca de esplendor,
Quem dá-lhe um sceptro pod'roso,
Uma c'roa de valor ?
Quem lhe amontoa as grandezas,
Quem lhe completa as proezas,
Quem o ajuda a ser heroe ;
Quem foi que ergueu-o ás alturas,
Entre Deus e as creaturas,
Idolo ou mytho, quem foi ?

Dizei-lhe, dizei-lhe, ó povo :
— « Fui eu, Senhor, outro não ! » —
Seja um rei antigo ou novo,
Cesar ou Napoleão.
Que val do rei só o gladio ?

Digitized by Google

O rei sem povo é palladio
Sem sanctuario e sem grei :
O povo é o primeiro dono :
O povo é quem molda o throno :
O povo é que faz o rei !

O povo é bravo soldado,
É quem sustenta as nações,
Quem vela sempre a seu lado
Quando lhes lançam grilhões :
É o braço da batalha,
Que atira longe a metralha
Que os loiros lhes vem crestar ;
Baluarte de granito,
Que dos tyrannos o grito
Nem sequer pode abalar.

Como a mãe espera o filho
Que p'ra longe se ausentou ;
Como o valle espera o brilho
Da lua que o prateou ;
Como o justo espera a morte,
O nauta as brisas do norte,
Para a viagem seguir ;
Assim o povo humilhado
Espera longinquo brado,
Espera a luz do porvir.

Digitized by Google

Então, quando o proletario
Olhar p'ra o ceu e sorrir,
E o esfarrapado sudario,
Ao chão lançando, cuspir;
Quando a estátua preciosa
A pedra mysteriosa
Para sempre derribar,
Silencio! — triumpha o povo!
Abria-se-lhe um mundo novo,
Ninguem se deve queixar.

Digitized by Google

CONTRASTE.

Um campo de açucenas, que despertam
Do orvalho ao regelar, da brisa aos beijos,
Quando a alvorada por um ceu ameno
Golfa rubros lampejos,
É viver.

O cêrro adusto que se eleva torvo
No descampado immenso do deserto,
Em cuja fronte o sol, ao despedir-se,
Atira um raio incerto,
É morrer.

Digitized by Google

O canto mysterioso da donzella,
Que saudoso violão doce acompanha,
Quando sua alma n'um scismar de amores
Á noitinha se entranha,
É viver.

O murmúrio maguado, indefinido
Das vagas que arrebentam sôbre a areia,
Quando se some por detraz dos montes,
D'além a lua cheia,
É morrer.

O ceu da patria contemplar vaidoso;
Beber delicias no sorrir materno;
Sonhar da virgem que na terra amámos,
Co'o olhar sempre terno,
É viver.

Ver esfolhar-se sôbre um chão esteril
Flores, flores gentis da mocidade,
Ao borbulhar de renascentes prantos
De tristeza e saudade,
É morrer.

Digitized by Google

SAN' THOMÉ.

LENDA BRAZILEIRA.

Bem ao certo não sabe-se o anno,
Nem o dia propicio do mez,
Em que a este paiz, sobrehumano,
Sua róta o Apostolo fez.
O milagre não perde por isso
Seu prestigio, seu cunho de fé;
É corrente, eu acceito-o submisso:
Veiu outrora até cá San' Thomé.

Digitized by Google

Tribus, filhas das tribus primeiras
Que assombradas beijaram-lhe a mão,
As ideas reaes, verdadeiras,
Conservaram de tal tradição ;
Seu aspecto guardavam na mente,
Em vulgar o chamavam Sumé :
Não podia enganar-se essa gente :
Veiu outrora até cá San' Thomé.

Sôbre o dorso das ondas amargas
Bem a prumo elle andou, — quem dirá ?
Empunhando uma cruz, barbas largas,
Dia e noite fallava em Tupá.
Aos selvagens prégou a lei nova,
A plantar ensinou-os até !
Ninguem ha que desdenhe esta prova ;
Veiu outrora até cá San' Thomé.

Que de vez não soára sua fama
Na montanha, no val, no paul !
Sob a taba coberta de rama,
Sob o ceu, que se cobre de azul !
Que de vez inda hoje o devoto
N'essa fama sem par se revê !
Respeitemos o caso remoto :
Veiu outrora até cá San' Thomé.

Digitized by Google

Nem podia se dar o contrário;
Será impio quem tal duvidar;
Essa luz que emanou do Calvario
Todo o globo devia aclarar;
Foi o sancto quem trouxe-a a esta terra;
Isto mesmo na historia se lê:
Ora a historia se erra... não erra!
Veiu outrora até cá San' Thomé.

Certos indios, mais feros, mais brutos
Decretaram crueis o aggredir:
— Colhe amargos, insipidos fructos,
O que flores costuma espargir. —
Qual já herva a voante taquara,
Qual na gruta consulta o pagé;
Qual se adorna co'as pennas da arara:
Veiu outrora até cá San' Thomé.

Quem o visse das settas zombando,
Escudado co'a cruz do Senhor!
Quem o visse direito voando
Pelos plainos do mar, sem temor!
E sumira-se: o mar era liso,
O ceu limpo, segundo se crê:
N'esta crença a verdade diviso:
Veiu outrora até cá San' Thomé.

Digitized by Google

Nem exijam que eu mais me remonte,
E demonstre que o facto é real:
Ahi 'stá o logar, está a fonte,
Inda existe bem vivo o signal;
Está a pedra em que jaz bem impresso,
Como em cera flexivel, o pé:
É do sancto, confessam... confesso:
Veiu outrora até cá San' Thomé.

Não foi sonho, que enleia, ou delirio,
Não foi sombra, que engana, ou visão;
Pondo lei ao oceano, o martyrio
Ei-lo soffre em longinquo torrão.
Nem reparem que o Apost'lo olvidasse
Um paiz carecido de fé,
Que a ninguem sua róta contasse:
Veiu outrora até cá San' Thomé.

Digitized by Google

MONODIA.

Á MEMORIA DE M. A. ALVARES DE AZEVEDO.

A SEU DIGNO IRMÃO

J. I. ALVARES DE AZEVEDO.

Poeta, como es doce, quando vibras
Da lyra as cordas, tremulosas fibras
Do tenro coração !
Tu cantas como o sabiá que acorda.
Teu canto é taça de oiro, que transborda
Fervendo a inspiração.

Digitized by Google

Taça, que enches, a mente delirante
Em sonhos mysteriosos, como o Dante,
De amargoso liquor ;
Em cujo fundo ás vezes se divisa
Uma lagryma quente, que deslisa
Anhelante de amor.

Lagryma filha de febril vertigem,
D'essas que brandamente nos affligem,
Como que dão prazer :
D'essas que levam no seu seio a vida ;
Que são qual chuva d'oiro desprendida
Em lindo amanhecer.

Pobre mancebo ! no scismar ascetico
Tu não tremeste ao apertar phrenetico
De um corpo de setim ?
Não sentiste, de gôsto enlouquecido,
Purpurisar-se aos beijos do perdido
Labios de seraphim ?

Não tiveste a quem dar teu diadema ?
Nem ouvidos, que languido poema
Te soubessem ouvir ?
E nem um facho animador, luzente,
Que te mostrasse um anjo no presente,
E o ceu lá no porvir ?

Digitized by Google

Contra o seio vasio comprimiste
As tuas flores, e murchá-las viste
Á mingua de calor?
Dia e noite gemendo as afagaste?
Porém ellas dobraram-se sobre haste,
Desbotadas de dor?

Porque, ó Deus, ao sonhador não deste,
P'ra as maguas lhe adoçar, anjo celeste,
Peregrina mulher?
O poeta é o homem que suspira.
De que lhe serve preciosa lyra,
Sem amar, para crer?

Sua alma é feita de harmonia e chamma;
Á noite canta, á luz do sol se inflamma:
— Alahude e volcão, —
O amor a afina co'os rosados dedos;
Quebra-lhe o sêllo de ideaes segredos,
E aviva-lhe o clarão.

Pobre mancebo! Triste e pensativo,
Ás sombras do passado redivivo
Ris co'um riso que doe;
E ao pungir de uma dor ignota, immensa,
Nebulosa, terrivel, a descrença
O coração te roe.

Digitized by Google

Ai! de quem a descrer da terra chega!
A descrença gelada, muda, cega,
N'alma embebe um punhal:
Tenta em vão amimar-nos a alegria,
E aromas, e luzes, e harmonia...
A ferida é mortal.

Veneno que denigre o pensamento,
Ella o que era delicias em tormento
Tyranna converteu:
Algoz que nem os prantos fazem terno,
Que não cança, a descrença é como o inferno.
A esperança é o ceu!

E tu, descrente, á poesia dizes:
— « Oh vem cá, meiga irman dos infelizes,
Dos tristes luminar!
O caminho é tão longo! ha tanto espinho!
Ave que fazes lá no ceu teu ninho,
Ensina-me a cantar!

Vem, vem: quero tambem chamar-te minha,
A ti, que, tendo c'roa de rainha,
Vives na solidão!
Quero estreitar-te em fraternal abraço,
E a fronte serenar no teu regaço,
Depois de uma oração! » —

Digitized by Google

Poesia e oração junctas nasceram,
E quaes dois lyrios, fraternaes cresceram,
Uma da outra ao pé:
Ambas são companheiras de quem soffre;
Ambas são rico, precioso cofre,
Que desferrolha a fé.

Ambas casam as musicas divinas,
E marcham de mãos dadas, peregrinas;
Ri uma, se outra ri:
Ambas outrora arrebataram ternas,
Com suas chammas férvidas, eternas,
A Moyses e David.

Pobre mancebo! lobrega existencia!
Em extasis dizia-lhe a sciencia:
— « Caminha, vae além! » —
Mas disse-lhe o Senhor, de lá de cima:
— « Aqui é que a sciencia se sublima;
Voa da terra e vem! » —

Vinte annos! Era a flor, na primavera,
Que insecto occulto exhaure e dilacera,
Ao desabotoar:
Sombrio sonhador, alma presaga,
Elle foi, e sumiu-se como a vaga
Nos desertos do mar.

Digitized by Google

Charco em que a custo a luz do sol reflecte,
Vasto molde de cera que derrete
Do oiro vil o calor,
O mundo, na geral metamorphose,
Cedo ou tarde concede a apotheose
Ao genio, ao creador.

E elle era um genio! A triste mocidade
Em canticos gentis á liberdade
Energico traduz.
— Do vate a inspiração a mais robusta
É a que lhe borbulha, immensa, augusta,
Da liberdade á luz.

Era um genio divino. A natureza
Via sempre a sorrir; via a belleza
Sempre á cima do chão;
Um anjo em cada vulto de menino;
Um martyr no poeta peregrino;
No homem um irmão.

A sua breve e pittoresca historia
Aos sec'los ha de repetir a gloria,
Predilecta de Deus.
Oh! feliz d'elle que, roçando a terra
Co'as azas de oiro, não soffreu a guerra,
Que vexa os irmãos seus!

Digitized by Google

A JOÃO CAETANO.

Vi-te : tomei-me de prazer e pasmo,
E mais seguro no teu genio cri :
Só quem definha-se em lethal marasmo
Portento n'arte não vislumbra em ti !

Ouvi-te : ergui-me ás regiões sonhadas
Onde nossa alma longe o mundo vê ;
Onde se abraça com ficções doiradas
Quem deposita no que é grande a fé.

Digitized by Google

Onde dos homens o ardil não chega ;
Onde o gemido dos mortaes se esvae ;
Onde o reflexo do Senhor nos cega ;
Onde o mysterio ao scismador attrae.

Ouvi-te : e cresce meu amor antigo
Pela arte, casta, varonil vestal ;
A arte do pobre sacrosanto abrigo,
E do rico o mais farto cabedal.

Ouvi-te : e invejo a inspiração homerica,
Para em meu canto arrebatar-te aos ceus !
Para arrancar ás regiões da America
P'ra ti mil bençãos e immortaes tropheus !

Mas não precisas ; tua voz resona
Alto bastante, para ouvida ser :
Verbo ineffavel, vae de zona em zona
De teu talento o seductor poder.

De teu talento a deslumbrante chamma
Lavra, se espalha... que prodigios faz !
Ardente o povo brazileiro te ama ;
O povo tece-te um laurel vivaz.

Digitized by Google

Preitos ruidosos o que é rei conquista,
A custo ás vezes de infantil temor ;
Mas a menagem consagrada ao artista
Somente é filha de sincero amor.

Es tu, artista, quem revive as éras,
Quem reanima pallidos perfis :
Genio, elevados ideaes tu geras ;
Genio ! este nome quanto vales diz ?...

Ouvi-te : e espero n'essa audaz cohorte,
Que encara a gloria como seu pharol ;
Que pelas artes tem febril transporte,
Que julga a sciencia deleitavel sol.

Tu es p'ra ella transparente espelho
De quanto vale do talento a luz.
A arte tambem tem seu evangelho ;
Feliz quem pode carregar-lhe a cruz !

Ouvi-te : a este poderoso imperio
Felicitei, por ser teu berço, actor !
Ouvi-te : enchi-me de um orgulho serio,
Que o dos monarchas, a meu ver, maior.

Digitized by Google

E então? é pouco a tão robusto engenho
Dar o appellido angelical de irmão?
Poder dizer: — « Na minha terra tenho
Um grande artista, o que bem poucos são? » —

Um grande artista rara vez desponta
Por entre as glorias de qualquer paiz:
Este, tão novo, que milhares conta,
Tão bemfadado, não será feliz?

Vejo-te: e sinto, — sentimento bello! —
Um novo homem renascer em ti:
Sempre na scena es o fiel modelo:
Ouvi-te: aspiro, estremeci, vivi!

Digitized by Google

O MUNDO DO POETA.

Existe, existe o mundo do poeta!
Porque não podes conhecê-lo, o negas,
Turba grosseira e vil, de alma abjecta.

Do vicio escrava, quanto é bom renegas:
Treva no interior, treva por fóra,
Em luz nenhuma que é do ceu te cegas.

Sim, o poeta um bello mundo mora,
Um mundo á parte, que arroubado pisa,
Ou quando ri-se e folga, ou scisma e chora.

Digitized by Google

Quiz Deus que o mar, que a ventania frisa,
Perlas, coraes gerasse ; a terra lyrios,
A mina a pedra rutilante e lisa.

Quiz tambem que de sonhos e delirios,
De esp'ranças e memorias que deleitam,
Gerasse um mundo o vate, entre martyrios.

Os poetas de outrora o mundo enfeitam
De descompostas, lubricas beldades,
Que a amor prostituidas se sujeitam.

Era um mundo de lodo e de maldades,
De maus embustes, de ruins intrigas,
De idolos vãos e falsas divindades.

N'outro mundo, poeta, hoje te abrigas :
Unge-te a fronte um oleo que te apura,
A alma te aclaram tradições amigas.

O teu mundo povoa a formosura ;
Porém sem nodoa, timida, modesta,
No gesto da mulher doce fulgura.

Se ella te ama, vae-te o mundo em festa ;
Se teu affecto desdenhosa engeita,
Em vez de paraiso, um cahos te resta !

Digitized by Google

Mas outra virgem teu affecto acceita :
No cahos sepulto tua dor abranda,
Mellifluo tópico ás feridas deita.

É a Virgem purissima, que manda
Todo o universo ; que co'o sol se veste,
E tem estrellas por vivaz guirlanda.

Entre o terreno amore o amor celeste,
Assim te embalas, ebrioso e terno,
No mundo encantador que tu fizeste.

Do ephemero amor, co'o amor eterno
Temperando, bem como pura essencia,
Formas d'alma o manjar, manjar superno.

Co'as duas Virgens partes a existencia :
De joelhos adora-lhes, jucundo,
A luz da santidade e da innocencia.

E, emquanto o homem sobre um chão immundo
Se alça e debate-se em cruentas luctas,
Tu, poeta, recolhes-te a teu mundo,
Onde venturas, sonhador, desfructas.

Digitized by Google

Digitized by Google

COMO SE AMA ?

Dizer-te como se ama,
Como inflamma,
Como inflamma uma paixão,
Seria tarefa estulta :
Queres sabê-lo ? consulta,
Consulta teu coração.

Digitized by Google

'Stás na quadra dos amores :
Teus olhos tem resplendores
Capazes de deslumbrar :
Em alguem por quem palpites
Basta fites,
Basta fites teu olhar.

Sentirás... mas exp'rimenta ;
Não me assenta,
Não me assenta a explicação :
E por mais que te explicára,
Temo que nunca ensinára
De todo em todo a lição.

Pois se o amor se não ensina !
É um acaso, uma sina ;
Evitá-lo... ideas vans !
Elle resiste a amuletos,
E a secretos,
A secretos talismans.

Pode mais que tudo isso !
É feitiço,
É feitiço sem egual :
É philtro que regenera ;
De principio uma chymera,
Ja p'ra o fim um cabedal.

Digitized by Google

Como se ama?... como se ama?...
Espera que brote a chamma,
E entrega-te a seu ardor,
Como o poeta ao delirio,
Como o lyrio,
Como o lyrio ao beija-flor.

Todo o amor carece preitos;
Mas preceitos,
Mas preceitos não, nem lei:
Ama a rainha o valído,
Sem dar-se por entendido,
A dama de honor o rei.

É que o amor é espontaneo;
O humilde ou suberbo craneo
Amolga co'o toque seu:
Faz descer quem 'stá de cima,
E sublima,
E sublima ao que desceu.

Como se ama? — singelleza! —
Tens belleza,
Tens belleza... saberás:
Mostra-te ao mundo sem medo
E em breve o grande segredo
Sem custo penetrarás.

Digitized by Google

Digitized by Google

O RETRACTO DE MINHA MÃE.

Deixa olhar-te bem de perto,
Com toda a minha attenção :
Volta-me a vida, desperto !
N'outro homem me converto,
É já outro o coração :
É já outro, bate isento
De mundano pensamento ;
Recobra fôrças, alento
Na sombra e na solidão.

Digitized by Google

Já posso ver-te, retracto !
Sanctifiquei-me, scismei ;
Furtei-me ao humano trato,
De tudo me deslembrei.
Só me importa agora a lei
De Deus, meu berço, meu ceu,
Pae e Mãe estremecida,
A quem darei mais que a vida ;
Porque além da que me deu,
Dá-me um affecto, só seu.

Já posso ver-te, eu o quero !
Meu semblante não é fero,
Nem cheio de desespero :
Já posso ver-te, sorri !
De todo o amor me despeço,
A ti todo me offereço,
Consagro-me todo a ti.

Ver-te uma vez, cada dia,
Quando o mundo se inebria
No somno que o acaricia,
É-me como devoção :
Não hei de esquecê-la, não !
Entre as penas da saudade
Tu es o meu só prazer ;
No meio da tempestade
Tu vens para me entreter.

Digitized by Google

Se prostrar-me a enfermidade
No leito a mão da amizade
Te ha de aos meus labios coser:
Dar-te-hei mil beijos na febre!
No meu derradeiro arranco,
Antes, antes que se quebre
Da vida o fio subtil,
O clarão do cyrio branco
Doire-te o rosto gentil:
Terei n'elle o olhar fixo,
E o augusto crucifixo
Sôbre o peito varonil.

Cresce o silencio, tão grato,
E mais te fito, retracto;
E em esp'rito me arrebato
P'ra os horizontes de além.
Esta fronte, desbotada
Por molestia malfadada,
E levemente enrugada,
Que magestade que tem!
Este olhar seguro, estreme,
De quem padece e não geme,
E só do Senhor se teme...
Este rosto, em que a tristeza
Imprime um quê de belleza...
Es minha Mãe, vejo bem!
Vejo, sinto, creio, creio,
E de saudades anceio,

Digitized by Google

E sólto doridos ais!
Como á minha alma um receio
Me traz ideas fataes!

Como á alva lua circula,
Se o temporal crepuscula,
Disco de lindo matiz,
A ti, retracto feliz,
Cercam mil recordações:
Tu me lembras minha infancia
Co'os brincos da agreste estancia,
Co'as puras inclinações;
Lembras todo o meu passado,
De venturas coroado,
De venturas? que sei eu?
Se não ganhei-lhe um tropheu!
E se tantas no seu veu
Escrevi sombrias datas,
Oh retracto, que retractas
O meu idolo, o meu ceu!

A aragem nocturna esfria,
A noite avançada vae;
Mixto de dor e alegria
A ti ainda me attrae.
Sinto-me, sinto-me afflicto
A olhar-te; porque? medito,
Tua presença me consola.

Digitized by Google

Vê, uma lagryma róla
Sôbre minha face e cae :
Sôbre ti cair direita
Ella foi : seja-te acceita !
Não te mancha o puro brilho ;
É a lagryma de um filho,
Que bem de dentro lhe sae.

Digitized by Google

Digitized by Google

Á MEMORIA DE MINHA IRMAN.

Nove annos ella tinha de existencia;
Não conhecia mais do que a innocencia,
O amor, a caridade, a devoção:
A meus paes e a mim terna afagava,
Seus teres de creança ao pobre dava,
Dava ao Senhor purissima oração.

Digitized by Google

Só nove annos! Via o mundo apenas
Pelas risonhas, deleitaveis scenas,
Por esse prisma por que poucos vém:
Pela luz, pela flor, — imagem sua, —
Pelo verde do prado, o mar, a lua,
Pela paz, o prazer, a esp'rança, o bem.

E morreu! Era facil a mudança.
É sempre, sempre anjo uma creança
Ao pé do homem, ou ao pé de Deus.
Para quem esta vida é paraiso
Tanto vale na terra abrir o riso,
Como ir abri-lo no 'splendor dos ceus.

Digitized by Google

MEU ANJO DA GUARDA.

VISÃO.

Da doença sou victima tenra ;
Trava a morte peleja co'a vida :
Se extenua meu corpo cançado ;
Desfallece minh'alma abatida.

Nem um peito sensivel que saiba
Acolher-me um suspiro saudoso !
Nem uns olhos que infiltrem-me n'alma
De esperança um só raio mimoso !

Digitized by Google

Nem uns labios angelicos, puros,
Que me fallem palavras de amor!
Que me dém um sorriso de alento,
Que mitiguem-me as ancias da dor!

Este pranto é qual serpe de fogo,
Que não dorme, não pára, a queimar-me!
Nem sequer mão amiga, que venha
Compassiva este pranto enxugar-me!

Estas dores são farpas agudas
Que s'embebem no meu coração,
E a medulla dos ossos penetram!
Que martyrio! me foge a razão!

E meus paes, ai de mim! tão distantes,
Grande Deus, quanto é duro soffrer!
Duas mortes a um tempo me matam,
Se eu sem vê-los chegar a morrer!

Que vejo! — é sonho que afogueia a febre?
É delirio exaltado?
Acaso o pensamento tem as raias
Circumscriptas passado?

Digitized by Google

A meus pés se escancára negro abysmo ;
Sôbre elle me sustenho :
Em suas bordas permanece a morte
Com temeroso senho.

Ei-la me afferra válida e possante ;
Oh que mão glacial !
Espera, morte ! por meus paes, por elles,
Poupa o golpe fatal !

A terra que o roceiro infatigavel
Lavra e semeia na estação propicia,
Grata á mão bemfeitora, lhe offerece
Assucarados fructos.

O canario, que colla o esguio ninho
Da cajazeira no folhudo ramo,
Altos cantos lhe dá multiplicados,
Captivo da hospedagem.

A flor que o jardineiro desvelado
Planta em raso canteiro, e rega a tempo,
Reconhecida porventura, cresce
Mais fresca e mais viçosa.

Digitized by Google

Se é lei a gratidão para os viventes,
Não ha que a ella se recuse o filho:
Elle deve escutar os seus dictames
Universaes, eternos.

Assim, morte, permitte que inda eu colha
Algumas rosas no vergel da vida:
Quando meus paes penderem, alquebrados,
Para o occaso da edade,

Que eu os possa arrimar na debil marcha,
Como outrora meus passos arrimaram:
Quando ao seio de Deus voar sua alma,
Que os olhos eu lhes cerre!

E após de os prantear tristes crepusc'los,
E orar gemendo sôbre a campa sua,
Da eternidade me conduze ao reino;
De sobejo hei vivído!

O filho sem seus paes é qual romeiro,
Que perde na jornada a melhor sombra;
Elo franzino de cadeia rôta,
Arbusto sem raizes.

Digitized by Google

A morte inexoravel se prepara
A cumprir sua missão:
Ergue o alfange buido e scintillante,
Me aponta o coração.

Oh! eu ia expirar, sem ter, creança,
Na fronte uma grinalda:
Mas, clemencia do ceu! um anjo surge,
O golpe certo balda.

Era meu anjo da guarda,
O anjo que Deus me deu,
O anjo que me dirige,
E vela o destino meu.

Graças a elle, a meu anjo,
Que fez com seu braço forte
Differir-se a lei tremenda,
Curvar-se o poder da morte!

Digitized by Google

Digitized by Google

LAGRYMAS.

N'UM ALBUM.

Lagrymas! oh! são tão doces
Como afago maternal,
São tão doces como um sonho,
Como um sonho virginal.

São tão doces como a lua
Imminente sôbre o mar;
São tão doces como a brisa
Que vem a calma abrandar.

Digitized by Google

São assim! quer suavisem
O pungir de immensa dor,
Quer embalsamem as preces,
Que enviámos ao Senhor.

Lagrymas! phanal de esp'rança
Para o scismar do proscripto,
Linda estrella salvadora
Para os crimes do precito.

Lagrymas! goivos que abundam
No triste jardim da vida;
Simples, modesto epitaphio
Sôbre a funerea jazida.

Lagrymas! golfam-me ardentes
Dos seios do coração:
Dizem saudades penadas
Longe da patria mansão.

Deixa, pois, deixa que as verta
Sôbre esta pagina escura:
Fique aqui bem resguardado
Este pinhor de ternura!

Digitized by Google

JASMIM.

Estrellinha, que esmoreces
De um prado verde no fim,
Só tu minh'alma esclareces ;
Sê minha estrella, jasmim !

Espelho liso de prata,
Em que vê-se um seraphim,
Só minhas dores retracta ;
Sê meu espelho, jasmim !

Digitized by Google

Seio de neve, que embebe
Da noite o pranto sem fim,
Só minhas lagrymas bebe ;
Dá-me teu seio, jasmim !

E quando o pallido lume
Da vida apagar-se em mim,
N'alma entranha-me o perfume ;
Amemos no ceu, jasmim !

Digitized by Google

A SOMNAMBULA.

I

A negra rodilha dos longos cabellos,
Caídos, singellos, sem flores brilhou:
Activo perfume de um oleo excellente
Por todo o ambiente subtil se espalhou.

O corpo macio, flexivel, maneiro,
Vestido ligeiro, folgado, vestiu:
Agora a acharia mais bella que tudo,
Trajando velludo quem d'antes a viu.

Digitized by Google

P'ra ella sentíra mais viva tendencia ;
É fraca a influencia dos vãos ouropeis :
O veu mais delgado retrae a belleza,
Só pode a simpleza dar côres fieis.

Por isso é que eu presto, que eu presto meu culto
Ao pallido vulto que, em seu pedestal,
Talhado no marmor em grave postura,
Mal prende á cintura mimoso sendal.

Por isso eu contemplo com sancto deleite,
Despida de enfeite, sorrindo a um painel,
A candida imagem, que artista inspirado
Traçou, ajudado de fino pincel.

A noite em começo, qual calice cheio,
Transborda em seu seio mais fogo, talvez ;
Dos olhos inquietos a luz lhe embacia,
A fronte lhe esfria, desbota-lhe a tez.

Mysterio insondavel ! Da noite o cortejo
Incita desejo, saudade, afflicção :
Reflexos que brilham, murmurios que soam
Animam, coroam precaria visão.

Digitized by Google

Segredo indisivel ! A virgem travêssa
Pendeu a cabeça n'um calmo scismar ;
E quanto comsigo mais ella medita,
Seu seio se agita qual onda no mar.

II

A virgem solitaria
Em seu scismar profundo
Não vão interromper :
A scisma é necessaria ;
Convem longe do mundo
Ás vezes só jazer.

Em placido retiro,
De aromas embebido,
Vasio de pavor,
O férvido suspiro,
O trémulo gemido
Desata-se melhor.

Tu olhas dentro d'alma
Agora, ó virgem pura,
Da solidão na paz :
É verde cada palma !
Ahi tudo fulgura !
Olhá-la assim te apraz.

Digitized by Google

Apraz-te embriagada
De um philtro indefinido,
Comtigo relembrar
Uma epocha passada,
Um rosto conhecido,
Angelico folgar.

Em tua visinhança
Oh! ei-lo esse objecto
Das scismas virginaes.
Embala-te a esperança;
E arde teu affecto;
E a noite cresce mais.

Pertinho a vaga geme,
Qual sofrego doente,
Partida em escarceu:
A estrella alveja e treme.
E a virgem mansamente
Parece adormeceu.

III

Era sob o docel perfumado
De um jasmineiro lindo,
Em que o orvalho da noite calado
Ia os botões abrindo.

Digitized by Google

E ella brilha, da lua banhada,
Na sombra do docel,
Como a pedra de lumes ornada
No engaste do annel.

Retratá-la quem póde? Ineffavel
É sua posição:
Sei que assim faz-se mais adoravel;
Té pasma a solidão.

Fôra ahi de perfumes fartar-se?
De harmonico rumor?
Ou espera na fragua abrazar-se
De phrenetico amor?

IV

Não a maldigam,
Que ella dormia,
E não podia
Recatos ter.
Era somnambula:
Se alevantando,
Foi começando
A se mover.

Digitized by Google

Olhos abertos,
Moveis, accesos,
Livres, illesos
De mau pensar.
Era somnambula :
Não se lhe deve,
Até de leve,
Nada imputar.

Desempenada,
Dá curtos passos ;
Froixos os braços,
Pendentes vão ;
E caminhando,
Parece o fumo,
Sem certo rumo,
Sem direcção.

Era somnambula :
O corpo leve
Como tão breve
Se lhe alquebrou !
Oh que fadiga !
Quem a persegue ?
Porque não segue ?
Porque parou ?

Digitized by Google

O som de um beijo,
Dado com ancia,
Na muda estancia
Se deixa ouvir:
E a somnambula,
Co'o peito arfando,
Sempre sonhando,
Sempre a dormir.

Não a profanem!
Não creiam gasto,
Seu seio casto,
Seu pundonor:
Que tem um beijo?
Elle é sagrado,
Como confiado
Todo o pinhor.

Se um beijo puro,
De preço enorme,
Em quem não dorme
É natural,
Um beijo em face
De uma dormente
É imprudente?
Faz algum mal?

Digitized by Google

V

No dia seguinte, quando elle se erguêra,
Mais pallida era, mais meiga e louçan :
Não tinha lembrança da cúpida scena ;
Alegre e serena saudava a manhan.

Digitized by Google

EXTASIS.

Quando meus olhos, solitario, prego
Na cruz dos templos, na extensão dos ceus,
Alma adormenta-me infantil socêgo ;
Eu penso em Deus !

Quando um sorriso de esperança cheio
Abre em meus labios, e me acalma a dor,
Feliz devéras na illusão me creio ;
Penso no amor !

Digitized by Google

Quando o que é bello, singular me encanta,
Sinto prazeres que jamais senti ;
Luz-me entre graças uma imagem sancta ;
Eu penso em ti !

Digitized by Google

MORBIDA.

Eu vejo-a sempre languida
De uns tempos para cá ;
Tornou-se inda mais timida
Mais, mais do que era já ;
Seu gesto melancholico
Tristeza aos outros dá.

Digitized by Google

As melindrosas palpebras
Fundas e roixas 'stão ;
Os olhos, que eram vívidos,
Pasmos, em quietação ;
Lhe pende a fronte — turbida
Grave maginação.

Magina. Pela cupola
Do ceu a vista vaga ;
Divisa as longas varzeas,
Que o sol de luz alaga ;
Espreita as flores roridas,
Que a brisa lambe e afaga.

Por toda a parte o tumulo
Lhe está dizendo : — « Vem !
Fio delgado e tenue
A vida te sustem ;
Germen roaz, mortifero
O seio teu contém. » —

E eu vou collar meu labio
Em seu labio febril,
Beijá-lo sem estrepito,
Qual par lindo, infantil,
Que toca as boccas humidas,
Em brinco pueril.

Digitized by Google

E eu vou sorver-lhe o halito,
Que sei que me envenena;
Que sei que a fina viscera,
Chagada, se gangrena;
Porém, — que importa? — eu amo-a;
Com ella soffro a pena.

Que tem que sejas morbida,
De triste morbidez?
Eu quero as tuas ancias,
A tua pallidez;
Eu quero teu martyrio,
A morte que prevês!

Digitized by Google

Digitized by Google

DELIRIO.

A noite se cerra ;
Mysterios encerra ;
A terra
Se cobre de horror :
A lua escurece ;
O mar se asperece ;
Recresce
No peito o pavor.

Digitized by Google

Nem lucida estrella,
Nem candida vela
Revela
Prazeres e paz :
A vaga arrebenta ;
A serra cinzenta
Presenta
Aspecto minaz.

Se assanha a borrasca !
Em rapida vasca,
Se lasca
O tronco do val :
A serpe sibila ;
Na base de argilla
Vacilla
O fraco mortal.

Sôbre a mortalha do mundo
Me deitei :
Dormi um somno profundo ;
Acordei !

Minh'alma se esvaecia :
E caí :
Tinha uma sêde que ardia,
Ai de mi' !

Digitized by Google

E ninguem me alevantava
Nem sequer !
Ninguem m'a sêde matava,
Ai, mulher !

É uma sêde que definha
A de amor :
E levantar que é que tinha,
Pobre flor ?

Um rosto sonhado havia ;
Não no vi :
Não, que não me apparecia ;
Ai de mi' !

Meu anginho, é já tempo de vires,
É já tempo d'o fogo sentires
Do peito meu !
Vês o ceu como está tão escuro ?
Para que tu viesses seguro,
Escureceu.

Digitized by Google

Rasgarás este veu de tristeza
Com teu seio de branca belleza
A palpitar,
Como o cysne que só preludia,
Do repuxo na clara bacia
A deslisar.

Ah não temas, não tremas de medo
Sob a arcada sem luz do arvoredo
Que me asylou !
Não anceies de angustia, não caias !
Se esmoreces ahi, se desmaias,
Perdido estou !

Porque paras assim ? porque hesitas ?
Porque longe de mim tu te agitas ?
Porque não vens ?
Quero já te cingir contra o peito :
Tenho prompto no chão este leito
Alvas cecens.

E a lua neste instante
Alvejou na escuridão,
Como lagryma brilhante
Sôbre o crêpe de um caixão :
E de seu veu lá distante
Rôtos pedaços já vão.

Digitized by Google

E meu anginho não vinha,
Se detinha
Sem fallar:
E a sêde de amor que eu tinha
Entretinha
A chorar.

Oh quanto, quanto esperei-o!
E não veiu
Me abraçar!
Talvez houvesse receio
De a seu seio
Me apertar.

Digitized by Google

A DADIVA.

O mar, que se equilibra entre os abysmos,
Como concha de anil,
Sedento de volupia, corre á praia,
Dá-lhe um beijo febril.

Á mangueira esgalhada, que verdeja
De uma aldeia no ermo,
Conta a avesinha, em tremulos gorgeios,
Seu padecer sem termo.

Digitized by Google

Ás invias mattas do sertão adusto
O tropeiro que passa,
Com toada amenissima, desperta,
Da noitinha á luz baça.

Sôbre o lyrio, que fresco desbrochára
No valle recendente,
Resvala da estrellinha da alvorada
Um sorriso innocente.

Ao cêrro, que no plaino se agiganta
Qual torva apparição,
Mysterios d'alem-mundo communica
Horrisono trovão.

Á lua, da Virgem compassivo rosto,
Cheio de claridade,
Que entre estrellas, anginhos transformados,
Espreita a humanidade;

O nauta, rumo incerto, o peito gêlo,
Saudade o pensamento,
Ungido pelo pranto envia um hymno,
Prêso ás azas do vento.

Digitized by Google

Tudo no mundo, em fraternal commércio,
Sanctifica seu fim:
É a lei de meu Deus; cumprida seja
Por todos e por mim.

Fronte abatida, descuidados gestos,
Melancholico olhar,
Negro vulto lá vae, passo tardio,
Comsigo a meditar.

É um poeta: parou: tresvariado
Roja o mundo a seus pés:
Oh falla-lhe por Deus, poeta, falla!
Oh dize-lhe quem es!

Dize que fio te suspende o estro
Entre a terra e os ceus;
Farta os anhelos d'esse mundo insano,
Que te enche de labeus,

E o poeta ergueu a fronte;
Olhou p'ra o mundo, — sorriu;
Tangeu prazeres na lyra,
Calou-se o mundo, e fugiu.

Digitized by Google

É assim : sempre um riso nos labios,
Muito embora na mente um volcão !
É assim : a alegria no rosto,
E no amago d'alma a afflicção !

Que se importa esse mundo protervo
Que o poeta descore de dor ?
Que se importa que afogue no peito
Os destroços sangrentos de amor ?

Que se importa que trémulo corra
A sentar-se na beira do mar ?
E nas vagas que rolam descubra
A imagem de um perfido amar ?

Que se importe que passe vigilias
A abraçar uma estátua sem côr ?
A reler umas phrases já mortas ?
A beijar sem perfume uma flor ?

Que se importa que penda-lhe o collo ?
Que seus olhos não vibrem mais luz ?
Que, alquebrado de dor e saudade,
Vá dormir ao sopé de uma cruz ?

Digitized by Google

. . . . . .

Deixa, irmão, minhas lagrymas ardentes
Levar-te ao seio as dores que me ralam ;
Deixa, deixa que eu verta em ais sentidos,
Angustias, que no 'spirito me calam.

Ais e prantos resumem o universo
Para o peito que bem os interpreta.
São a dadiva, amigo, que reparte
O pobre sonhador, pobre poeta.

Digitized by Google

Digitized by Google

CONFORTO.

Quem me enxugou as lagrymas, que ha pouco,
Sem gemido ou soluço, á flor dos olhos
Me borbulharam, enturvando a vista?
Quem a tristeza me baniu do peito,
Quem no peito afogou minhas saudades?

Digitized by Google

Voz de amigo não disse-me, em reserva,
Phrases de animação, phrases singelas,
Persuasivas, eloquentes, doces :
Tão longe ! minha mãe não consolou-me,
Nem me acalmaram paternaes discursos.

Que rapida mudança ! outro me sinto.
Assim no berço commodo o menino,
Que a chorar desatára, em despertando,
Entre oscillar macio e meigo arrollo,
Depressa se aquieta, e em breve ri-se.

Como anima o voltar de uma esperança !
Como é bello o passar do tedio ao jubilo,
Das ancias da agonia á branda calma !
Saborear o riso, após pezares,
Cobrar amor á vida, que doía !

Como as scenas do mundo então encantam !
A ellas nos tornaramos alheios,
Quasi que novas as achámos todas !
E como a natureza maravilha
N'um reflexo, n'um sópro, n'uma sombra !

E eu nunca blasphemei angustiado
Contra o Deus de meus paes, meu Deus querido :
Quanto mais soffro, tanto mais o creio !
De verdes annos aprendi a amá-lo,
A appellar para elle nos meus transes.

Digitized by Google

Sei, — quanto apraz sabê-lo! — que no homem
Plantára o germen de vital consôlo:
Quando menos se cuida, ei-lo que brota.
Dos seios d'alma o balsamo destilla,
Que a chaga velha arrasa e fecha e cura.

Dure o confôrto que me incita á vida:
Que esta hora de férvida alegria
Outra hora acompanhe, e outra... é muito!
De novo bemdirei as minhas maguas,
Como agora bemdigo os meus enlevos.

Digitized by Google

Digitized by Google

UM NOME.

O nome o mais engraçado
Tenho de ha muito gravado
No livro do coração ;
É nome muito expressivo,
É nome, que encerra altivo
Mysterioso condão.

Digitized by Google

Ouvio-o uma vez, amei-o !
E tal foi o meu enleio,
Que nunca mais o esqueci :
Em meus phantasticos sonhos,
Amenos, lindos, risonhos,
Transportado o repeti.

Se acaso sob os palmares,
Que assombram meus patrios lares,
A pobre lyra tangia,
Esse nome peregrino
Era a alma de meu hymno,
Era do hymno a magia.

Muitas vezes, distraído,
Arroubado, embevecido,
Pela ribeira do mar,
Escutei as doidas vagas,
Pelejando contra as fragas,
O nome balbuciar.

Muitas vezes, solitario,
Scismando no meu fadario,
Em noite calma e formosa,
Lá do bosque entre a ramagem
Soletrá-lo vinha a aragem
Na sua harpa harmoniosa.

Digitized by Google

Lá na quebrada do monte,
Ao pôr do sol no horizonte,
O nome o echo ensaiava ;
E sempre que o repetia,
Um turbilhão de poesia
Em meu estro se ateiava.

Esse nome ? não revelo ;
Foi juramento singelo,
O mais sagrado que dei ;
Se o disse á brisa, aos palmares,
Ao echo, ás vagas dos mares,
A ninguem mais não direi.

Para o futuro, vaidoso,
O nome mysterioso
Talvez possa declarar :
Donosa virgem galante
O meu talisman de amante
Saberá desencantar.

Digitized by Google

Digitized by Google

ENDECHA.

O berço jaz vasio,
Bem como concha aberta
Que encalha no parcel :
Agora o tresvario
Da mãe, que sempre alerta
Velou filho novel.

Digitized by Google

O berço não oscilla ;
Da mãe os roseos dedos
Não fazem-no oscillar :
Seu labio não destilla
Os faceis cantos ledos,
Que o infante sabe amar.

O berço é mundo estreito,
Mais bello que este mundo,
Sujeito a furacões ;
Alli macio leito,
Alli somno profundo,
Sorrisos e visões.

Alli casta innocencia,
O olhar limpo de prantos
Que espremem paixões más :
Alli grata indolencia,
Alli meigos quebrantos,
O jubilo da paz.

Crepusculo da vida,
Manancial de gôzo,
Oh tempo singular !
Infancia appetecida,
Quão doce é, descuidoso,
Teu termo não passar !

Digitized by Google

Na infancia se conhece
Quanto possue a terra
De mais encantador ;
Mas, logo que fenece,
Da vida trava a guerra,
Ao homem colhe a dor.

A lepida creança
Sumiu-se pranteada,
Do circulo dos seus,
Depois que alegre e mansa
Dispoz-se p'ra a jornada,
E disse o longo adeus.

Deixou seus brincos caros,
Suas galantarias,
E jogos infantis :
Debalde esforços raros !
Findaram-se-lhe os dias
De esplendido matiz.

Digitized by Google

Digitized by Google

O CANAL.

O canal é tranquillo e deserto ;
Do nordeste as rajadas pujantes
Não lhe tremem as aguas de anil :
Jaz de flocos de espuma coberto,
Como gottas de leite alvejantes,
Que transbordam de labio infantil.

Digitized by Google

A ardentia na onda desmaia,
Ao clarão de suave arraiada,
Attractivo, divino clarão :
Dorme a concha nos seios da praia,
Onde poisa a canoa, encalhada,
Té que chegue a propicia monção.

Do canal, alta a noite, o arruido,
Harmonia, que ameiga a bonança,
Reflectia no placido lar :
E em meu leito a dormir mal dormido,
Eu a ouvia a zumbir mansa e mansa,
A fazer-me no somno engolphar.

Eis que agora o contemplo, desperto,
O canal, que é sosinho, e scilente,
Pois calou a nocturna harmonia ;
De alvos tufos de espuma coberto,
Qual recamo de prata saliente
Sobre tela azulada e macia.

Dentro em pouco a donzella trigueira,
Educada em singelo preceito,
No canal refrescar-se virá :
Onda verde que sobe altaneira,
Corajosa e elegante co'o peito,
A nadar sem afan, rompérá.

Digitized by Google

Seios nus, e despidas espaldas,
Ao depois, as lustrosas madeixas
Lhe ha de o sol mais a brisa enxugar:
Á cabana, que assoma nas fraldas
Da montanha, entre innocuas endechas,
Ha de leda e faceira voltar.

Dentro em pouco ha de o barco garboso
N'agua clara co'os bordos mettidos,
Perpassando, sulcar o canal;
Ha de o vento que cae furioso
Em pegões, mais que muito temidos,
Revolvê-lo, qual mão infernal.

E o canal será todo mudado,
Como a fronte de um gesto ridente,
Que na scisma se enruga e contrae;
Não será mais deserto e calado;
Não terá esse encanto innocente,
Que ora assim me captiva e me attrae.

Digitized by Google

Digitized by Google

O DIA DOS FINADOS.

Tregua, tregua ás alegrias,
Que o mais lugubre dos dias
Vem, repleto de agonias,
Retalhar o coração:
Hoje um adeus ao folguedo!
Não riso, mas chôro azêdo,
Não canto ruidoso e ledo,
Mas crebra lamentação.

Digitized by Google

Vestindo traje funereo,
Grave o gesto, triste e serio,
Do pavido cemiterio
Vinga o fiel os umbraes :
Olhos fundos e vermelhos,
Adolescentes e velhos
Prosternam-se de joelhos
Perante as tumbas feraes.

Qual a data obliterada,
E a inscripção mutilada,
Sobre a pedra esbranquiçada,
Soletrando, lê, relê ;
E atravez do pensamento,
Rebentando o moimento,
Descarnado e macilento,
O morto vivo entrevê.

Qual alcançando o jazigo,
Que guarda as cinzas do amigo,
Balbuciára comsigo
Doloridas expressões ;
Desenha sua figura,
Recorda sua alma pura,
Sua constancia e ternura,
Todas as suas acções.

Digitized by Google

O soldado encanecido
Morde no labio um gemido,
E, quasi sem ser sentido,
Co'a multidão se embaralha:
Uma cova nada enfeita;
Chega a ella; em cima deita
Coroa de louros, feita
P'ra seu irmão de batalha.

Desventurada e mesquinha,
A mãe que, pobre, definha,
Como louca se encaminha
P'ra pequeno mausoleu;
Como perola dormente,
Ahi repoisa o innocente,
Que o ceu deu-lhe complacente,
E em breve tirou-lh'o o ceu.

P'ra o logar fatal se arrastra,
De lyrios a campa alastra;
De semprevivas ennastra
Uma capella, uma só;
De seus amores ao fructo
A pende como tributo,
Que ha de ficar incorrupto,
Salvo do tempo e do pó.

Flores sagradas ao morto,
Entre angustias e confôrto,
Bemdito, bemdito o horto
Em que as raizes cravaes !
Prantos do ceu gottejados,
Prantos na terra chorados,
Nos calices, bem lacrados,
Ás sepulturas levaes !

Como é cheio o cemiterio !
Parece nascente imperio,
Que na sombra e no mysterio,
Inopinado se ergueu ;
Imperio sem pompa ou gala,
Em que a dor só é quem falla,
Que a morte crua avassalla,
E cobre sombrio veu.

Como aromatica planta,
A que um raminho se arranca,
Liquor, que bem tarde estanca,
Da funda ferida escorre ;
A um pêso estranho sujeito,
Assim sangra-nos o peito,
Compridos tempos a eito,
Se alguem, que prezámos, morre.

Digitized by Google

Ai ! n'este dia enfadonho,
Bem como visões de um sonho,
Antolham-se-me, tristonho,
Amigos, que já não são,
E vultos, que vi sorrindo,
Com quem me abracei dormindo,
E pouco e pouco fugindo
Foram p'ra etherea mansão.

Fugiram ! mas pensativo
Eu sempre com elles vivo,
Vagando sem lenitivo,
Cantando um triste cantar.
A morte o corpo consome ;
Mas fica a sombra e o nome,
Fica a virtude e o renome,
E a saudade p'ra os chorar.

Co'os murmúrios que resoam,
Co'os lamentos que reboam,
E o cemiterio povoam,
Casarei tambem os meus ;
Tambem eu fugi ao mundo ;
Tambem vim meditabundo
Fitar o tum'lo profundo,
Consternado orar a Deus !

Digitized by Google

Digitized by Google

ALMA DOS PRADOS.

Sem a estrella matutina,
Purpurina,
Que illumina
Dos ceus a concava arcada,
Que fôra o romper do dia,
Tão cheio de poesia,
Que fôra a doce alvorada ?

Digitized by Google

Sem a cheirosa açucena,
Tão amena,
Tão serena,
Que traz o sol namorado,
Que fôra a lisa planicie,
De risonha superficie,
Que fôra o relvoso prado ?

Que fôra o tanque suave,
Onde a ave,
Leda ou grave,
Vem a plumagem molhar,
Sem essa perla oscillante,
Na veia da agua brilhante,
Sem o alvo nenuphar ?

Sem o buzio transparente,
Que luzente,
Rente, rente
Do mar — na areia se engasta ;
Que fôra a areia de neve,
Que a vaga frisa de leve ?
Que fôra a praia tão vasta ?

Digitized by Google

Que fôra esta terra,
Aonde se erra,
Por meio de flores,
De um gôzo a outro gôzo,
Sem teus resplendores,
Teus vívidos traços,
Teus limpidos passos,
Ó anjo formoso ?

O Deus que adorámos,
Que sempre invocámos,
Porque não nos falte
Co'a guarda feliz,
Um magico esmalte
A tudo ajunctára,
Por tudo espalhára
Celeste matiz.

Para nosso encanto
Elle poz-te aqui :
A teu olhar sancto
Tudo se sorri !

Para quanto é bello
Abre-se nossa alma :
É mister dizê-lo ?
Tens de bella a palma.

Digitized by Google

É por isso, — nota, —
Que es d'aqui a flor ;
É de ti que brota
Esse resplendor,
Que este sitio adorna
De gentil aspecto,
Que este sitio torna
N'um edén selecto.

Tu es a luz da familia,
Es a rosa meio-aberta,
Que no lar viceja e brilha ;
Es quem seu prazer desperta
Como irman e como filha.

De tua mãe no regaço
Es como a rôla no ninho,
Repoisando sem cansaço ;
Es como o verde raminho
D'arvore adulta no braço.

Tu fórmas com teu irmão
Uma harmonica unidade ;
Emprestas-lhe teu condão,
Dás-lhe tua ingenuidade,
E dás-lhe teu coração.

Digitized by Google

Tu es a vida dos prados,
Es a alma das brandas fontes ;
Vivem campos encantados,
Encantados vivem montes
De teus altos predicados.

Quando o dia se descora,
Perdida pelas campinas,
Recordas ficções de outrora,
Fascinantes, peregrinas...
Es Diana, a caçadora !

Em teu rosto o ceu se espelha.
São poucas virgens qual tu.
Em teu labio, que semelha
Uma flor de murungú,
A palavra é uma centelha.

O olhar de estrella,
Virgem ! conserva ;
Teus dons reserva
Como um peculio.
Prudente e bella
No mundo passa,
Bem como a garça
No mar ceruleo.

Digitized by Google

Ouve meu rôgo,
Todo candura:
Sê sempre pura
No lodaçal,
Como do fogo,
Que vibra ardente,
Limpo e luzente
Sae o metal.

Digitized by Google

A NOIVA.

Co'a veste custosa de esplendida tela,
Na fronte a grinalda de candida côr,
Pudica lá segue, lá vae a donzella
Lograr doce premio, celeste favor.

Em meio da turba vacilla modesta,
E a turba, curvada, deixou-a passar,
Qual garça elegante rompendo a floresta,
Qual cysne garboso boiando no mar.

Digitized by Google

A tez lhe esmaiára não sei que tormento,
Não sei que martyrio seu seio agitou :
Tal fica o regato, se o sôpro do vento
Na face azulada mais duro soprou.

Diante do Christo, na cruz pendurado,
Á mão de um mancebo se uniu sua mão,
Bem como se abraçam, n'um dia doirado,
No ceu duas nuvens, dois lyrios no chão.

Gelou-se-lhe a vida no sangue das veias :
Anima-te, ó virgem ! coragem, ó flor !
Porque é que resfrias, com tantas ideias,
Que são como lumes que abrazam de amor ?

Ouvi-lhe em su'alma seu puro pedido ;
Ouvi-lhe nos labios a sancta oração ;
Ouvi-lhe os accentos de um hymno sumido ;
Ouvi-lhe estas vozes de seu coração :

— « Instante solemne, resumes a vida :
Meu Deus, este instante do ceu bemdizei !
Que seja minh'alma por vós incendida !
Que eu cumpra os austeros dictames da lei ! »—

Digitized by Google

Chorava a donzella : seu pranto caía
No seio impolluto que dera-lhe a luz,
Qual gotta de orvalho, se o sol allumia,
Da rosa escorrendo, na relva transluz.

Ó virgem querida, teus prantos enxuga ;
Guarda esse thesoiro, formosa Rachel !
A lagryma a face desbota e enruga ;
Reserva-a das dores p'ra a hora cruel.

Não chores. Sorri-te p'ra o ceu que resoa
Co'um hymno de archanjos de vivo prazer.
Na terra, o noivado figura a coroa,
Que Deus destinára, do berço, á mulher.

E eu vi-a, entre as virgens, que scismam de amores,
Eu vi-a, mais bella, corando a sorrir.
Atiram sobre ella chuveiro de flores,
E lançam-lhe bençãos á sorte, ao porvir.

— « Adeus, ó meu berço, meus cantos de infancia,
Á tarde cantados na beira do mar !
Adeus, minhas flores de tanta fragrancia,
Adeus, molles noites de branco luar !

Digitized by Google

Adeus, ó meus sonhos, que a Virgem doirava!
Adeus, ó meu leito, que um Anjo guardou!
Adeus, estrellinha, que a aurora acordava!
Adeus, calma vida, que a esp'rança alentou! » —

Taes fallas suaves dizia-as a medo,
Nem sei se as ouviram n'aquelle folgar;
Dizia-as, bem como se diz um segredo,
Queixumes sinceros, protestos de amar.

Digitized by Google

SE EU AGORA MORRER.

Á MINHA MÃE.

Se eu agora morrer, em teu regaço,
Como o arbusto entre flores, cairei:
E co'a luz de teus olhos, n'um abraço,
Ás espheras do ceu risonho irei.

Irei bem como a ave da tormenta,
Que, descantando, o furacão varreu:
Es o sol que minh'alma inda aviventa;
Ah se podesses ser meu sol no ceu!

Digitized by Google

Tu es o anjo que embalou-me o berço,
E que beijou-me os labios infantis;
Es a branca visão com quem converso,
Ao clarão das lembranças pueris.

A esperança me inspira fervor sancto,
E diz: — Vêde o futuro; não chorae! —
Mas de pressa se apaga o doce encanto;
E a esperança chymerica se esvae.

Que fuja co'os assomos da ventura,
Co'os reflexos longinquos de aurea luz.
Minha glória ha de ser, na sepultura,
Os prantos que me deres juncto á cruz.

Minha glória ha de ser meu nome obscuro,
Por meu pae repetido em seu scismar;
E o gemer da saudade, — que é seguro
Indicio de quem sente, e sabe amar.

Minha glória ha de ser a minha ilha,
Sombria como em triste viuvez;
Tuas bençãos á fronte que não brilha,
E as nenias do amoroso camponez.

Digitized by Google

É a gloria que quero, e em que confio,
É o meu talisman encantador :
Tudo o mais... phrenesi de um desvario,
Cem escarneos, primeiro que um louvor !

A minh'alma revê-se no passado,
Como o cysne nas aguas do parcel ;
Ahi chammeja sempre um sol doirado,
E abrem flores que destillam mel.

Ahi resoam echos de almo hymno,
Que me fallam de perto ao coração ;
É o cantico debil do menino,
É da creança angelica oração.

É um suspiro trépido, queixoso,
Que o peito exhala sem saber porque ;
É a voz de quem arde por um gôzo,
De quem anhela, de quem sonha e crê.

E tanto que hei sonhado ! Delirando,
Tenho sorrido ás illusões de amor.
E minha primavera vae passando
Sem um raio de luz, sem uma flor !

Digitized by Google

Minha mãe, não me negues na partida
Um beijo de pureza e candidez!
Conchega-me a teu seio enternecida,
Beija-me a fronte a derradeira vez.

É funda a minha dor: o mundo vário
Não a pode sondar, nem entender...
Cobre-me bem, ó anjo, co'o sudario
As feridas do peito, se eu morrer!

Digitized by Google

A CONFISSÃO.

Bem sei quem meu peito fere.
Deixa que me considere
Um só momento feliz.
Ai ! de amor uma ferida
Vale um futuro, uma vida,
Gozos celestes prediz.

Digitized by Google

Escuta. Em longo caminho
Quem vae á toa, sosinho,
Sem uma sombra, vae mal:
É preciso ao firmamento
Astro de oiro; ao pensamento
Do poeta um ideal.

O meu ideal, achei-o!
Deixa, não tenhas receio
Quem elle seja de ouvir;
É um segredo, que guardo,
Um talisman, que resguardo,
É todo o meu possuir.

O meu ideal, commigo
Trago-o sempre, como abrigo
Contra sôltos vendavaes:
Em minhas scismas parece,
Que o ideal por si cresce
Em formosura, e no mais.

Espera. Deixa que o pinte:
É da pureza o requinte,
Vou dizer tudo o que é:
Vejo-o agora tanto, tanto,
Qual te vejo, — mas que encanto! —
Não posso pintá-lo, á fé.

Digitized by Google

Não posso. Deixa que eu leve
A teu lado esta hora breve
Como um sonho que entretem :
Uma hora de ventura
Dura mais, muito mais dura
Na mente, do que annos cem.

Tendencia forçosa e maga !
Para a praia corre a vaga,
A aguia corre p'ra o sol ;
O homem para a verdade,
O povo p'ra a liberdade,
O nauta para o pharol.

Eu, bem como um forasteiro
Em meio de um nevoeiro
Que nada pode aclarar,
Eu corro, co'esta alma escrava,
Para o luzir de uma lava,
Para o iman de um olhar.

A dor falla pelo pranto ;
O prazer por doce canto ;
A fé por grave oração ;
Por bocca de anjo a eloquencia ;
Pelo sorriso a innocencia ;
Pelo olhar o coração.

Digitized by Google

Deixa que te olhe de face !
Não receies que eu embace
O brilho do teu pudor :
Deixa ver-te bem de perto :
Os olhos são livro aberto
De muito preço e valor.

Deixa que, n'este retiro,
Traduza-te n'um suspiro
Ideas celestiaes,
Emquanto atraz de chymeras
Vão como famintas feras,
Lá fóra, gritando os mais.

Deixa que eu diga que vivo,
Muito embora pensativo,
Muito embora a padecer :
Deixa, — tu es meu delirio !
Deixa, — tu es meu martyrio !
Deixa, — eu te adoro, mulher !

Digitized by Google

A ORAÇÃO.

Os thesoiros do mundo são escassos,
As riquezas que ostenta são mesquinhas:
Um sôpro dá em terra co'os colossos
Que a vanglória cimenta em largos annos:
Viva centelha que carrega o vento
Consome tectos de alta cumiada,
Estala o marmor de paredes grossas,
Desce ás entranhas de alicerces fundos,

Digitized by Google

E arrasa os edificios magestosos,
Como foice afiada que os cortasse,
Rente, bem rente das macissas bases.
Facil desandam da fortuna as rodas:
As rumas de oiro que o opulento ajuncta,
Que o avaro adora e que o mendigo inveja,
Subito caem, se a desgraça as toca,
Como fofos montões de fina areia.
O ceu, somente o ceu resguarda os cofres
Dos bens incorruptiveis, duradoiros.

Argilla impura, que solapam vicios,
E tem por apanagio invariavel
O doer de cem chagas, cada hora,
E logo o murchecer, — meu Deus, o homem
Será merecedor dos teus favores?
Digno será dos cabedaes celestes?

Tu bem o sondas o immenso abysmo,
Cavado na su'alma desde o berço,
Que nunca enchem multiplos, diversos,
Os frios gozos que offerece a vida.
Assim dos mares a voragem negra,
Hiante, em remoinhos que não param,
Uns após outros vagalhões devora,
Bem como por mil boccas, e é vasia!
Senhor! só nos saciam teus presentes:
Tu não os negas; de que modo havê-los?

Digitized by Google

Quão suave é pensá-lo! A alma contricta,
Espanejando o pó que a enxovalhára
Em seu atravessar por entre o mundo,
— Perfume singular, luz invisivel, —
Como que desapega-se do corpo,
E clara e pura p'ra o infinito pende.
Das paixões o rescaldo o pranto esfria;
Pranto mais doce que o qué orvalha as flores,
Que o leito lastram de uma virgem morta.
Então a scisma se tornou mais funda;
Começa na tristeza, acaba em extase!
Face á face com Deus julga-se o crente;
Ousa fitá-lo trémulo; abre os labios,
Balbuciando pede, e alcança tudo!

A oração, eis a chave dos thesoiros
Que Deus prodigalisa com seus servos.
Peregrina do ceu timida e casta,
Mensageira fiel de nossas dores,
Ella sobe a seu throno radioso
Nossos anhelos férvidos e santos;
Bem como aguia, que do filho trava,
Arranca ao ether, e co'o sol se cose.

Tudo tem o seu berço, e sua origem:
A planta brota de escondido germen;
Da onda crespa, que sacode o vento,
Gorgulha a espuma em prateados flocos;

Digitized by Google

Cilios em braza, pentaneja o lampo,
E o trovão sólta o verbo das tormentas!
Segreda a inspiração o canto altisono;
Nasce da lyra as harmonias ternas;
Da fé dos crentes a oração deriva.

Pode o vassallo, que seu rei detesta,
Em face d'elle hypocrita mentindo,
Mover-lhe o peito com lisonjas baixas,
Graças solicitar-lhe, e ser servido.
Mas quem ousa mentir perante o Eterno?
Crede, como a judia que, de enferma,
Toca anciosa a tunica do Christo;
Crede, como as creanças innocentes,
Como quem ama e confiado espera;
Depois orae, e vós sereis bem ricos!

Todos tem o seu horto de agonias.
Orae na solidão e no silencio:
Maldictos echos não virão ruidosos
Aos murmurios da oração junctar-se,
Quebrar-lhe o encanto, corromper-lhe a essencia.
Ella é arpejo que embriaga os anjos
Átravez de seus coros sempiternos.
Orae co'a aurora, que o universo alegra,
Quando as imagens de enredados sonhos
Na mente se esvaecem: peregrinos,
Ao repoisardes das diurnas lidas,

Digitized by Google

Ao pé do crucifixo orae seguros.
A primeira e a ultima palavra
Seja sempre p'ra Deus, em cada dia!

Quem nunca entrou o portico do templo,
Que mãos devotas com afan ergueram,
E livelados o pequeno e o grande,
Orando viu, sem se tomar de assombro?
Que scena aquella em que os fieis figuram!
Cirios ardentes o altar estrellam;
Festões de rosas candidas guarnecem
As delicadas filagranas de oiro;
Nuvens de incenso o ambiente pejam;
Da lampada o clarão se esbate a custo
No letreiro da lapide funerea;
Successor do Levita e sua imagem,
O presbytero, grave, lê o verbo
Que contém o Evangelho; o orgão sancto
Reboa nas abobadas saudoso,
Como outrora o psalterio, e a mente embala.
Alli a fé sublima-se pujante;
A alma esforça, e a esperança aviva.

Vós, que endeusaes a fabulosos mythos,
Ou que votaes-vos a grosseiros idolos,
Os corações gelados sempre tendes!
Na vossa crença louca sois alheios
Da oração aos transportes maviosos;

Digitized by Google

E envenenando a generosa ideia,
Se pedis por acaso, é só por crimes.

A natureza por ventura falla
Ao creador em canticos amenos,
E lhe dirige indefinidas súpplicas.
Quantas vezes tambem ella se enlucta,
E entristece no meio de concertos,
Que parecem formados de gemidos,
Arrancados das intimas entranhas!

Bemdito seja o Christo, que ensinou-nos
A conversar co'o ceu, de cá da terra!
Que n'este mar que em tumulos fenece
A oração nos deu por certa bussola!
Nós que somos, senão seus devedores?
Senão mendigos de seus dons supremos?
Feliz aquelle que a gozá-los chega!
Feliz quem ora, que será ouvido!

Digitized by Google

GONZAGA.

AO ILLM.º SENHOR

DR. JOSÉ SOARES DE AZEVEDO.

FRACA HOMENAGEM

A SEUS TALENTOS.

I

Repetidas vertigens me perturbam;
Estranha embriaguez minh'alma agita:
Minha razão, que entibiaram dores
Renascentes, vorazes, se desperta;
Nos fogos do delirio se mergulha;
Começa de exaltar-se, ardente brilha,
Arrebatando-me a horizontes vagos,

Digitized by Google

Por onde voa, irrequieta e sôlta.
Mudança assustadora em mim presinto
Qual solettra o piloto a tempestade
Na nuvemzinha pardacenta e feia,
Que presaga ondulou, rompeu-se logo.
A loucura, a loucura, a nevoa espessa
Que o espirito empana, eu sei me aguarda
Dentro em pouco talvez !

Sôe meu canto !
Vem, ó lyra de amor : quero convulso
Tremer-te as cordas, desde ha muito froixas ;
Ouvir-te as derradeiras consonancias,
Como os suspiros de querido seio,
No duro instante de um partir p'ra longe.

Se amei-te, lyra, em socegadas éras,
Quando de amor cantava afortunado,
Nos verdes prainos da opulenta Minas,
Mais te amo, entregue do destêrro ás ancias,
O facho da razão prompto a apagar-se.
Aqui, sob este clima que incendeia,
Em face d'esta gente que me evita,
Ou me dardeja breve olhar de escarneo,
Quando eu apenas compaixão mereço,
Bem como todos que innocentes soffrem ;
Aqui, de labeu vil enxovalhado,
Co'o ferrete de reu, negro e abjecto,

Digitized by Google

Estampado na frente ; aqui, sosinho,
Sem amigos, sem patria, sem prazeres,
Aqui, ó minha lyra, tens-me sido
Socia consoladora e piedosa !
Annos e annos contemplei-te muda,
No braço de marfim emmurchecidas
As capellas de flores campesinas,
Que *ella* outrora apanhou, por enfeitar-te.
Mas desfaze-te agora em harmonias !
Vem, minha lyra, troarás saudosa
N'esta pousada lugubre e soturna,
Que a lua bella, arredondada, encara,
A luz vertendo, pudibunda e casta.

A lua ! a lua ! o astro do poeta ;
De quantos amam deleitoso facho ;
A lua ! a lua ! que endeosa as scismas
Em que se embala o pensamento triste,
Como na treva o pyrilampo incerto ;
Que o ermo alaga de clarões sympathicos ;
Que ao mar sofreia as violentas iras,
De alto o fitando, namorada e linda ;
Que os cemiterios sem pavor visita,
E dos sepulchros pelas fendas coa,
E afaga o corpo que a mortalha envolve :
A lua ! a lua ! como agrada áquelle,
Que de vista perdêra o tecto amigo,
Onde nasceu e doudejou, cercado
Dos desvelos e mimos da familia !

Digitized by Google

Ella é, na ausencia, terna mensageira,
A quem nossas saudades confiamos,
Porque longe as segrede em cada raio.

A ella o canto do infeliz poeta,
Que desfallece na africana plaga,
Ergue-se, voa, sobe. Oh! é um canto,
Que não se escuta indifferente e frio,
Pois fere o ouvido e vae sem custo ao peito:
É um canto plangente e lastimoso,
Como o d'essa ave dos sertões agrestes,
Que, olhos cosidos no attractivo astro,
Á meia-noite, solitaria arpeja,
Entre os cannaviaes, rente da terra,
Que ourichuva, balsamica neblina,
Roça co'as fimbrias do alvacento manto.
É um hymno prophetico e presago,
Que reçuma do martyr a agonia,
As lagrymas do homem perseguido
Por sacrosancta causa, e o desconsôlo
Do amante mallogrado.

II

Liberdade!
Contempla em mim, que consternado gemo,
Uma das tuas victimas sem conto:
Sou criminoso, porque ousei amar-te,
Porque não soube recusar-te o culto!

Digitized by Google

Estes prantos os sorvo, gole a gole,
Como favos de mel purificado:
Esta angústia, que rala-me, este vacuo
No coração, que mal gozou; tristezas,
Saudades, afflicções, tedios de exilio,
Rugas da fronte, lividez das faces,
— Antes obra da dor, do que da edade, —
Tudo abençoo, tudo a ti o devo;
Por ti perdi-me; só por ti eu soffro.

. . . . . .

Como! ver minha terra escravisada,
A sangrar sob o latego ferino
De aventureiros, canibaes senhores,
E não alçar-me, por vingar-lhe os brios,
E não clamar, por extinguir-lhe as penas?!
— Sim, alcei-me, e clamei. E que me importa
Que sôbre mim imprecações chamasse,
Como o alto coqueiro attrae o raio,
Se eu cumpria uma acção e justa e sancta,
Perante Deus, o povo, a humanidade?

Que me respondam: de que val a terra,
A quem tu faltas co'os vitaes influxos,
Augusta liberdade? O povo é grande,
Só quando pode levantar o collo
Ante outros povos, soberano, altivo;
E caminha na senda que a lei traça,
A lei justa, a lei san, a que elle approva,

Digitized by Google

Poderoso, a seu chefe obedecendo
Sem má vontade, e sopeada raiva.
O povo só é grande, quando é livre!
Eu quiz livrar meu povo. Inda era cedo.
Sou criminoso, liberdade, ó anjo,
Porque não soube recusar-te o culto!

Inda bem, inda bem, os meus verdugos
Benevolos que foram, indulgentes
Para co'o reu do irremissivel crime!
Podiam ter-me arremessado imbelle
Sôbre os degraus do torvo cadafalso,
— Torpe altar da justiça, em que se offertam,
Em desaggravo seu, mil hecatombes; —
E entre o pasmo do vulgo e as ironias,
Á morte expor-me e maldição eterna.
Tal foi o teu destino deploravel,
Meu pranteado irmão!... Tal o meu fôra!
Não tivera a luctar arca por arca
Co'a negra sorte que me apouca os dias:
Não tivera a chorá-la, a desditosa,
Que deu-me o coração, do meu em troca.

Eu te praguejo, liberdade estulta!
Por 'môr de ti definho-me, arredado
D'aquella, em cujo seio desejára
Viver, sonhar, scismar, morrer ao cabo!
Infame prostituta, me embaiste;

Digitized by Google

Infundiste-me n'alma a piedade
Para co'a gente ingrata, que não soube
Erguer-se fera contra as feras hydras;
E decidida, impetuosa e válida,
— Bem como a pororoca que se empóla,
Arrancar-lhes ás garras afiadas
As prêas, que fizeram deshumanas.
Gente captiva, não pensasse eu nunca
Em vos romper os oppressores ferros!
Eu era tão feliz ao lado d'*ella*,
Para *ella* e por *ella* só cantando!
Que me importava a mim que vós gemesseis?

Onda de insania lhe afogava a mente:
Blasphemava e rugia. Era um delirio.

III

Idolo meu, que fazes a esta hora?
Sorris vaidosa, leviana attendes
Aos votos de outrem, que adorar-te jura?
Meu nome e gesto se esvaiu-te n'alma,
Qual terno mote sôbre a areia impresso,
Que raspa tonta e descuidosa a vaga?
A voz do coração me diz que nunca,
E a voz do coração falla a verdade.

Como a estrella cadente, que se atufa

Digitized by Google

No puro seio de uma noite estiva,
Clarão derrama, que se extingue logo,
Medra e viceja esse mundano affecto,
Que os sentidos fagueiro apenas toca,
Sem prender o espirito. Quão outro
D'esse affecto é o nosso! Immaculado,
Espontaneo nasceu e enraizou-se,
Co'a nossa vida se casou tão íntimo,
Que arrosta o espaço, o tempo, a guerra, a morte.
Não, não tens-me esquecido nm só momento,
Nem eu tambem a ti, banido e triste.
Como o nacar a perola resguarda,
Eu trago o meu amor dentro do peito.

Meu amor divulguei-o, em minha lyra,
Do meu Brazil nas pittorescas varzeas,
Pelas clareiras das florestas virgens,
Sôbre o viso do oiteiro sorridente,
Ao pé da tosca e timida fontinha:
Era então meu cantar como o da rôla,
Tranquilla á sombra de cheiroso arbusto,
Pejando os ares dos mais ternos echos.

O lavrador, que o tujupar abriga
Dos sóes ardentes, das geadas frias,
Nas breves treguas do lavor penoso,
Corria a ouvir-me, e de me ouvir folgava.
A matuta innocente me queria,

Digitized by Google

Como o modelo de um fiel amante.
Beijar eu vi-a, muita vez, piedosa,
A dura face da pedreira lisa,
A aspera casca do possante tronco,
Em que eu lavrára de Marilia o nome.
Ella invejava de Marilia a sorte;
E ao ceu pedia que se um dia amasse,
Um amante lhe desse, qual eu era.

Quando veiu a traição turbar-me a vida,
Como a quedo crystal pegão de vento,
E entre os ferreos varões de escuro carcer
Da filha de minh'alma eu vi-me longe,
Á similhança do divino Tasso,
Co'a lagryma primeira que esguichou-me
Dos fundos olhos, eu cantei-a ainda;
Saudade o canto, a lagryma saudade!
Poeta pelo amor sanctificado,
Da dor nos travos inspirei-me á farta,
Bem como outrora do prazer nos philtros.

A deshoras, emquanto os meus algozes
Se espriguiçavam no frouxel do leito,
Acalentados por gostoso somno,
Eu na masmorra velador scismava;
E á claridade de luzinha morta,
Co'o fumo d'esta e com informe penna,
Insculpia meus cantos lagrymosos.

Digitized by Google

Quantas vezes parei, interrompido
Pelo susurro de um gemido cavo,
Que de perto rompia de algum peito,
Como o meu innocente e oppresso; quantas
Pelo alarido de blasphemas pragas,
Que transpiravam dos viçosos labios
Do criminoso, que a dormir sentia
Ferir-lhe o espinho do remorso; quantas
Pelo atroar do prolongado grito
Do sentinella, na guarita esperto!

A custo de evocar do pensamento
A imagem d'*ella*, na forçada ausencia,
Afinal pareceu-me que ella estava
Sempre a meu lado, por ouvir-me o canto,
E consolar-me das cruentas magoas.
Co'esta doce illusão era-me o carcer
Menos ingrato. Possuido d'ella,
Deixei da patria as arqueadas praias,
Mais patiente, e confortado acaso.
Annos e annos, que contado tenho
Por suspiros e ais, scismas e prantos,
Não me acabaram co'o encanto ainda.
O vulto d'ella me vigia sempre,
Invisivel p'ra os mais, por mim bem visto.
Sinto deleite em me rever na sombra,
Já que não posso me abraçar co'o corpo.

Digitized by Google

IV

Deve o homem, qu'o mundo engeita, esquece,
Porque a fortuna o repelliu dos braços,
Depois de havê-lo de osculos coberto,
E da grandeza aos galarins subido ;
Depois de havê-lo apresentado ás turbas
Rico de fama, poderio e glórias,
Em seu abatimento maldizer-se ?
E a si mesmo ferir-se, em desespêro,
Bem como o escorpião ; e morrer impio,
Renegado de Deus e dos Archanjos ?

Ai ! porque de Cain o desatino,
Philosopho e christão, Claudio, imitaste ?
Cegou-te o desespêro ; e antes quizeste
Ouvir o estoico, que os christãos dictames !

É phantasma infernal o suicidio,
Que surge ao desgraçado nos revezes,
E que o imbue com mascara vistosa,
Como a perdida ao lubrico mancebo.
Elle lhe exclama : — « Voarás commigo
Ao alcacer dos hymnos sempiternos !
No festim dos viventes mal acceito,
Não te demores, hospede importuuo.
A morte é certa, eu te adianto a morte :
Se ella é um mal, não deves retardá-lo ;

Digitized by Google

Se ella é um bem, urge gozá-lo cedo.
Não imprimas mais tempo tuas pégadas,
Peregrino infeliz, n'esta vereda...
Na aguda ponta do buído ferro
A f'licidade voluptuosa dorme;
E quando o ferro vibra nas entranhas,
E quando o doira o sangue das arterias,
O moribundo nos trementes labios
Presente o saibo dos celestes gozos.
Ouve, que não te illudo, meu reclamo!
Minha promessa cumprirei zeloso! » —

Promessa mentirosa! O suicida
Allucinado desafia a morte,
E mal a encara, se arrepende e treme!
Compaixão, compaixão p'ra o que descerra
Co'as mãos crispadas o mesquinho tumulo,
E se nodôa com seu proprio sangue!

Sancta resignação, sócia serena
Do orphão, a quem falta o amor paterno,
Do mendigo, a quem falta o amor dos homens,
De todo aquelle, cuja sina move
Lástima e pena! Seraphim celeste,
No cadafalso o justiçado alentas;
Ao pé da pyra os martyres esforças;
Visinho á morte o moribundo animas;
E aqui, no solo em que se gera o tigre.

Digitized by Google

Estremeces no peito do poeta,
Bem como a noiva no macio thalamo;
E aos feitiços do astro predilecto,
Lhe murmuras, co'a voz magica e firme:
— O soffrimento é o crysol do espirito;
Bem como um semideus, sê forte e soffre! —

V

Como o roceiro, que a fogueira accende,
Perto do inverno, por tornar o solo
Mais favoravel á futura messe;
Deita-lhe em cima os reseccados ramos,
Em espessas camadas, e as cumula
Tanto, que a chamma não borbulha fóra,
Senão a espaços, e retrae-se logo;
Mas vem o pé de vento, e a chamma péga
Nos combustiveis; e a fogueira estrala,
Em farpadas, immensas labaredas;
Assim a liberdade se revela:
A principio reflexo desmaiado,
Ligeiro alvor em baços horizontes,
Depois incéndio. Eu tenho fé, eu tenho,
Que a idea sancta, que busquei na terra
Plantar da Santa-Cruz, breve risonha
Dará seus fructos, em que pêze aos regulos.
Tres sec'los de gravâme e captiveiro
Devem ter saciado dos senhores
As largas ambições. Vislumbro o dia,
Em que os escravos dos senhores mofem

E os façam morder o chão brazileo,
Que elles hão profanado.

Oh Deus, se acaso
Me espera a sorte de acabar no exilio,
Antes que seja meu Brazil vingado,
Dae, ao menos, que aquella, a quem consagro
Amor tão puro, como outrora os anjos
Ás primeiras mulheres, viver possa,
Até que em minha patria se complete
O triumpho gentil da liberdade.
Que ella o veja e applauda! Que contemple
Fugir p'ra longe debellado o estranho;
E afinal generosa lhe perdoe
O ter do nosso amor partido a teia!

VI

Que doces raios o luar em pino
Projecta em torno a mim! Alli se espelha,
Bem como uma visão de vestes brancas
Vaga, indecisa, e que deslumbra os olhos.
Visão? será visão? Eu corro a ella.
Talvez, agora a que afagado tenho
Illusão seductora se esvaeça,
E eu dê de face co'a real imagem.
Talvez. Eu vou, eu vou... pode ser *ella!*
Vou matar em seu seio esta saudade,
Que me desvaira, que me rompe as fibras;

Digitized by Google

De minhas penas vou narrar-lhe a historia,
E pedir-lhe que as sane co'um sorriso.
E ella ha de humedecer-me a fronte, ardente
Do imaginar laborioso e longo,
Com lagrymas de amor, porque a loucura
Não se aposse de mim... mas ai! é tarde!
Sinto n'alma cair-me um veu espesso;
Chega a vertigem que a razão transtorna!

FIM.

Digitized by Google

Digitized by Google

NOTAS.

Digitized by Google

Digitized by Google

NOTAS.

LIVRO I.

A ILHA.

Pag. 3.

É a ilha dos Frades, á qual alludi no prologo, e em outros logares. Fica a N. da ilha de Itaparica, na distancia de uma legua, talvez. Ferdinand Denis, na sua mui conhecida obra, *Brésil*, a menciona de modo, que me dispensa de mais noticias. Verto, portanto, as suas palavras :

« A ilha de Itaparica fórma as suas duas entradas (da « Bahia), e se desenvolve á vista sob o aspecto o mais pittores- « co. A dos Frades, elevando suas risonhas collinas a algu- « ma distancia, deixa entrever as montanhas já longinquas da « Cachoeira ; e são, sobretudo, estas duas terras de aspecto « differente, mas paramentadas de vegetação abundante, que « dão á bahia esse caracter de grandeza placida, essa mages- « tade infinita, que exclue quasi a variedade na paisagem, mas « que inspira ideas de abundancia e repouso. »

PEDRO I.

Pag. 13.

Quer por heroico alvitre, quer arrastado pela torrente dos acontecimentos, certo é, que fôra Pedro I o nosso Libertador, o que firmou a nossa independencia. Alheio ás mesquinhas prevenções de partido, eu considero o illustre Filho de D. João VI em toda a magnitude do seu caracter, e, por isso, o confesso digno do eterno reconhecimento do povo, a quem restituiu a suspirada liberdade.

Digitized by Google

Lingua de fogo, que voraz se ateia, etc.

Pag. 40.

Refiro-me aos esforços que, primeiro, se fizeram em Minas, em favor da nossa emancipação politica, e que foram tão mal entendidos então, e tão duramente castigados !

—

Sobre a pedra, em que assomára
A imagem milagrosa.

Pag. 56.

Não sei se é tambem das outras provincias, como o é da Bahia, a pia crença popular de apparecimentos de sanctas imagens em certos sitios, onde, em veneração a ellas, levantam-se egrejas, recolhidas ás quaes, são invocadas e procuradas como realisadoras dos mais variados milagres.

A imagem da padroeira da capella em ruinas, a que respeitam os dois versos ácima, e que é a da Virgem do Loreto, contam edosos e circumspectos pescadores, instruidos por seus antepassados, deparou-se uma vez na costa da ilha dos Frades, reclinada sôbre uma pedreira, que era inundada pela maré, na preamar. Ahi se lançaram os alicerces da capella, a que se poz remate, em um abrir e fechar de olhos.

—

LABATUT.

Pag. 65.

Para clara intelligencia do historico d'este canto, leia-se, no *Paiz* (jornal publicado na Bahia), ns. 45—7, serie 2.ª, a bella e tocante Oração funebre do General Pedro Labatut, recitada pelo Sr. Conego Fonseca Lima, na trasladação dos ossos do guerreiro, da egreja dos Religiosos Capuchinhos para a matriz de Pirajá, a 4 de setembro de 1853.

Digitized by Google

Aqui observarei apenas, em proveito dos que o ignoram, que fôra Labatut commandante em chefe do *exército pacificador*, da Bahia, pelos tempos da independencia. Credor da alta confiança de Pedro I, que o investiu de tão difficil, quão relevante cargo, e tendo se esforçado com afan e dedicação por quebrar-nos o jugo colonial, cabem-lhe exactamente aquelles versos de Béranger a Lafayette:

« Ce vieil ami, qui tant d'ivresse acceuille,
« Ce heros, par un heros adopté,
« Bénit jadis, à sa prémière feuille,
« L'arbre naissant de nôtre liberté. »

—

A ILHA MYSTERIOSA.

Pag. 77.

Não é um mero parto de phantasia a *Ilha mysteriosa*. Existe. É uma ilhota areienta e insignificante do grupo das ilhas da Bahia. A abusão dos pescadores da sua visinhança fá-la propriedade do espirito do mal. Bem póde ser; já que, pelas suas acanhadissimas dimensões e esterilidade, não ha ente humano, que se tenha lembrado até hoje de chamar-se á posse d'ella.

—

A HEROINA.

Pag. 81.

A heroina da presente canção é Maria Quiteria de Jesus.

Nos tempos que a Bahia pugnava pela independencia, excitado por admiravel patriotismo, deixára o nosso feminino guerreiro a rudeza e a obscuridade de sua vida, deleixadamente vivída pelas varzeas do sertão; e, com a espingarda ao hombro, com a farda conchegada aos seios, com o fogo do enthusiasmo no coração, lá se fôra alistar nas fileiras da *brigada da direita*.

Seria a Clorinda, do Tasso, aquella Clorinda, de cabellos de oiro desenovellados ao vento; que campeiava na estacada, com-

Digitized by Google

batendo frente á frente com o piedoso Tancredo, que por ella bebia os ares, — mais animosa, mais valente, que Maria Quiteria, em face dos expertos soldados do General Madeira? Augustina, a gentil hespanhola, a quem o Byron teve a dita de conhecer, e que, ao depois, cantou com tanto estro, no immortal *Childe Harold*, obraria, nos dois sitios de Saragossa, mais estupendas proezas, que a brazileira amazona, no pequeno campo de Pirajá? O que sei é, que os seus feitos de armas, durante aquella epoca de porfiadas luctas por nossa libertação, deslumbraram as vistas imperiaes a ponto, que grangeiaram-lhe, além da insignia dos cavalheiros da imperial ordem do Cruzeiro, a patente e o respectivo sôldo de alferes de linha.

O decreto, pelo qual fôra deferido o subsidio, passo a transcrevê-lo textualmente; já como um documento, que gloriosamente delata a munificencia do nosso Libertador; já como authentica prova, assim da veracidade, como da importancia do facto, celebrado nos versos.

« Fazendo constar na minha imperial presença o commandante em chefe do exército pacificador, o decidido valor, denodo e intrepidez, com que Maria Quiteria de Jesus, natural « d'aquella provincia, se alistára nas fileiras do exército, para « debellar os inimigos da patria, e se distinguíra em occasiões « as mais arriscadas de combate, em que sempre se portára « heroicamente; e porquanto feitos taes mereceram um logar « distincto na minha imperial consideração; hei por bem de « conceder á referida Maria Quiteria de Jesus o sôldo de alferes « de linha, pago na sua respectiva provincia. Manoel Jacintho Nogueira da Gama, do meu conselho de estado, ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, e presidente do thesoiro publico, o tenha assim entendido, e faça « executar com os despachos necessarios. Paço em 20 de agosto de 1823, 2.º da independencia e do imperio. Com a rubrica de S. M. I. — João Vieira de Carvalho. » (Vid. as *Memorias Historicas e Politicas da provincia da Bahia*, por Accioli.)

—

JORGE D'ALBUQUERQUE.

Pag. 89.

A fonte onde bebi o argumento d'esta composição, é uma biographia de Jorge d'Albuquerque, que faz parte do *Plutar-*

Digitized by Google

cho Brazileiro ; livro, cujo titulo foi substituido modernamente pelo — *Os Varões illustres do Brazil*,— depois da ultima de mão que lhe deu o seu distincto autor.

A nau, que o leva orgulhosa,
Dá nos baixos de Cascaes.

Pag. 94.

Almeida Garrett, em um dos preciosos commentarios que enriquecem o seu gracioso e popularissimo *Romanceiro*, faz menção de uma narrativa em prosa, que conhece, tendente ao naufragio de Jorge d'Albuquerque. A viva parecença que se revela entre os episodios d'esse accidente e os do romance, *A nau Cathrineta*, leva o sabio poeta a conjecturar, que talvez fôra a narrativa, d'onde brotára o assumpto do bonito romance. Se de feito assim é, nos devemos lisongear de andar um dos lances mais patheticos da vida do heroe cantado e vulgarisado na mãe-patria, a quem tantos serviços prestára.

—

AO BRIGADEIRO J. LEITE PACHECO.

Pag. 103.

O Brigadeiro José Leite Pacheco foi um dos mais corajosos lidadores da independencia, pela guerra do Madeira, na Bahia. Dizem-no quantos com elle militaram ; confirma-o a historia. A testemunhos tão sagrados que vão accrescentar elogios meus?

Que te coube uma c'roa de café.

Pag. 104.

Não é novidade. — Entre os romanos, depois de certo periodo, assentou-se em ser a coroa de loiro privativa do grande triumpho, como do pequeno, denominado *ovação*, a coroa de myrtho. Myrthos, nem loiros não os quizemos nós, pela definitiva proclamação da independencia, na risonha patria de

Digitized by Google

Paraguassu. Victoriosos, adoptámos, para a entrada triumphal no recinto da cidade, a capella de folhas de caféseiro, que, como um symbolo glorioso, realçam no estandarte nacional.

—

UM CONTO, AO LUAR.

Pag. 113.

Eis-aqui uma das minhas bagatellas poeticas, a que consagro estima particular, e que acaso alcançará a sympathia, se não do público lettrado, ao menos do povo, que pelo coração, mais que pelo espirito, afere as coisas que lhe dão a ler a elle. O coração indubitavelmente lhe ha de tocar estes versos, desaffeitados e chãos. Tal é o unico valor delles, os pobresitos.

O corneta, de que falla o conto do sertanejo, é um soldado portuguez, ao serviço do Brazil, que, pela guerra da independencia, na Bahia, representára um papel curioso no recontro de 8 de novembro de 22. Vou referir por de leve as particularidades do caso, recordando-me dos esclarecimentos que sôbre elle me forneceram as *Memorias Historicas e Politicas*, de Accioli, anteriormente citadas.

O exército nacional fazia frente, no sitio do Cabrito, ás tropas luzitanas. Estas, depois de algumas horas de fogo, bem alentado de parte á parte, de subito cuidam em cortar a retaguarda dos pontos em que campeiavam nossos soldados, avançando açodadamente em uma direcção, que lhes facilitava o bom exito do plano. As nossas praças, minguadas em numero, viram-se logo no embaraço de continuar o combate. A prudencia militar aconselhava a retirada; e, com effeito, dá-se a voz de retirar. O corneta Luiz Lopes, deliberada ou involuntariamente, ao revez do signal intimado, pega de um clarim, que comsigo trazia, e entra a tocar como um insensato a avançar e a degolar. Senão quando, o inimigo, que presume haver cavallaria de refôrço, intimida-se, e foge em debandada.

Abençoada desobediencia a do corneta, a cuja boa manha se deveu o feliz successo de uma *acção* de grande alcance, para o desenlace da lucta, e na qual, — é notorio, — tanto se avantajaram, de sua parte, os soldados que expedíra esta provincia em apoio de sua irman.

—

Digitized by Google

CANTO PATRIOTICO.

Pag. 127.

Recitado no alvoroço embriagador de um festim, com que estudantes bahianos commemoraram, n'esta capital, o anno p. p.,o maior dia da sua terra natal, e um dos maiores dos annaes brazileiros, o dia 2 de julho.

Ainda hoje me regozijo, quando me lembra, que as pessoas as mais gradas e reputadas da provincia, de um e outro sexo, se dignaram abençoar o pensamento elevado d'aquelles mancebos, honrando-os com a sua presença na modesta funcção.

—

OS MARTYRES DA LIBERDADE.

Pag. 131.

A proposito, não posso deixar de pôr em relêvo os nomes de meu veneravel Parente, Pedro Jacome Doria, e Siqueira, victimas heroicas da nossa independencia. Não só a Bahia, seu berço, mas o Brazil inteiro não os esquecerá nunca. Esquecê-los, fôra uma ingratidão, isto é, um crime.

LIVRO II.

—

A COROA DO POETA.

Pag. 147.

Esta é uma pobre flor, que deponho sobre as cinzas de um amigo, que me deparára a boa fortuna, no começo da minha adolescencia, quando eu estava ainda no collegio.

O nome de Junqueira-Freire pertence ao necrologio dos genios modernos do Brazil, que teem expirado na aurora da

Digitized by Google

mocidade. Figura honrosamente entre os de Alvares de Azevedo e Franco de Sá. Poeta de estro sublime como elles, Junqueira Freire deixou em paginas preciosas estampado o seu esplendido talento. Por ora, só conhecem-lhe as *Inspirações do Claustro*. É quanto basta, para servir-ihe de caução á sua glória.

—

MOCIDADE E FUTURO.

Pag. 251.

É uma poesia, que foi recitada, a 5 de setembro do anno preterito, em sessão magna do Atheneu Pernambucano, sociedade litteraria dos estudantes da Faculdade de Direito d'esta cidade, que subida honra lhes faz. Solemnisavam então o anniversario da sua inauguração e mais o da creação dos cursos juridicos do Imperio. Saíu impressa em um dos numeros do periodico da mesma sociedade, cujo nome tem.

LIVRO III.

—

O POVO.

Pag. 275.

Quem não leu ainda o *Livro do Povo*, de La Mennais ? Meio namorado do estylo e do tom d'essa obra, tão verdadeira, e, portanto, tão eloquente,—uma das primeiras que folheei, quando comecei a tomar gôsto pelas lettras, — escrevi os meus versos. Meu Pae, meu unico mentor, desde meus verdes annos, até em materia de poesia, ouvindo-m'os, notou-lhes um certo desafôgo, licito sim, mas que não agradaria a alguns ouvidos demasiado melindrosos. Modificados na essencia, publiquei-os, aqui, em 57, em um bello jornal, especialmente religioso, o *Progresso*.

Tanto teem elles de religiosos !

—

Digitized by Google

SAN' THOMÉ.

Pag. 285.

Em Sebastião da Rocha Pitta, o nosso chronista poeta, achará o leitor, para saciar sua curiosidade, os promenores do facto de que resa esta lenda. Com autoridades venerandas é por elle apoiada a veracidade do milagre. Não sou eu quem irá discuti-lo.

Escrevi a lenda, de tres annos a esta parte, para o bom povo da minha terra natal, do qual ouvi, de tamanino, a *historia* de San' Thomé.

Lembra-me bem que, em algum tempo, visitei, na Bahia, o interessante sítio que, em sua peregrinação mysteriosa pelo Brazil, habitára o Apostolo, e a que emprestára seu nome. Ahi ha uma fonte, em cuja visinhança indigitaram-me a pedra que, sem embargo do tempo que tudo oblitera, conserva impresso, vivo e fundo, o molde do pé do sancto. Ahi mesmo foi que os indigenas, ao entender do imaginoso chronista, o accommetteram e forçaram-no a tomar o caminho das ondas, sôbre as quaes desapparecêra a prumo e desassombrado.

Sabe-se, que o assumpto da lenda já fôra elegantemente celebrado em algumas estrophes do nosso antigo epico, Sancta Rita Durão. Recentemente, o afamado autor dos *Suspiros poeticos* tambem cantou, por alto, na *Confederação dos Tamoyos*, a tradição popular. Apoderei-me d'ella; porque é mais particularmente conhecida na minha provincia, á qual pertence quasi toda.

—

A JOÃO CAETANO.

Pag. 295.

Não exprime uma dadiva o offerecimento de algumas estrophes minhas á vocação scenica a mais robusta, que ainda produziu nossa terra: com elle tive em mira apenas, pagar, por minha vez, o tributo de admiração que, de pleno direito, compete ao talento.

Aproveito a opportunidade, para repetir meu voto de gratidão ao Talma brazileiro, pelos modos particularmente anima-

Digitized by Google

dores com que me acolheu, logo depois de recitada a minha tosca trova, no theatro de Sancta-Isabel, d'esta provincia, por volta de dois annos.

—

MEU ANJO DA GUARDA.

Pag. 345.

É dos meus tempos de collegio esta producção. Foi escripta, em 53, na convalescença de uma enfermidade, que lá me accommetteu, e que quasi me ia dando cabo da vida. Ainda bem fresca se me estampava na memoria a *visão*, que lhe serve de assumpto, e que, de feito, povoára um dos sonhos singulares que tive, durante a febre, intensa e pertinaz, que acompanhou essa enfermidade.

Não tive ánimo de eliminar da selecção — esta trova. É a unica que não está comprehendida no cyclo das outras. Retoquei-a, aqui e alli, na dicção e no metro ; mas o pensamento, esse deixei-o intacto e inteiro, em toda a candura dos meus dezesete annos.

—

SE EU AGORA MORRER.

Pag. 383.

Em principios de 56, a *cholera-morbus*, que salteiára minha provincia, estendeu-se, assoladora e temerosa, ao longo do littoral, e chegou á minha ilha, onde então estava eu. Os versos, a que se prende o titulo ácima, tracei-os então com a mesma penna com que, na ausencia de meu Pae, eu respondia a uma carta, que pedia para um parente nosso que perto agonisava, victima do flagello, uma sepultura no chão da capellinha, que fica para a extremidade septentrional da ilha. Entre os prantos de minha Mãe, acompanhados pelos da familia, subscrevi esse meu como testamento poetico. Sabe Deus, só Deus sabe, quanto me custou arrostar aquella geral consternação!

—

Digitized by Google

GONZAGA.

Pag. 397.

Não consta, que Gonzaga houvesse cantado em seu exilio, na ilha de Moçambique. Entretanto, esta composição o apresenta vibrando os derradeiros sons da lyra, poucos momentos antes de enlouquecer. A verdade historica não póde reclamar contra a supposição poetica.

Quem fôra capaz de sentir a electricidade da inspiração, na cadeia do Rio-de-Janeiro, em meio de scenas lugubres e de tristes noticias ; quem fôra capaz de derramar suas penas em endechas lacrymosas e eloquentes, torturado pela sciencia de sua injusta condemnação, e prestes a deixar, stigmatisado pela lei e pelos homens, o que de mais caro ao coração possuia, é inverosimil, que tambem se podesse abandonar aos transportes da poesia, n'aquella tremenda crise, em que a agitação febril do espirito lhe preludiava a aproximação da demencia ?

Dirão, que a turbação e fraqueza doentia das suas faculdades não lh'o permittiria ? Mas vejam, que o Byron põe na bocca do Tasso, que estava recolhido a um carcere, por louco, a *Lamentação*.

> Tal foi o teu destino deploravel
> Meu pranteiado irmão !

Pag. 405.

Allude a Joaquim José da Silva Xavier, que, como autor principal da projectada conspiração de Minas, o justiçaram, no Rio.

> Ai ! porque de Caín o desatino,
> Philosopho e christão, Claudio, imitaste ?

Pag. 407.

Falla de Claudio Manoel da Costa, reputado um dos chefes da supramencionada conspiração.

Digitized by Google

Digitized by Google

INDICE.

—

LIVRO PRIMEIRO.

Advertencia dos editores VII
Prologo IX
A ilha 3
O sol nascente 7
Pedro I 13
O tronco da mangueira 19
Canção 23
O pyrilampo 27
A ilhoa 31
O dois de julho 37
A missa do gallo 43
Vulto 49
Sitio bello 51
Ruinas 55
Ardentia 61
Labatut 65
Sou o mesmo 69
Vem ! 73
A ilha mysteriosa 77
A heroina 81
Tardes de ocio 85
Jorge d'Albuquerque. — *A O. da Gama Lobo* .. 89
A sombra da floresta 99

Digitized by Google

Ao Brigadeiro J. Leite Pacheco..... 103
A mangueira..... 107
Um conto, ao luar..... 113
O amor perpétuo..... 117
O raio..... 123
Canto patriotico..... 127
Os martyres da liberdade..... 131

LIVRO SEGUNDO.

Hoje..... 137
A minha mãe..... 141
A coroa do poeta..... 147
A felicidade..... 151
O genio..... 157
Amor e saudade..... 161
A cega..... 163
Echo sympathico..... 169
Incerteza..... 171
Só !..... 173
Recordação..... 177
Esperança morta..... 181
Emudeça a lyra !..... 185
Os apostolos..... 189
A Pedro de Calasans..... 193
Um momento..... 197
O perdão do Christo..... 201
Fadario..... 211
Dona Sancha..... 213
O moribundo..... 217
Canto do coração..... 223
A namoradeira..... 227
Canções do libertino :
I Amores..... 231
II O charuto..... 235
III O vinho..... 239

Digitized by Google

Recordação de um sonho..... 243
Consorcio..... 247
Mocidade e futuro..... 251
A esperança..... 257
Depois do baile..... 259
Contemplação..... 265
Saudades..... 269

LIVRO TERCEIRO.

O povo..... 275
Contraste..... 283
San' Thomé..... 385
Monodia á memoria de M. A. Alvares d'Azevedo. — *A seu digno irmão J. I. Alvares d'Azevedo*..... 289
A João Caetano..... 295
O mundo do poeta..... 299
Como se ama?..... 303
O retracto de minha Mãe..... 307
Á memoria de minha Irman..... 313
Meu Anjo da guarda — Visão..... 315
Lagrymas..... 321
Jasmim..... 323
A somnambula..... 325
Extasis..... 333
Morbida..... 335
Delirio..... 339
A dadiva..... 345
Confôrto..... 351
Um nome..... 355
Endecha..... 359
O canal..... 363
O dia dos finados..... 367
Alma dos prados..... 373
A noiva..... 379

Digitized by Google

Se eu agora morrer..... 383
A confissão..... 387
A oração..... 391
Gonzaga. — *Ao Illm. Sr. Dr. José Soares d'Azevedo*..... 397
Notas..... 415

FIM DO INDICE.

Digitized by Google

ERRATAS.

Pag.	Linh.	Err.	Emend.
XII	24	Outras	Muitas
70	14	ainda	inda
116	15	infautil	infantil
195	14	enredam,	entranham,
203	4	Co'o	Com
206	11	Ouvio-o	Ouvi-o
207	2	Para	P'ra
240	13	mimosa	mimoso
332	3	elle	ella
341	8	tinha,	tinha
342	19	Alvas	D'alvas

No alto de algumas paginas que se referem á divisão do livro segundo, em logar do Livro I, leia-se Livro II.

Pernambuco — Typographia Universal — 1859.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google